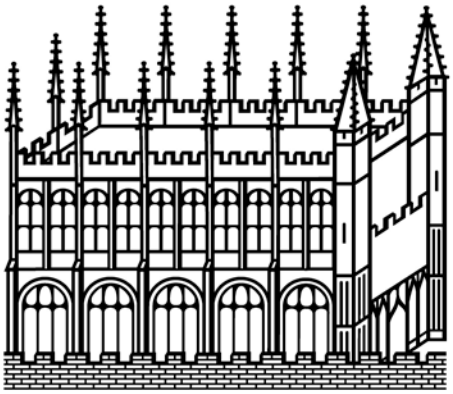

Bodleian Libraries

UNIVERSITY OF OXFORD

This book is part of the collection held by the Bodleian Libraries and scanned by Google, Inc. for the Google Books Library Project.

For more information see:

http://www.bodleian.ox.ac.uk/dbooks

This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 2.0 UK: England & Wales (CC BY-NC-SA 2.0) licence.

~~326 a 36~~ ST. GILES', OXFORD
OX1 3NA.

4.7.2000

FPP . 515.A.1

BY MALTBY, OXFORD

CORRESPONDENCIA

Obras de EÇA DE QUEIROZ

O Crime do Padre Amaro, 1 vol.
O Primo Bazilio, 1 vol.
O Mandarim, 1 vol.
Os Maias, 2 vol.
A Reliquia, 1 vol.
Correspondencia de Fradique Mendes, 1 vol.
A Illustre casa de Ramires, 1 vol.
A Cidade e as Serras, 1 vol.
Prosas Barbaras, 1 vol.
Contos, 1 vol.
Cartas de Inglaterra, 1 vol.
Cartas familiares, 1 vol.
Ecos de Paris, 1 vol.
Notas contemporaneas, 1 vol.
Ultimas paginas (manuscriptos inéditos), 1 vol.
As Minas de Salomão (traducção), 1 vol.

OBRAS POSTHUMAS PUBLICADAS:

A Capital, 1 vol.
O Conde d'Abranhos, 1 vol.
Alves & C.ª, 1 vol.
Correspondencia, 1 vol.

NO PRÉLO:

A tragedia da rua das Flôres, 1 vol.
Paginas esquecidas, 1 vol.
Notas de viagem, 1 vol.

Preços, vêr a tabella em vigor.

A propriedade litteraria e artistica está garantida em todos os paizes que adheriram á convenção de Berne. — (Em Portugal, pela lei de 18 de Março de 1911. No Brazil pela lei n.º 2.577 de 17 de Janeiro de 1912).

ARTES GRAFICAS — PÔRTO

Eça de Queiroz

EÇA DE QUEIROZ

CORRESPONDENCIA

TERCEIRA EDIÇÃO

PORTO
Livraria Chardron, de Léllo & Irmão, L.da
editores — Rua das Carmelitas, 144
Aillaud e Bertrand – Lisboa-Paris

1928

LIBRARY OF THE TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY
3 JAN. 1936
OF OXFORD

INTRODUCÇÃO

EÇA DE QUEIROZ E FRADIQUE MENDES

Receio que este titulo laconico, grave, quasi severo, CORRESPONDENCIA, não seja o mais apropriado ao volume ligeiro que hoje venho apresentar ao publico ; receio mesmo que elle vá induzir o leitor em erro, fazendo crer que se trata de lhe offerecer uma obra profusa e didactica, toda uma correspondencia de Eça de Queiroz, a sua obra epistolar completa, organizada e classificada, como se tem feito, e se continua fazendo, para Voltaire, Balzac, Flaubert, e tantos outros que superiormente marcaram no seu tempo, pela arte ou pelo pensamento.

A realidade, porém, é bem diversa : o pequeno volume que hoje lançamos a publico não passa d'uma breve collecção de cartas, escolhidas com paciencia e escrupulo, e que, pela elegancia da fórma ou os assumptos que versam, me pareceram dignas de publicidade. E comtudo, foi muito pensadamente que escolhi este titulo generico, laconico, grave, que de certo sugere uma obra mais vasta e mais completa : CORRESPONDENCIA.

Duas razões, dois sentimentos, influiram n'esta escolha : a esperança de que essa obra mais completa e mais vasta seja

um dia uma realidade — e a recordação da CORRESPONDENCIA DE FRADIQUE MENDES.

Com effeito, para mim, este pequeno volume representa apenas uma base, um esboço, o ponto de partida d'uma importante publicação, d'uma larga obra de estudo e de arte, a verdadeira CORRESPONDENCIA DE EÇA DE QUEIROZ, organizada e definitiva, e que será, além do «commentario constante que acompanhe e illumine a sua obra», o espelho em que possamos seguir com precisão a sua vida intima, e nos ajude a discernir, sob o escriptor humoristico e um pouco irreverente que o grande publico se habituou a conhecer, o homem encantador, simples, fino e infinitamente bondoso que elle era na realidade.

Assim, o livro de trezentas paginas vae adeante da obra definitiva, como arauto e mensageiro, annunciando já o volume futuro, e, quem sabe, servindo-me talvez de intermediario junto d'aquelles que ainda possuem cartas ineditas de meu Pae, e a quem não recorri directamente, por ignorancia, acanhamento ou escassez de tempo.

Quanto ao segundo motivo que me levou a adoptar desde

Já o titulo sobrio e grave de CORRESPONDENCIA, elle explica-se por si mesmo. Com effeito, a idéa das cartas de Eça de Queiroz não podia deixar de me trazer ao espirito a recordação das cartas de Fradique Mendes, porque, para aquelles sobretudo que o conheceram, pensar em Eça de Queiroz é evocar parallelamente a figura intima e intellectual de Fradique. Não, de certo, que o estudo, a apresentação de Fradique que precede a sua correspondencia, seja de facto uma autobiographia — mas as reminiscencias são tantas, tantas as semelhanças e os pontos de contacto, que é por vezes difficil separar o biographo do biographado. Se os detalhes nem sempre coincidem, as caracteristicas dominantes nunca divergem: mesmos gostos, mesmas aspirações d'elegancia, mesma idolatria da fórma, mesma universalidade de interesses intellectuaes, mesma percepção extraordinaria da realidade, mesma altiva independencia, mesma reserva discreta sobre os sentimentos intimos, mesmos instinctos de «andadores de continentes», mesmo estylo, mesma letra, mesmo papel, mesmo alfaiate! Por todo o estudo sobre Fradique enxameam estas semelhanças, estes pontos de contacto, estes traços que parecem con-

fissões. Nas cartas, sobretudo, há detalhes que são verdadeiras reminiscencias — e eu por mim creio bem que, ás vezes, Fradique compunha cartas que Eça de Queiroz já escrevera!

De facto, seria necessario um volume para respigar, através da CORRESPONDENCIA DE FRADIQUE MENDES, tudo quanto no desenho da figura intellectual e moral de Fradique pertencia na realidade á individualidade do seu auctor — mas eu não pretendo, nem de resto me compete, traçar aqui esse parallelo tão superiormente interessante. Pretendo apenas apresentar com singeleza, um volume que organizei com devoção... Apresental-o, e tambem justifical-o — se é que a publicação da correspondencia particular d'um homem célebre careça ainda hoje de justificação. O assumpto, porém, tantas vezes foi debatido, tantas têm sido as discussões sobre se ha o direito de desvendar os escriptos intimos d'um artista, que não me parece demasiado vir lançar a minha contribuição na balança. E para dar mais peso ao meu argumento, para que elle de facto seja irrespondivel, irei pedil-o ao proprio Fradique, isto é, ao proprio auctor das cartas que hoje se entregam á publicidade, já que Eça de Queiroz, quando fallava de

Fradique, fallava de si mesmo—e Fradique, quando escrevia, fazia-o pela penna de Eça de Queiroz.

De resto, os trechos da CORRESPONDENCIA DE FRADIQUE MENDES que transcrevo adeante, são, mais que nenhuns outros, d'aquelles em que o auctor se confessa e se descreve. Bastaria trocar o nome, pôr EÇA onde está FRADIQUE, para lhes dar absoluta verdade historica. Através d'elles, reconheço, não só o homem, mas as idéas — e possuo mesmo ainda o volume da CORRESPONDENCIA DE DOUDAN que as inspirou. São bem do meu Pae esses « quietos habitos a que se acolheu depois de 1880 aquelle andador de continentes ». Conheço bem essas « esplendidas folhas de Whatman » em que escrevia, eburneas, fortes, consistentes, tendo ao alto as iniciaes — E. Q. — « minusculas e simples, em esmalte escarlate ». Reconheço sobretudo essa letra inconfundivel, « singularmente desigual, ora cerrada e fina, mordendo o papel, ora mais fluida e rapida, lançada com facilidade e largueza, nos momentos d'abundancia e veia . . . »

Ao reler esses trechos, chega-se a perder a noção exacta da realidade: n'elles o auctor e o seu personagem deixaram

de ter individualidades distinctas, juntaram-se, fundiram-se um no outro, definitivamente, e, desde o desenvolvimento das idéas até ao formato do papel que usava, ficou deante de nós um só homem, com os seus gostos, os seus habitos, as suas feições intimas, a sua individualidade propria. E esse homem, — não podendo ser Fradique, que nunca existiu — é necessariamente Eça de Queiroz, o inventor de Fradique. Por isso, melhor que nenhuns outros, os trechos que se seguem, explicam, apresentam e justificam este livro.

« Se a vida de Fradique foi assim governada por « um tão constante e claro proposito de abstenção e « silencio — eu, publicando as suas Cartas, pareço « lançar estouvada e traiçoeiramente o meu amigo, « depois da sua morte, n'esse ruido e publicidade « a que elle sempre se recusou por uma rigida pro- « bidade de espirito. E assim seria — se eu não « possuisse a evidencia de que Fradique incondicio- « nalmente aprovaria uma publicação da sua Corres- « pondencia, organisada com discernimento e carinho.

« Em 1888, n'uma carta em que lhe contava uma « romantica jornada na Bretanha, alludia eu a um li- « vro que me acompanhára e me encantára, a COR- « RESPONDENCIA DE XAVIER DOUDAN.

. . . . . .

« Fradique, na carta que me volveu, toda occu- « pada dos Pyrenéos onde gastára o verão, accrescen- « tava n'um *post-scriptum* : — « A Correspondencia de « Doudan é realmente muito legivel ; ainda que atra- « vés d'ella apenas se sente um espirito naturalmente « limitado, que desde novo se entranhou no doutri- « narismo da escola de Genebra, e que depois, cahido « em solidao e doença, só pelos livros conheceu a « vida, os homens e o mundo. Li em todo o caso « essas cartas — como leio todas as collecções de « Correspondencias, que, não sendo didacticamente « preparadas para o publico (como as de Plinio), « constituem um estudo excellente de psychologia e « de historia. Eis ahi uma maneira de perpetuar as « idéas d'um homem que eu afoutamente aprovo —

« publicar-lhe a correspondencia ! Ha desde logo esta
« immensa vantagem : — que o valor das idéas (e por-
« tanto a escolha das que devem ficar) não é decidido
« por aquelle que as concebeu, mas por um grupo de
« amigos e de criticos, tanto mais livres e mais exi-
« gentes no seu julgamento quanto estão julgando
« um morto que só desejam mostrar ao mundo pelos
« seus lados superiores e luminosos. Além d'isso uma
« Correspondencia revela melhor que uma obra a in-
« dividualidade, o homem ; e isto é inestimavel para
« aquelles que na terra valeram mais pelo caracter
« do que pelo talento. Acresce ainda que se uma obra
« nem sempre augmenta o peculio do saber humano,
« uma Correspondencia, reproduzindo necessariamente
« os costumes, os modos de sentir, os gostos, o pen-
« sar contemporaneo e ambiente, enriquece sempre o
« thesouro da documentação historica. Temos depois
« que as cartas d'um homem, sendo o producto
« quente e vibrante da sua vida, contêm mais ensino
« que a sua philosophia — que é apenas a creação

« impessoal do seu espirito. Uma Philosophia offe-
« rece méramente uma conjectura mais que se vai
« juntar ao immenso montão das conjecturas : uma
« Vida que se confessa constitue o estudo d'uma rea-
« lidade humana, que, posta ao lado de outros estu-
« dos, alarga o nosso conhecimento do homem, unico
« objectivo *accessivel* ao esforço intellectual. E final-
« mente, como *cartas são palestras escriptas* (assim
« affirma não sei que classico), ellas dispensam o re-
« vestimento sacramental da *tal prosa como não ha*...
« Mas este ponto precisava ser mais desembrulhado
« — e eu sinto parar á porta o cavallo em que vou
« trepar ao pico de Bigorre. »

« Foi a lembrança d'esta opinião de Fradique, tão
« clara e fundamentada, que me decidiu, apenas em
« mim se foi calmando a saudade d'aquelle camarada
« adoravel, a reunir as suas cartas para que os ho-
« mens alguma coisa pudessem aprender e amar
« n'aquella intelligencia que eu tão estreitamente
« amára e seguira. A essa carinhosa tarefa devotei

« um anno — porque a correspondencia de Fradique,
« que, desde os quietos habitos a que se acolhera de-
« pois de 1880 aquelle « andador de continentes », era
« a mais preferida das suas occupações, apresenta a
« vastidão e a copiosidade da correspondencia de Ci-
« cero, de Voltaire, de Proudhon, e d'outros podero-
« sos remexedores de idéas.

« Sente-se logo o prazer com que compunha estas
« cartas na fórma do papel — esplendidas folhas de
« Whatman, eburneas bastante para que a pena cor-
« resse n'ellas com o desembaraço com que a voz
« corta o ar; vastas bastante para que n'ellas cou-
« besse o desenrolamento da mais complexa idéa;
« fortes bastante, na sua consistencia de pergaminho,
« para que não prevalecesse contra ellas o carcomer
« do tempo.

« Estas dispendiosas folhas têm todas a um canto
« as iniciaes de Fradique — F. M. — minusculas e
« simples, em esmalte escarlate. A letra que as enche,
« singularmente desigual, offerece a maior similitude

« com a conversação de Fradique : ora cerrada e fina,
« parecendo morder o papel como um buril para con
« tornar bem rigorosamente a idéa ; ora hesitante e
« demorada, com riscos, separações, como n'aquelle
« esforço tão seu de tentear, espiar, cercar a real rea-
« lidade das coisas ; ora mais fluida e rapida, lan-
« çada com facilidade e largueza, lembrando esses
« momentos de abundancia e de veia que Fontan de
« Carmanges denominava *le dégel de Fradique*, e em
« que o gesto estreito e sobrio se lhe desmanchava
« n'um esvoaçar de flammula ao vento.

. . . . . .

« Inutil seria de certo, n'estas laudas fragmentaes,
« procurar a summa do alto e livre Pensar de Fra-
« dique ou do seu saber tão fundo e tão certo. A
« correspondencia de Fradique Mendes, como diz fi-
« namente *Alceste — c'est son genie qui mousse*. N'ella,
« com effeito, vemos apenas a espuma radiante e
« ephemera que fervia e transbordava, emquanto em
« baixo jazia o vinho rico e substancial... Mas,

« assim ligeira e dispersa, ella mostra todavia, em « excellente relevo, a imagem d'este homem tão su- « periormente interessante em todas as suas manifes- « tações de pensamento, de paixão, de sociabilidade « e de acção ».

Depois d'estas transcripções, não só me competia — mas sobretudo me convinha — guardar um silencio discreto. Esse silencio, só o quebro impellido por um dever de gratidão : deixar aqui expresso o meu reconhecimento enternecido a todos aquelles que tão generosamente me facultaram as cartas agora reunidas, e que fórmam, segundo eu creio, entre os livros já numerosos da obra de meu Pae, um dos volumes mais encantadores e da mais amavel, elegante e fina originalidade.

Granja, 1925.

JOSÉ MARIA D'EÇA DE QUEIROZ

I

A Eduardo Coelho

Leiria, Agosto de 1870.

Meu caro Eduardo Coelho

Escrevo-lhe do meu exilio administrativo. Aborreço-me como Ovidio desterrado e como Francisco I prisioneiro. Penso na guerra: eis a minha occupação. Todas as manhãs applaudo as derrotas do segundo imperio; todas as tardes lamento as humilhações da França.

Ahi está, meu caro Eduardo, porque lhe escrevo a pedir-lhe que seja longo nos seus *comptes-rendus* militares, que devoro cheio de gula, e que me mande o mappa da guerra que ahi ha pouco publicou.

E o nosso *Mysterio?* Mysterio!... [1]

É o caso de cantar como nas operas comicas de Scribe:

Quel est donc ce mystère?

Mil saudades. Mande o mappa!

Et nunc et semper

EÇA DE QUEIROZ.

---

[1] Allusão ao *Mysterio da Estrada de Cintra* que então se estava publicando em folhetins no *Diario de Noticias*.

II

A Ramalho Ortigão

Havana, 1873.

Meu querido Ramalho

Recebi no correio passado a sua carta e as suas *Farpas*. Por uma e as outras fiquei extremamente alegre, porque, desde que eu sahi de Lisboa, você não me tem acostumado a estas amabilidades. Avaro da sua prosa, como se diz que o *General Grant* o é das suas palavras, você tem-me deixado aqui, oh! barbaro amigo, sem a consolação profunda que sabe me daria a sua conversação escripta. No entanto, apezar da boa vontade que eu tinha de ser n'esta carta aspero, doutoral, pedagogo e mal hu-

morado — não posso deixar de lhe mandar, com os mais extremosos abraços, parabens pelo espirito que você está derramando a *pennas cheias* sobre esse canto do mundo.

O seu 1.º numero, a *sós*, das *Farpas*, era simplesmente relampejante de humorismo ; o 2.º é inferior — mas ha n'elle espirito ainda bastante para alimentar um Paris de provincia durante uma semana. Você estava de certo triste quando escreveu este 2.º volume : elle ri, é certo, mas com um riso murcho, triste e descontente. Não se descuide de ser alegre : só a alegria dá alma e luz á Ironia — á Santa Ironia — que sem ella não é mais que uma amargura vazia. Como diabo conseguiu você não estar alegre ? Não suppunha isso possivel á sua forte natureza côr de sangue feliz.

Emquanto a mim, meu amigo, que lhe direi que você não tenha concebido ? Estou longe da arte e portanto longe da serenidade e do contentamento. Sahi da minha atmosphera e vivo inquieto, n'um ar que não é o meu. Além d'isso, estou longe da Europa e você sabe quão profundamente somos europeus, você e eu. Isto aqui — ou pelo seu mau lado hespanhol, ou pelo seu curioso feitio americano (dos Estados Unidos), é muito differente d'aquillo que eu preciso. Eu preciso politica, critica, corrupção litteraria, humorismo, estylo, co-

lorido, palheta ; aqui, estou mettido n'um hotel, e quando discuto, é sobre cambios — e quando penso, é sobre *coolies*.

Portanto, oh, querido amigo, você alegre-se em poder continuar n'esse *obscuro e velho armario* que se chama Portugal, relampejando a sua prosa e ferindo lume com a sua originalidade. Que ha de melhor do que sentar-se o ser vivo a uma mesa — de ebano ou de pinho — e aparando a penna, compôr ás linhas e *à petites plumées*, alguma fina subtileza de arte ou de critica ? — Não ha nada melhor. Eu que o diga — eu, que á hora em que você arregaça os punhos para amassar a verdade e deital-a ao forno das *Farpas* — me preparo para ir convencer o Capitão General de que os chinas não são inteiramente inferiores aos cães — ou visto a *casaca-arreio*, para ir para a sala do hotel, conversar sobre cousas graves com os americanos de New-York, que estão aqui « *a ares !* »

Portanto, querido, digira bem a sua felicidade. Mil saudades á snr.ª D. Emilia, e beijos mil aos pequenos.

Seu, sempre

EÇA DE QUEIROZ.

Recados aos amigos d'ahi.

III

A Ramalho Ortigão

1873.

Querido, inesquecivel Ramalho

Antes de tudo, um longo, interminavel abraço. Agora conversemos : pouco — porque, como V. vê, escrevo-lhe do Consulado, entre muitos affazeres, antes de se fechar a mala.

A sua carta fez-me bem : se ha oito mezes que eu não sentia a frescura do bom, do amigavel espirito de que V. tem o segredo ! Feliz homem ! Aos 35 annos — 35 ou 45, velhote ? — com uma saude de ferro, um espirito de lume, uma bondade d'anil — que diabo póde V. querer mais? E eu, aos 26 —

demos que sejam 27 — quebrado d'espirito, secco, estupido, adoentado, *poussif* e . . .

Veio agora um portuguez interromper-me e assim passo a outro assumpto.

Em toda a sua carta nem uma palavra das *Farpas!* Que lhes fez ? Suffocou-as como viboras impacientes ? Abandonou-as como armas inuteis ? Esquivou-se-lhes como a uma *lorette* compromettedora ? Que lhes fez ? Depois do seu 1.º numero a sós, tão brilhante, do segundo, tão bem feito, não posso suppôr que um desalento d'espirito, uma desconfiança injusta de si mesmo, o obrigassem a pôl-as de parte como fardos pesados e esmagadores. Portanto, que lhes fez ? — Resposta immediata.

De mim, que quer que lhe diga ? Estou aborrecido, doente e estupido. As familias com quem convivi aqui, no inverno, e que eram de New-York, voltaram para New-York ; os livros, não os abri desde que deixei Portugal ; a saude, o verão abrazador e implacavel está-m'a perturbando. Estou tão só que a minha conversação ordinaria é com o meu creado ; estou tão imbecil que leio Paulo de Kock ! (É a verdade exacta).

Por isso, amigo, não creia que eu deva julgar-me feliz por me achar longe da infecção do Chiado. Ai ! como Madame de Staël, eu tenho saudades do enxurro do Rocio. — Você não comprehende

de certo este sentimento, porque nunca esteve exilado. O exilio importa a glorificação da patria. Estar longe é um grande telescopio para as virtudes da terra onde se vestiu a primeira camisa. Assim, eu, de Portugal, esqueci o mau — e constantemente penso nas bellas estradas do Minho, nas aldeolas brancas e frias — *e frias !* — no bom vinho verde que eleva a alma, nos castanheiros cheios de passaros, que se curvam e roçam por cima do alpendre do ferrador . . .

Estou ridiculo ? melhor ! Ser ridiculo é não se parecer com os insipidos. Mas o que não estou é condescendente com esta terra estupida para onde vim, embrulhado n'um decreto, impellido por um tratado. Oh ! a estupida, feia, suja, odiosa, ignobil cidade ! Oh ! a grosseira gente ! Oh ! as ridiculas calças que usam ! Oh ! a infecta prosa dos jornaes ! Oh ! o ar de suor que tudo tem ! — Ah ! meu amigo, esta cidade, esta gloriosa e ardente e pallida terra das cantigas de zarzuella — que miseravel aldeia é, com todos os seus palacios, com todos os seus trens puxados a 4 cavallos cobertos de prata ! Ah ! a miseravel, subalterna, rasteira maneira d'estes espiritos ! Ah ! as mesquinhas preoccupações d'estes sentimentos ! Ah ! o terrivel preço de uma camisa ! Ah ! o mau vinho ! E os sujos hoteis ! E as pintadas mulheres ! Detesto-a, esta ci-

dade esverdeada e millionaria, sombria e ruidosa, — este deposito de tabaco, este charco de suor, este estupido paliteiro de palmeiras ! Ah ! meu amigo — quem me dera a rua dos Caetanos ! [1]

Desculpe a minha colera — mas ella nasce d'um tedio sem limites e d'um despeito cruel : o despeito de me sentir um pobre diabo d'artista, encaixado n'uma funcção official, e de ter de pautar o senso artistico pelo codigo consular.

Querido, estou furioso — e tenho de responder a quatro chinas que me estão explicando — em chino — o que querem. Adeus. Saudades a sua mulher, querido, e beijos aos seus pequenos. Um longo abraço *across the water*, como dizem os americanos.

Seu do c.
QUEIROZ.

[1] Casa de Ramalho Ortigão, em Lisboa.

IV

A Ramalho Ortigão

Canadá — Montreal, 20 de Julho de 1873.

Querido e bom Ramalho

Querido: Estou em Montreal, capital do Canadá, como diz a data. Cheguei aqui, depois de uma excursão pelo Estado de Pensylvania, Niagara, lago Ontario — o lago Ontario de F. Cooper — rio St. Lawrence, etc. Ha vinte dias que sahi de New-York — e desde então não lhe tornei a escrever. Isto precisa d'uma humilde e envergonhada explicação. Eu escrevi-lhe de New-York uma longa carta, curiosa e interessante pelos seus pormenores americanos — e sei que V. não recebeu essa carta. E não a recebeu — porque, no dia em que eu sahi

de New-York, na occasião sempre triste e sempre confusa de fazer as malas, lacrei, cerrei a carta, escrevi-lhe uma *adresse* nitida e *soignée*, encarreguei-a de longas e longas saudades para levar através da agua, e depois, com toda a simplicidade d'um ser impeccavel, deitei-a — não na caixa do correio — mas na minha propria mala. Veio comigo. Mas a singularidade é que não veio toda: eu apenas tinha cerrado, lacrado, as duas ultimas folhas; as duas primeiras estão de certo em New-York, entre os meus papeis, *comme le tronçon du serpent.* Que quer? Se eu sahi de New-York tão triste, tão phantasticamente nervoso!... e ainda assim tão feliz!

Meu amigo — passemos. Eu estou aqui para conversar de cidades e de paisagens e não para escorregar nas tendencias perigosas da autobiographia.

Sahi, pois, de New-York, e fui aos centros operarios da Pensylvania. Não imagine preoccupações sociaes — não: os nervos mysteriosos que vibravam constantemente em mim com um rebate tão revolucionario, adormeceram. Os pesados dias de Cuba, os Americanos, tres mil leguas de mar; New-York — tudo isto se tem combinado para acalmar, socegar o meu temperamento de conspirador! Vejo capitalistas sem empallidecer — e che-

guei a poder examinar uma serra ou um martello sem sentir a necessidade de exhalar um hymno! Vem isto a dizer-lhe que fui ao centro fabril da Pensylvania, não para examinar o operario, mas justamente para visitar um capitalista. Occulte este ponto ao sanguinario Batalha! [1]

Estive em Pittsburg, cidade das grandes fabricas de ferro *(iron-works)* uns dez dias — dos mais singulares da minha existencia. Mas tudo isto pertence ás narrações do futuro — se Deus permittir que eu volte tranquillamente a tomar o meu logar ahi, ao pé do seu fogão, e continue a fumar aquelle maço de cigarros que V. ahi guarda para mim. Adiante.

De Pittsburg fui ao lago Erié — um vasto mar interior — e d'ahi ao Niagara. Estive no Niagara outros dez dias. Você de certo não espera que eu lhe narre aquella *maravilha da natureza*, como tão eloquentemente exclama o Felix Pereira no seu compendio de Geographia! O Niagara sacudiu-me porque eu estava só e descontente. Se estivesse com um amigo, consideraria que o Niagara é simplesmente um rio que desaba, e não teria extrahido d'aquella circumstancia natural e geologica outras

---

1 Jayme Batalha Reis.

imagens ou outras sensibilidades. Mas como estava só, a paisagem infinitamente dôce, vasta e plana das margens d'aquelle rio, sagrado na religião dos Indios, o mesmo facto da sua queda — aspecto horroroso e singularmente captivante — a belleza divina das pequenas ilhas que estão justamente no ponto em que o vasto rio cae na largura de duas milhas (!) — pequenas ilhas cheias de bosques, de flores, de sombras, de graça e de claridade, no meio da demencia pavorosa da queda — tudo aquillo me fez passar uns dias excessivamente nervosos e romanescos — e tanto — que deixei o Niagara e vim para o Lago Ontario.

Formoso, adoravel lago Ontario ! Só queria que V. o visse, immenso, azul, polido e liso como uma peça de setim azul em cima do mostrador . . . Perdôe, querido, esta imagem. Estou-lhe a escrever depois de jantar, um pouco pesado, e a minha maneira hoje deve resentir-se d'uma torta d'amoras que me não fez bem. Estou sem nitidez : além d'isso a penna é má — e V. sabe que grave influencia é esta.

Do lago Ontario, querido, vim, pelo rio St. Lawrence, a esta linda cidade do Canadá. Montreal é uma pequena cidade que se desejaria pôr n'uma *étagère*. Imagine que por causa da neve — é uma das cidades mais ao norte da America — os tectos

das casas, as cupulas das egrejas, os torreões, as torres das cathedraes, tudo é coberto de lata! Imagine isto visto de longe, por um dia de sol, faiscando, reluzindo, lucilando no meio d'uma espessura verde-escura d'alamedas, de bosques, de parques... É um encanto.

Póde-se dizer que em Montreal não ha ruas — mas alinhamentos de jardins. Toda a casa, com a sua grade á frente, está escondida n'uma mattazinha de arvores e de trepadeiras; ha mesmo uma rua — *Shorbroke* — que se póde considerar como digna de uma melhor sorte — porque não é destino para uma rua tão grandemente formosa estar perdida nas alturas do Canadá, quasi na intimidade do Pólo. Mas que rua, que casas, que interiores, que parques d'ambos os lados, na extensão de duas milhas! Só os ingleses sabem fazer isto, e por mim penso que alinhar com esta intensão artistica uma rua, é superior a ter feito a Venus de Medicis: é ao menos arte util e realista — e que realidade! — a que faz de cada familia, pela influencia imperativa da paisagem, da graça, da frescura, do ar salutar — um ninho de virtuosos. É necessario vir á America — a certas partes da America (não, por exemplo, a New-York ou a Philadelphia) — para se sentir e se saber o que é o *confortavel* na familia. Diz-se que os Americanos não têm arte: é verdade. Isto

tem suas razões, que não são do genero epistolar; mas tem sobretudo uma razão suprema: é que o seu genio artistico é inteiramente empregado na vida domestica. Construir, estabelecer, ornar, crear um interior — é no fim de tudo materia artistica, tanto como desenhar a tomada de Constantinopla; e eu, por mim, julgar-me-ia mais profundamente artista por ter creado aos *meus* um interior sabio, colorido, dôce, atrahente, influente, intelligente — do que em ter contado aos *outros* a *Historia da Sibylla* ou o que fez *Clémenceau.*

Perdôe estes americanismos — mas eu, a respeito d'arte, sou da opinião de *Marc Twain* — o grande humorista da California — que diz em geral das escolas de pintura que elle viu na Europa: *são lisonjeiros baixos da realeza, ou ingenuos servidores de padres: em resumo, uma corja!* Que lhe parece esta opinião sobre a Arte? Só um Americano diz isto — e o sente. Eu tambem o digo — mas não juro que o sinta! A que proposito vem isto? Não sei. Vou-lhe escrevendo e conversando — eis ahi.

V. poderia querer que eu lhe fallasse de New-York e dos Americanos. Mas esta carta vae longa e quem sabe o que o correio francez — esse pirata — lhe fará pagar por ella!

De New-York, dir-lhe-hei que é realmente a New-York da tradição europeia: — a grande, a extraordinaria, a estrondosa New-York. Na America não se tem comtudo esse amor de New-York, porque ha na União cidades rivaes. Philadelphia é New-York sem o deboche. Philadelphia é uma cidade muito moral — dizem aqui os *Quakers*. Os outros dizem que é simplesmente um alcouce. St. Luis, é outra cidade que não differe de New-York senão em ser mais bella na paisagem. Chicago, é a todos os respeitos melhor que New-York — e é sem duvida a mais extraordinaria cidade do mundo: na carta que lhe escrevi — e que V. não recebeu — eu dava-lhe pormenores curiosos sobre Chicago, que é a cidade-resumo do genio evolutivo das populações do Oeste. New-York tem, mais do que as outras, o elemento europeu, manifestado por estes factos — *lorettes*, restaurantes, *crevés*, escandalos, agiotagem —: é o que a faz superior. De resto é uma cidade que em parte amo e em parte detesto. Amo-a, porque... porque sim — e detesto-a, porque deve ser detestada. O que isto é, V. não imagina: a violenta confusão d'esta cidade, o extraordinario deboche, o horror dos crimes, a desordem moral, a confusão das religiões, o luxo desordenado, a agiotagem febril, a demencia dos negocios, os refinamentos do conforto material, os

roubos, as ruinas, as paixões, os egoismos — tudo isso está aqui *chauffé au rouge.* Isto não póde durar, todo o mundo o diz.

É uma cidade que tem cem annos e que está pôdre : está *detraquée.* Viveu muito, muito depressa — e *chegou sem educação.* Porque a verdade é esta : New-York não tem civilisação. A civilisação não é ter uma machina para tudo — e um milhão para cada cousa : a civilisação é um sentimento, não é uma construcção. Ha mais civilisação n'um beco de Paris do que em toda a vasta New-York. Aqui não ha gosto, nem espirito, nem distincção, nem critica, nem classificação — nada : uma sociedade podre de rica, afogada em luxo, exagerando as modas, inventando muitas — e querendo enriquecer mais e ter mais luxo ainda. Você deve ter lido o que se tem passado aqui com o *Crédit Mobilier* e com outras poderosas associações bancarias, ligadas ao systema d'administração : tem-se apenas descoberto — que os homens publicos, d'alto a baixo, são um rolo de ladrões. Ladrões por toda a parte, eis a critica da administração. Ladrões por toda a parte, eis a critica do commercio. Ladrões por toda a parte, eis a critica das ruas. Ladrões ! New-York transborda de ladrões : veste-os, exporta-os, vende-os — e quantos mais enforca mais lhe nascem. Se você sae do seu hotel e encara alguma das

grandes ruas de New-York, fica aterrado : aquella agitação, estrondo, ruido, febre, rostos consumidos e seccos, *toilettes* unicas, carruagens nos passeios, omnibus aos lados, caminhos de ferro por cavallos no centro da rua, caminhos de ferro á machina *por cima* das ruas, junto aos tectos das casas, o apparato immenso da policia, a excentricidade dos annuncios, o rumor apressado de todo o mundo . . . Comprehende logo que está entre um povo barbaro, que aprendeu a civilisação de cór. Mas barbaro como é — que força, que originalidade inventiva, que perseverança, que firmeza ! — É estranho ! E ao mesmo tempo que grosseria de maneiras : revólver, praga e empurrão, algumas palavras d'inglez e muita saliva — eis o que é a lingua americana. Como eu detesto esta canalha ! Como a mais pequena aldeia de França é superior, immensamente superior pela sua civilisação a esta orgulhosa New-York, que se chama a si mesma, como Roma — *A Cidade.* Estupida New-York — que fez ella jámais para se chamar *A Cidade* ? Paris fez a Revolução, Londres deu Shakespeare, Vienna deu Mozart, Berlim deu Kant, Lisboa . . . deu-nos a nós — que diabo ! Mas esta estupida New-York, o que tem dado ? Nem mesmo as grandes invenções da America são d'ella. Aqui, quem inventa, quem inventa por todos, quem inventa

sempre, é Chicago. Chicago, sim, tem dotado o mundo com as tres quartas partes das machinas que elle possue. Mas New-York? Nunca sahiu nada de New-York — nem um homem, nem uma idéa, nem um livro, nem uma machina, nem uma victoria, nem um quadro, nem um dito. New-York é um *tour-de-force* da brutalidade — nada mais. E no entanto, meu amigo, que diabo! — é necessario amal-a. Com as suas grandes avenidas, tão cobertas d'arvores e de sombras como um bosque, com a belleza extrema das suas mulheres, com as suas grandes praças onde a relva é por si só um espectaculo, com as suas egrejas gothicas, todas cobertas de trepadeiras e mal apparecendo por traz da folhagem das arvores (joias d'architectura contemporanea), New-York, com o seu sumptuoso ruido, com o romantismo dos seus crimes por amor, com os seus parques extraordinarios que encerram florestas e lagos — como outros encerram arbustos e tanques — com a sua originalidade, com a sua caridade apparatosa, com as suas escolas simplesmente inimitaveis, os seus costumes, os seus theatros (aos quatro em cada rua), é uma tão vasta nota no ruido que a humanidade faz sobre o globo — que fica para sempre no ouvido! Eu estou aqui a escrever-lhe — e está-me a lembrar com saudade o rolar dos *tramways* nas

ruas. — Querida New-York! — Não, odiada New-York!

Querido, desejaria conversar mais com V., não *à bâtons rompus* — mas tranquillamente. Eu não tenho estado com o espirito tranquillo para fazer uma viagem de estudo — porque... mas emfim um dia, se Deus o consentir, conversaremos. Todavia, tenho notado algumas curiosidades — e d'essas fui tomando uma nota mental. A America é uma materia muito vasta e muito complexa para um estudo rapido; seria necessario, além d'isso, vir preparado com fortes e classicos estudos: eu venho desprevenido de sciencia — como um *touriste*. No entanto, começo a comprehender o que isto é, e, no meio d'esta confusão, a distinguir as *feições determinantes*, como diz Taine.

Taine! Como este nome sôa aqui, no Canadá: o fino, o subtil, o delicado, o perfeito Taine... Ha quanto tempo não me lembrava este nome amado. Era aqui que eu o queria, com o seu fino senso, classificando, decompondo, reconstruindo, dissecando, provando. Qual seria a sua conclusão sobre a America e os Americanos? Mas eu, decididamente, estou *bavard*. Tambem hoje, por excepção, o tempo está um pouco quente e este fino, delgado, claro ar do Canadá está pesado de pó. Não faz bem sahir — e vim sentar-me no *reading-room* do

Hotel e puz-me a conversar comsigo. Escreva, falle, *bavardeie* — e mande-me o resultado em boa prosa. Escreva para

United States

Mr. Eça de Queiroz

Care of the Portuguese Consul

148, Peare Street

New-York.

Adeus, querido e bom amigo. Dê as melhores saudades á Snr.ª D. Emilia — e chuva de beijos ás suas pequenas. Grande abraço ao bravo Jeco [1] e Você lembre-se do seu bom e dedicado amigo

QUEIROZ.

[1] José Vasco Ramalho Ortigão, filho do grande escriptor.

V

A Ramalho Ortigão

Newcastle-on-Tyne, 1.º de Fevereiro, 75.

Meu querido Ramalho

Deixe-me empregar toda esta larga e burgueza folha de papel Abelheira, em lhe dizer como eu estou descontente comigo mesmo por ter seguido os seus maus exemplos, e não ter, até agora, mandado ao meu melhor amigo nem um simples *vale* ciceroniano. Isto dá-lhe discretamente a entender como eu ficarei descontente comsigo, se V. não fôr para mim — não direi uma Madame de Sévigné — mas emfim um camarada benevolo, que tem, todos os grandes dias, uma hora de vagar para

escrever a um pobre exilado entre os Bretões meia pagina d'amizades.

Dito isto, entro na materia:

Meu pae — que sabe bem como eu estimo que me fallem de si e não se esquece nunca de me dar essa satisfação — diz-me, n'uma carta que recebi hontem, que V. lhe promettera — ha uns bons quinze dias — mandar-me o ultimo volume das *Farpas*. Como vê, é a velha questão do tempo da Havana que reapparece. Esse volume encantado ainda não veio. Você esquece-se com uma adoravel persistencia de que eu tenho os mais fortes direitos de tomar conhecimento d'uma prosa, que (segundo o Codigo civil no seu capitulo da paternidade) me pertence em parte — por isso que tem o meu nome. Eu sou como a mãe que pede o seu filho a altos brados. Você não m'o póde negar, sob o pretexto de que *o fez só*. Tal principio é tão inadmissivel em direito civil como em physiologia!

Realmente, este caso torna-se singular: eu percorro o universo, gritando-lhe do Norte, do Oeste e do Leste, que me mande — através da terra ou através dos mares — um pequeno pamphleto de 90 paginas. Pedi-lh'o da Havana, pedi-lh'o de New-York, pedi-lh'o d'entre as quedas do Niagara e d'entre os prados do Canadá, pedi-lh'o da *Place de l'Opéra* e dos confins da California — e Você, moita!

Parece que esta minha preoccupação o devia lisonjear : qual ! É como se eu lh'o pedisse em carta datada da Porcalhota. Agora, eis que ergo de novo os meus brados, do Norte da Inglaterra e das fronteiras da Escocia, da terra onde tenho Shakespeare, Byron, Swift — que têm menos espirito mas infinitamente mais genio do que você ; da terra onde tenho Carlyle, o nobre Macaulay, Thackeray, *semi-Deus*, e Dickens, *Deus e semi ;* d'esta terra onde o humor nasce como as batatas na Irlanda, pela simples força espontanea do clima ! D'esta terra lhe dou de novo a honra de lhe reclamar — como um alimento necessario — a sua má prosa !.. E V. vae continuar a recusar-m'a ? Diga : até quando vae abusar da minha paciencia ?

Interrompi esta carta durante um dia e portanto perdi o fio das imprecações. Além d'isso, perdi tambem um pouco a vontade de rir, porque o tempo, que antes d'hontem, quando a comecei, estava secco e frio — está hoje d'um tal nevoeiro humido, d'uma tão penetrante desolação, que o mesmo Voltaire aqui faria elegias, como Domingos Reis Quita. Além d'isso, depois d'um jantar e d'uma *soirée* que tive hontem, mediocremente divertidos, n'um *chateau* das vizinhanças, passei uma noitezinha d'insomnia e de tosse, que me faz estar hoje d'um bello humor de cão de fila. Isto prova-lhe me-

lhor do que tudo — querido Ramalho — como eu tenho necessidade d'uma pouca de alegria peninsular, bem clara e bem franca, bem luminosa e bem viva. A verdade é que estes dias de *spleen* são tão frequentes na minha humilde pessoa como se eu fôsse o Duque de Northumberland ou de Sommerset. É agora que eu comprehendo a profunda verdade dos livros de Taine sobre a Inglaterra — sobretudo a *Historia da Litteratura.* É o clima, é a horrivel hostilidade exterior da natureza, é o incessante descontentamento da vida physica, que faz com que esta raça viva sempre dentro de si mesma, e, em logar de tomar como objecto de contemplação e d'inspiração a natureza exterior, tome a sua propria alma : d'ahi vêm as elevações mysticas do puritanismo, a sciencia das paixões de Shakespeare, a violenta concepção de Dickens e o amor pelas observações psychologicas, que é o fundo d'esta litteratura. Mas torno-me maçador, penso. Fallemos antes do meu *spleen.* Sim, meu querido Ramalho, estou luctando, desde que deixei a nossa linda Lisboa, com esse monstro impalpavel — o *spleen.* Aqui tudo tem *spleen :* o céu, as almas, as paredes, o lume, os chapéus das mulheres, os discursos dos oradores e os enthusiasmos da paixão. Imagine V. uma cidade de tijolo negro, meio afogada em lama, com uma espessa atmosphera de fumo, penetrada

d'um frio humido, habitada por 150:000 operarios descontentes, mal pagos e azedados e por 50:000 patrões lugubres e horrivelmente ricos — eis Newcastle-on-Tyne. *On Tyne* — este rabinho que tem o nome da cidade, dá-lhe um ar ridiculo que me consola !

Ha cinco dias que interrompi de novo esta carta que recomeço hoje, debaixo d'um outro estado de conciliação : hontem recebi as *Farpas ;* retiro portanto todas as imprecações. Ainda as não li todos porque tenho tido estes dias passados uma existencia muito sacudida. O volume, porém, parece-me bom.

Já li as *Farpas ;* o volume é bom — ainda que V. tem feito melhor. O artigo sobre o soldado tem bom senso, um grande ar e muito *humour*. Parece-me, porém, que este volume tem um aspecto geral de tristeza : acho que todo aquelle riso é um pouco contrafeito e tem vontade de chorar ; a idéa da morte apparece a cada momento. Que diabo tem V. ? Fez-me uma certa impressão lêl-o. Acresce que ha n'elle um tom geral d'amargura e uns salpicos de fel que não são nada do seu feitio : as pilherias tremem de colera e o tom geral de bonho-

mia que era tão propriamente seu, desappareceu, para dar logar a uma certa *morgue* irritada. É indispensavel que V. me escreva — e que me diga se tem consciencia d'alguma transformação que se esteja dando no seu espirito e no seu caracter: em tal caso, é necessario discutir esse ponto. Não ha motivo nenhum para que V. se deixe cobrir d'uma *nuance* d'azedume: eu comprehenderia a tristeza — mas não o azedume. Escreva-me portanto sobre esse assumpto, para me não deixar em cuidado. Em todo o caso, espero que — se ha algum estado d'irritação em si — seja puramente passageiro, filho d'uma disposição morbida e transitoria e de modo nenhum com caracter de *segunda natureza.* Isto emquanto á feição moral do livro — que, quanto a estylo, perfeito como sempre. Você tem n'este volume pequenos quadros que são verdadeiras obras primas. Que grande romancista eu seria se pudesse escrever com tal colorido e com uma percepção tão nitida da vida exterior. Em todo o caso, não deixe de me escrever. De mim, nada lhe poderia dizer de profundamente interessante. Os meus habitos são sempre os mesmos — maus com boas intenções.

Escreva-me, querido. Se vir Burnay dê-lhe um grande abraço: como eu pensei n'elle, em Lon-

dres, deante dos *bric-à-bracs* extraordinarios de *Pall Mall*, d'*Oxford Street* e de *St. James!*

Dê á Snr.ª D. Emilia os meus affectuosos cumprimentos, um aperto de mão ao bravo e nobre Jeco, e uma imparcial distribuição de beijos a Bertha e Maria.

V., acceite um grande abraço do

Seu do c.
QUEIROZ.

VI

A Ramalho Ortigão

Newcastle, Março de 1875.

Meu querido Ramalho

Ha quanto tempo eu lhe devo um ar da minha graça! Mas que quer? Arranjos de casa, revisões de provas, episodios de sentimento, preguiças da primavera — mais tyrannicas, n'este paiz frio — têm-me absorvido aquelle pouco tempo de que V. sabe que eu disponho no dia. Hoje, escrevo-lhe no meu pequeno escriptorio, tendo, na sala proxima, Carneiro d'Andrade que toma o seu chá e lê Taine. Carneiro está aqui comigo ha alguns dias, dos melhores que tenho passado em Newcastle. Tem sido para mim um parenthesis intellectual, n'esta

longa folha de prosa chula, em que eu tenho estado a lêr e a dormitar desde o começo do meu exilio. Infelizmente, elle parte ámanhã — creio. E eu tornar-me-hei a achar só, seccado, deante das folhas odiosas do *Crime do Padre Amaro* a revêr — e tendo de novo de jantar só, em *tête-a-tête* com um pequeno *square* de relva verde que se vê da janella, onde creanças se exercitam no *box* e jogam o *cricket*. Umas certas mangas de sêda preta, juntas com uma rendinha de Irlanda sobre uma mão *mignonne* — mangas tão esquivas como amadas — ai de mim! — tambem ellas — por circumstancias em parte comicas, em parte melodramaticas — estão longe, longe da minha mesa, e não mais, por algum tempo, as verei agitarem-se com um *frou-frou* lascivo, a passar-me a mostarda e a paixão!

De sorte que me vi tão só, hoje, que tive a velleidade de ir a Londres, passear o meu *spleen* ao melancolico sol de Hyde-Park. Recebi porém do vento, ou não sei d'onde, uma outra inspiração, agora á tarde — e creio que por fim aqui ficarei, a accumular adjectivos sobre a cabeça tonsurada do bestial Padre Amaro. A proposito d'este individuo, dir-lhe-hei que a sua carta convenceu-me, um pouco *à contre-cœur*, de que a melhor maneira de acceitar o desastre litterario preparado e executado por B... — era calar-me, emendar,

refazer tranquillamente o romance, e publical-o n'um volume — *que se pertença e responda por si.* Meu pae de certo lhe fallou em todas estas minhas intenções. Eu encarreguei-o de dirigir a publicação do livro e de se entender com V. para toda a parte material e technica. A parte litteraria — isto é, a revisão — deve ser feita por mim, aqui. Escuso, meu querido Ramalho, de lhe pedir toda a sua attenção para este caso: sei que a sua amizade ha-de tratar esta questão como sua. Meu pae lá está para todos os detalhes economicos. A primeira cousa elementar a fazer, é imprimir em primeiras provas o que tenho mandado, e remetter-m'as: e assim successivamente. Para os detalhes ulteriores — typo, formato, capa e sua disposição, papel, numero de exemplares — eu confio inteiramente no seu bom gosto, no seu tacto e na sua experiencia. Assim, seria rhetorico tudo o mais que eu pudesse escrever em reclamação dos seus bons officios.

Li o volume das *Farpas.* Excellente. Se o fim de uma obra como as *Farpas* é fazer a propaganda do desprezo — esse fim eleva-se a um alto grau de realisação n'este numero: os assumptos são escolhidos — e a critica organisada — de modo que eu, por exemplo, quasi alheio hoje...

Perdão: interrompo para lhe dizer alguma cousa d'extraordinario: o Carneiro acaba de entrar no

meu escriptorio para me dizer com toda a seriedade que está com um typho ; é a quinta ou sexta doença mortal de que elle se suspeita desde que aqui está ! . . .

Eu, quasi alheio, hoje, ao paiz, seus acontecimentos e *Assumpções* — senti ao findar o volume um odio atroz pela chata e vil porção de terra que uma grande imprudencia da civilisação permitte que seja um paiz em logar de ser uma pastagem. O discurso do Assumpção — o espancamento aos japonezes e ás senhoras, todas as revelações do artigo sobre o *dandysmo* — outras tantas miserias inexpiaveis !

Mas sobretudo, o discurso do Assumpção ! Como é extraordinario ! Como é immenso ! Peço que m'o mande todo ! Que me mande dois ! Que me mande o retrato do homem ! Não é uma invenção sua ? Sua ! Você tem lá genio para isso ! Não é uma invenção de Dickens ? Não será uma obra inedita de Molière ? Passou-se tal sessão, fez-se tal falla ? Mas então somos extraordinarios ? Mas então somos um grande povo ? Possuimos, real, vivo, um typo egual, senão superior, aos grandes typos funambulescos que os outros paizes só possuem na idealidade esthetica da arte !

A Hespanha tem Sancho Pança, a França, Prudhomme, a Inglaterra, Perknif e tantos ou-

tros, sem esquecer o immortal Pikwick — mas têmnos no romance, no theatro, no poema : nós, temos o nosso Assumpção vivo, de carne, com um bello esqueleto movediço e engonçado, no Chiado, no Gremio !

No entanto, meu querido, as suas observações sobre as mulheres inglezas — no artigo do Dandysmo — são incorrectas. A ingleza é uma, vista através das litographias d'anjos loiros ou d'amazonas radiosas d'Hyde-Park — e outra, vista na Inglaterra. O continente, sobretudo o sul, conhece — pelos romances, pela gravura, pelos versos, pela legenda — uma certa inglesa risonha, pura, loira, casta como a neve, boa amiga, sabia, boa caminhadora, cheia de *duches* d'agua fria e de principios moraes : esta é a ingleza de lá. Agora a ingleza d'Inglaterra é outra cousa : não faz muita differença da mulher, tal qual a tem feito, no seculo 19, a litteratura, o romantismo, a musica, as modas, a ociosidade, a riqueza, o abuso da domesticidade, a centralisação, etc., etc. Você vem aqui e encontra a ingleza com mais temperamento, mais preguiça, mais saltos á Luiz xv, mais horror ao banho frio, mais pieguice sentimental, mais delirio amoroso e mais frieza especuladora do que em nenhum paiz perseguido de sol. Venha cá vêr as meninas da burguezia, á noite, n'uma sala, ao chá severo da fa-

milia : que decotes ! que olhares equivocos ! que atrevimentos ! que maneira de estar sempre a mostrar o pé — quando é bonito — e quando o pé não é bonito — o braço ! E depois, que temperamentos ! Lembre-se de que estas mulheres lêem uma quantidade infinita de romances amorosos ; que, ricas, tendo o conforto perfeitamente organisado em redor de si, não têm cuidados de *ménage ;* que pertencem a uma religião fria que não lhes satisfaz as aspirações de sentimentalidade ; que precisam casar sem dote — pela organisação das leis — e caçar o marido ; que se alimentam de fortes carnes sanguineas e cheias de sucos excitantes ; que comem toda a sorte de pimentas, especiarias e mostardas irritantes ; que herdaram a fatalidade sensual da raça saxonia ; que têm uma saude vigorosa e um sangue abundante — e V. comprehenderá que nada haja egual á «*besta*» que estes anjos têm dentro em si. É por isso que se contêm, que são reservadas. É porque se conhecem : se não se cohibissem, limitassem, enfaixassem — cahiriam no delirio amoroso. As mulheres de vida alegre são d'uma explosão de deboche e de sensualidade que desvaira. Note ainda que todas, honestas ou impuras, gostam de beber — e que bebem : bebem cerveja, Porto, Xerez . . .

Meu amigo, seria necessario um livro : eu tenho

apenas uma pagina. Assim, não se illuda na illusão geral que toma a ingleza como a mulher ideal. Não : é uma mulher excessivamente filha d'Eva e do Peccado . . .

Com isto não o maço mais. Temos conversado muito a este respeito, Carneiro e eu : que bons dias temos aqui passado ! Se V. aqui estivesse !... O tempo agora está bom e secco : a relva verde, os *squares* cheios de vaccas que pastam — symptoma bucolico da primavera ingleza. As pelles desapparecem das *toilettes*. Carneiro tem tido um grande embaraço comico com as suas doenças : typho, rheumatismo, etc. — este querido amigo tem passado por todas estas suspeitas, desde que chegou a N. Castle. O seu odio ao *indigena* conserva-se inalteravel, como a religião de Moysés nos Judeus. Os pontos de comparação com o que nos rodeia em Inglaterra offerecem-lhe meio de fazer sobre a patria apostrophes terriveis e predicções ferozes. Escreva-me, querido. Eu não sei se passarei aqui o verão : aluguei a minha casa até ao fim de Junho. Assim, venha quanto antes, se quer vêr a Inglaterra, verde, humida e fresca — verdadeiro paraizo das relvas. Um grande abraço

do seu do c.
QUEIROZ.

TAYLOR INSTITUTION
UNIVERSITY
OF
OXFORD
LIBRARY

VII

A Ramalho Ortigão

Newcastle, 17 de Maio.

Meu querido Ramalho.

Quantas vezes me terá V. chamado esquecido. Injustiça, grave injustiça.

Todos os «*effeitos*» que V. me encommendou, tenho-os na saleta proxima: mochila — e que mochila! — etc., etc. Sómente não os tenho remettido, porque, querendo evitar-lhe os direitos d'alfandega, tenho esperado por um portador benevolo e occasional. Contei que o nosso consul em Londres tivesse a amabilidade de pedir a um dos capitães dos vapores de carreira que se encarregasse de levar aquellas miudezas n'um canto do seu be-

liche. Mas o nosso consul, tendo-se *drapé* na sua dignidade e no seu paletot, recusou-se a esta contravenção amavel. Tenho sondado toda a Inglaterra á espreita d'um passageiro para Lisboa : ninguem, ninguem ! De modo que — como antes quero que V. pague 4 ou 5 contos de direitos do que me julgue esquecido — vou remetter contra V., meu pobre amigo, uma caixa contendo *mochila*, *guêtres*, *plaid*, etc., pelas vias legaes, isto é pela alfandega. Comece já a fazer economias — porque tem pelo menos alguns centos de mil réis a pagar, mais algumas palavras desagradaveis dos empregados da alfandega, sem contar as idas, os passos, as *démarches*, que todo o homem — *atacado de volume na alfandega* — tem logicamente que soffrer ! A minha resolução foi sobretudo determinada por vêr que o verão se adianta — e que de certo V. não quer viajar a pé pelas amenidades de Dezembro. A V., resta-lhe o direito — se vir que o Estado o quer roubar demasiadamente — de atirar com a mochila e o resto á cara do Estado, e de voltar para casa, com as mãos vazias, escrever um requisitorio faiscante, nas *Farpas*, contra os systemas protectores.

Agora outro assumpto : *O Crime do Padre Amaro* está emfim quasi prompto. Estamos pois deante da grande difficuldade — a venda do livro. Eu ti-

nha-a proposto ao Chardron nas vesperas de sahir de Lisboa, mas o Chardron respondeu-me que, n'esse momento, o seu estado de saude não lhe permittia attender a minha proposta, e que, além d'isso, sobretudo, estando eu para partir dentro de dous ou tres dias, não havia espaço para debater conscienciosamente as condições da negociação. Algumas outras phrases da carta pareciam-me significar que aquellas razões de recusa eram realmente as verdadeiras, e que não eram na verdade o disfarce polido d'um *não* absoluto. Penso portanto que — sendo o Chardron o mais especialista, o mais habil e o editor *mais seu* — V. lhe poderia escrever, renovando em meu nome a proposição seguinte: vender-lhe a edição do *Padre Amaro*, a *tanto* o volume. Este *tanto*, elle que o marque — porque desde que eu estou disposto a abstrahir n'este mau negocio de toda a idéa de ganho — o *tanto* é-me indifferente, comtanto que não seja um *tanto* vil e *humilhante*. Se o volume tiver de custar 6 tostões, um cruzado do Chardron é acceitavel. Mas deve o volume custar 6 tostões? N'este ponto V. é melhor juiz do que eu: V. decidirá, com zelo pelo amigo e com benevolencia pelo publico. Portanto, a proposta que V. fizer ao Chardron deve conter, como esclarecimentos, uma exposição nitida das bases do negocio: isto é — numero de exempla-

res, preço porque cada um deve ser vendido, etc., etc. A qualquer objecção que elle faça, a qualquer informação ulterior que elle peça, V. está encarregado, como bom amigo, de responder. De facto, V. *agirá* como se o livro fôsse seu. Tudo o que V. fizer está absolutamente bem feito e é desde já profundamente agradecido. Atiro-lhe a edição aos braços, meu querido Ramalho ; V. faça d'ella o que a sua amizade lhe inspirar. Quer V. comprar-m'a ? *Voilà une idée.* — É talvez um negocio para V. Faça-o !

Em todo o caso, o que desejo é que este negocio seja tratado logo que V. receba esta carta e que eu, na sua resposta, o saiba ultimado.

Se o Chardron não quizer de modo nenhum — o tigre ! — então resta-nos o Moré, o Pereira, o Bordallo, etc. Mas isso é com V. Da rua dos Caetanos á Baixa é incontestavelmente mais perto do que de *Eldon Square* — d'onde lhe escrevo — á mesma Baixa : portanto V. está *a même* de tratar tudo isso, *bien autrement* facilmente do que este seu longinquo amigo. Não digo mais nada a este respeito, porque não quero ser inconveniente para com a sua amizade, insistindo demais — como se desconfiasse de que V. se pudesse desleixar !

Mande-me as ultimas *Farpas*. O que escreve V. sobre o Principe de Galles ? Eis um assumpto.

Lisboa de certo teve, por essa occasião, ridiculos para duas series de *Farpas* de 248 n.^{os} cada uma.

Li, aqui — meu pae mandou-m'as — as descripções do *Diario de Noticias*. Gostei. Eduardo Coelho não se desmente. Que estranha especie de imbecilidade a d'aquelle bom jornal! É a *imbecilidade meticulosa e grave!*

Adeus, meu querido e bom Ramalho — escreva-me breve. Mil saudades. Os meus respeitos á Snr.ª D. Emilia, beijos aos pequenos, aperto de mão ao Jeco — e para V., grande e extremoso abraço.

Seu do c.
QUEIROZ.

VIII

A Theophilo Braga

Newcastle, 12 de Março de 1878.

Meu caro Theophilo Braga

É de você que tenho recebido, depois das minhas duas tentativas d'arte, as cartas mais animadoras e mais recompensadoras. É você, como o nosso grande e bello Ramalho, quem mais me tem *empurrado p'ra deante*. Eu nunca respondi á sua excellente carta sobre o *Padre Amaro*: contava então ir a Lisboa, e lá, conversar largamente comsigo: o homem propõe e a occasião dispõe, — e as poucas semanas que ahi estive, passaram sem nos encontrarmos. Talvez você imaginasse que a sua carta d'então me tinha passado sobre o espirito

como agua sobre guta-percha. Está bem enganado : embebi-me d'ella. Ella deu-me valor e arranque para me atirar ao *Primo Basilio*, — com a consolação de que vale a pena escrever um livro quando se tem um leitor como você.

A sua ultima carta foi para mim um grande allivio. Eu estava-lhe com receio : como todos os artistas, creia, eu trabalho para tres ou quatro pessoas, tendo sempre presente a sua critica pessoal. E muitas vezes, depois de vêr o *Primo Basilio* impresso, pensei : — *o Theophilo não vae gostar !* Com o seu nobre e bello fanatismo da Revolução, não admittindo que se desvie do seu serviço nem uma parcella do movimento intellectual, — era bem possivel que você, vendo o *Primo Basilio* separar-se, pelo assumpto e pelo processo, da Arte de combate a que pertencia o *Padre Amaro*, o desapprovasse. Por isso, a sua approvação foi para mim uma agradavel surpresa ; e todavia a sua approvação é mais ao processo do que ao assumpto : e você, vendo-me tomar a familia como assumpto, pensa que eu não devia atacar esta instituição eterna, e devia voltar o meu instrumento de experimentação social contra os productos transitorios que se perpetuam além do momento que os justificou, e que, de forças sociaes, passaram a ser *empecilhos* publicos. Perfeitamente : mas eu não ataco a familia — ataco

a familia lisboeta, — a familia lisboeta producto do namoro, reunião desagradavel de egoismos que se contradizem, e, mais tarde ou mais cedo, centro de bambochata. *O Primo Basilio* apresenta, sobretudo, um pequeno quadro domestico, extremamente familiar a quem conhece bem a burguezia de Lisboa: a senhora sentimental, mal educada, nem espiritual (porque, Christianismo, já o não tem; sancção moral da justiça, não sabe o que isso é) arrasada de romance, lyrica, sobreexcitada no temperamento pela ociosidade e pelo mesmo fim do casamento peninsular, que é ordinariamente a luxuria, nervosa pela falta de exercicio e disciplina moral, etc., etc., — emfim, a *burguezinha da baixa*. Por outro lado, o amante — um maroto, sem paixão nem a justificação da sua tyrannia, que o que pretende é a vaidadezinha de uma aventura e o amor *gratis*. Do outro lado, a creada, em revolta secreta contra a sua condição, ávida de desforra. Por outro lado ainda, a sociedade que cerca estes personagens — o formalismo official (Accacio), a beatice parva de temperamento irritado (D. Felicidade), a litteraturinha acephala (Ernestinho), o descontentamento azedo e o tedio da profissão (Juliana), e ás vezes, quando calha, um pobre bom rapaz (Sebastião). Um grupo social, em Lisboa, compõe-se com pequenas modifica-

ções, d'estes elementos dominantes. Eu conheço vinte grupos assim formados. Uma sociedade sobre estas falsas bases não está na verdade: atacal-as é um dever. E n'este ponto o *Primo Basilio* não está inteiramente fóra da arte revolucionaria, creio. Amaro é um empecilho, mas os Accacios, os Ernestos, os Saavedras, os Basilios, são formidaveis empecilhos: são uma bem bonita causa de anarchia no meio da transformação moderna: merecem partilhar com o *Padre Amaro* da bengalada do homem de bem.

A minha ambição seria pintar a Sociedade portugueza, tal qual a fez o Constitucionalismo desde 1830 — e mostrar-lhe, como n'um espelho, que triste paiz elles formam, — elles e ellas. É o meu fim nas *Scenas da Vida Portugueza.* É necessario acutilar o mundo official, o mundo sentimental, o mundo litterario, o mundo agricola, o mundo supersticioso — e com todo o respeito pelas instituições que são de origem eterna, destruir *as falsas interpretações e falsas realisações* que lhes dá uma sociedade podre. Não lhe parece você que um tal trabalho é justo?

Emquanto ao processo, — estimo que você o approve. Eu acho no *Primo Basilio* uma superabundancia de detalhes, que obstruem e abafam um pouco a acção: o meu processo precisa simplifi-

car-se, condensar-se, — e estudo isso. O essencial é dar a *nota justa* : um traço justo e sobrio cria mais que a accumulação de tons e de valores — como se diz em pintura. Mas isto é querer muito. Pobre de mim — nunca poderei dar a sublime nota da realidade eterna, como o divino Balzac — ou a nota justa da realidade transitoria, como o grande Flaubert ! Estes Deuses e estes semi-deuses da Arte estão nas alturas — e eu, desgraçadinho, rabeio nas hervas infimas. E todavia, se já houve sociedade que reclamasse um artista vingador, é esta !

É sobretudo, vista de longe no seu conjuncto e contemplada de um meio forte como este aqui (sejam quaes fôrem os seus grandes males, forte de certo) que contrista achal-a tão mesquinha, tão estupida, tão convencionalmente pateta, tão grotesca e tão pulha !

Alegra-me que você queira escrever alguma cousa sobre o *Basilio* : a sua opinião, publicada, daria ao meu pobre romance uma auctoridade imprevista. Dar-lhe-ia um direito de existencia : e de todos os defeitos, faltas ou erros que você notar — tomarei cautelosamente nota. Eu tenho a paixão de ser *leccionado* : e basta darem-me a entender o bom caminho para eu me atirar para elle. Mas a critica, ou o que em Portugal se chama a critica, conserva sobre mim um silencio desdenhoso.

Como você viu bem o caracter de *Basilio !* Está claro que a fortuna nunca o poderia ter moralisado : a sua fortuna, como você diz, foi um bamburrio : era pulha antes, um pulha pobre — depois, tornou-se apenas um pulha rico. Pessoas amigas escrevem-me, dizendo que parece incrivel que um homem que trabalhou no Brasil, com valor, seja no fundo um canalha ! Estranha opinião ! A Bahia considerada como a Fonte Santa da Purificação!...

Basta de cavaqueira. Se você publica algum livro por esta occasião — mande-m'o : e se tiver por ahi alguns volumes da sua *Historia da Litteratura* a mais, e que lhe não façam falta, dê-os ao Ramalho que elle m'os mandará. Eu, os que tinha, perdi-os estupidamente, com as obras de Shakespeare e de V. Hugo, n'um caixote, caminho do Havre. Escrevi para o Porto a um amigo a mandal-os pedir : mas nunca me respondeu sequer e eu preciso d'elles para um pequeno trabalho. Se não se esquecer — lembre-se. Um abraço do

Seu grande admirador, e dedicado amigo velho

EÇA DE QUEIROZ.

IX

A Ramalho Ortigão

Newcastle, 8 de Abril 1878.

Meu querido Ramalho

Recebi em tempo competente a sua carta sobre *O Primo Basilio*, depois, a segunda, em que me dizia o resultado da sua conversa com o Corvo, e mais tarde, outra, communicada por Anselmo de Moraes, em que se me fazia esperar um artigo seu das *Farpas* sobre o *Basilio*. Emquanto ao que é *arte*, espero com sofreguidão a sua critica — porque, pela sua primeira carta, vejo que discordamos sobre o principio, meios e fins da Arte — e, ou você, critico, tem de reformar a minha esthetica, ou **eu, artista, tenho de desarmar a sua critica.**

Espero portanto o seu trabalho para replicar *sicut decet.*

Eu trabalho nas *Scenas Portuguezas*, mas sob a influencia do desalento. Convenci-me de que um artista não póde trabalhar longe do meio em que está a sua materia artistica : Balzac *(si licitus est...* etc.) não poderia escrever a *Comedia Humana* em Manchester, e Zola não lograria fazer uma linha dos *Rougon* em Cardiff. Eu, não posso pintar Portugal em Newcastle. Para escrever qualquer pagina, qualquer linha, tenho de fazer dous violentos esforços : desprender-me inteiramente da impressão que me dá a sociedade que me cerca e evocar, por um retesamento da reminiscencia, a sociedade que está longe. Isto faz que os meus personagens sejam cada vez menos portuguezes — sem por isso serem mais inglezes : começam a ser convencionaes ; vão-se tornando « *uma maneira* ». Longe do grande solo d'observação, em logar de passar para os livros, pelos meios experimentaes, um perfeito resumo social, vou descrevendo, por processos puramente litterarios e *à priori*, uma sociedade de convenção, talhada de memoria. De modo que estou n'esta crise intellectual : ou tenho de me recolher ao meio onde posso produzir, por processo experimental — isto é, ir para Portugal — ou tenho de me entregar á litteratura puramente phan-

tastica e humoristica. Resta saber se eu tenho ou não um cerebro artistico. Se não tenho, então posso continuar a ser, n'estas longes terras, um representante dos meus concidadãos que importam carvão ; se tenho, então, devo ter o que Taine chama o respeito, a dignidade e a hygiene do talento — e, em logar de me estragar aqui, ir educar-me para ahi. Que lhe parece ?

Acresce a isto, que, n'este degredo, faltam-me todas as condições da excitação intellectual. *Ha um anno que não converso !* Isto, ahi, lido na calçada dos Caetanos, póde-lhe parecer pueril — mas digo-lhe que é apenas dilacerante. As minhas relações são pessoas perfeitamente idiotas, que nunca leram um livro, que não suspeitam sequer de que eu o faça, e que pensam que o unico producto da intelligencia humana é o *Times*. Dos estrangeiros, meus collegas, são d'esta ordem quasi todos : — vivendo em Inglaterra ha annos, ignoram absolutamente Dickens e Byron. Emfim, a desolação da abominação ! A unica pessoa com quem posso fallar — não em espiritualidade, mas ao menos fallar, em sentimentos, idéas geraes, etc. — é um medico. Infelizmente, dominado por uma paixão indigna, só pensa, só conversa, só se interessa por *la créature*. Outro medico que aqui esteve ha dias, e que é de Londres, disse-nos, a elle e a mim, que julgava

a *persistencia em viver em Newcastle uma covardia de caracter — que devia degenerar no desprezo proprio.* É verdade que é de Londres e vive na excitação da Londres intellectual — mas a sua sentença é verdadeira.

Ha um anno que não ouço musica — a não ser as cantigas barbaras que compõem a arte de café-concerto. Emfim, o mundo intelligente apparece-me apenas como uma cousa confusa e ennevoada, através da prosa dos jornaes de Londres. Acrescente a isto a difficuldade da minha vida financeira. As dividas serviram, diz-se, a excitar o genio de Dickens e de Balzac: não encontrando em mim um genio a excitar, vingam-se da humildade do seu papel, torturando-me. Os meus rendimentos são superiores ás minhas dividas — mas elles dependem do meu trabalho que é demorado, e dos regulamentos officiaes que são immutaveis — e as minhas dividas accumulam-se todas a um tempo, como sete espadas contra um coração. Para me desembaraçar do presente, tenho perpetuamente de descontar o futuro — e isto traz-me toda a sorte d'amofinações. Não sei, ás vezes, como me resta coragem para entender os desgostos dos meus personagens, quando tenho de os observar através da espessura dos meus.

Acresce a isto o absoluto isolamento moral —

isto é, a viuvez d'alma. A familia não se substitue senão pela paixão. Eu não tenho aqui familia, nem paixão. Não gosto de fallar da minha carreira sentimental — mas creia você que ella tem sido triste, ha um anno para cá: tenho sido, através do sentimento, como uma péla — ora botilhando pela lama, ora tentando pular para as nuvens: e de cada vez — tedio ou desillusão. As duas ultimas experiencias foram tristes: uma ligação com uma *desavergonhada* (apesar da sinceridade animal do seu instincto amoroso, o rigor da critica obriga-me a chamar-lhe uma *desavergonhada)* ia-me complicando a vida. Partida esta *chaine de fleurs, qui n'était au fond qu'une sale ficelle* — quiz, por tendencia reactiva de péla, passar da lama ao céu. Achei-me com uma devota — que, quando eu imaginava que me ia levando para a Felicidade, me ia arrastando simplesmente para a missa! Para evitar a indignidade da hypocrisia — ou a tentativa grotesca de converter uma Santa Thereza ao racionalismo, *plantei-a lá*, com grande allivio d'ella, creio. E depois d'estas duas experiencias, intimei ao coração a que fizesse as suas funcções animaes o melhor que pudesse, sem se *mêlêr* de sentir transcendentemente e fóra da pura acção mechanica. De modo que a minha vida — é comer e fazer prosa. Mas uma prosa forçada, arrancada das nevoas da re-

miniscencia, construida como um mosaico, em que a observação é hypothetica e a logica conjectural.

Uma tal crise — tão complexa — não póde durar. Preciso dar-me uma disciplina intellectual, economica, moral e domestica. Como ? É aqui que está o *busilis*. Não ha senão um meio : esse meio seria casar-me. Eu não tenho hoje pelo casamento aquelle horror d'outr'ora, comparavel ao horror do cavallo selvagem pela mangedoura. Bem ao contrario : tenho corrido tanto pelo descampado da sentimentalidade, que uma mangedoura confortavel em que mãos benevolas me sarrotem uma palha honesta — sorri-me como uma entreaberta paradisiaca. Eu precisava d'uma mulher serena, intelligente, com uma certa fortuna (não muita), de caracter firme disfarçado sob um caracter meigo . . . que me adoptasse como se adopta uma creança, me obrigasse a levantar a certas horas, me forçasse a ir para a cama a horas christãs — e não quando os outros almoçam — que me alimentasse com simplicidade e hygiene, que me impozesse um trabalho diurno e salutar, e que, quando eu começasse a chorar pela lua, m'a promettesse — até eu a esquecer . . . Esta dôce creatura salvaria um artista de si mesmo — que é o peor abysmo d'um artista — e faria uma d'aquellas obras de caridade que outr'ora levavam gente ao Calendario. Mas, ai !

onde está esta creatura ideal ? Onde está esta luz no mar, esta torre de segurança, esta fonte de caridade ? A não ser n'algum romance inedito de Octave Feuillet — em parte nenhuma.

Portanto — a minha crise tem um duro caracter de indestructibilidade. Até aqui, um bom humor que todos os dias agradeço ao Deus Universal tem-me mantido o sorriso dos fortes e dos simples. Mas começo a mudar. Surprehendo-me a passear na sala, horas seguidas, de cabeça baixa, a ruminar cousas tristes. Tenho soffrivelmente cabellos brancos, e, — porque não direi tudo ? — dá-me ás vezes vontade de recorrer ao *Cognac*, para me crear um paraiso artificial. Felizmente, o meu estomago tem odio aos alcools e adora o Bordeus : mas o Bordeus é para mim como a agua das eclogas de Virgilio. Sem isso, repetia talvez a triste situação de Musset e de quasi todos os humoristas inglezes.

Esta carta é uma choradeira. Mas com quem desabafaria se não fôsse com você ! E ainda não digo tudo. Precisava d'uma bella *cavaqueira* na rua dos Caetanos. Emquanto a encontrarmo-nos em Londres — ou em qualquer parte — se eu, ao tempo em que você vier, estiver mais alliviado de credores, Deus o permitta, combinaremos estarmos juntos o mais tempo possivel, — em Paris, por exemplo. Seria delicioso, mas o Destino nem sem-

pre desarma. Se você tiver uma hora livre, escreva-me uma Consolação.

Vejo o meu retrato no *Occidente*: que abjecta calumnia: mas não sou eu! É o João Penha. Você não conhece o João Penha? Pois é o João Penha: o mesmo olhar, o mesmo penteado, a mesma expressão aguda e *pincée*, o mesmo beiço de metrificador meticuloso — tudo. Esse retrato é simplesmente uma diffamação. Mas que importa?

Um abraço do seu do c.

QUEIROZ.

X

Ao Conde de Ficalho

Rocio, 26 — Quarta-feira (1884).

Meu caro Conde de Ficalho

Eu não desejo ser como o Remorso nos dramas de 1820 — mas venho lembrar-lhe, com humildade e energia, o conto para o Pina [1]. E já agora, faço-lhe a confidencia inteira.

Á sombra e sob a protecção da excellente nova que eu annunciava ao Pina — e aproveitando a

---

1 Marianno Pina, então director da *Illustração*, revista portugueza publicada em Paris.

emoção feliz que ella lhe daria — eu pedia-lhe que me mandasse uma caixa com frascos de verniz para sapatos, pois que a minha provisão esqueci-a no *wagon-lit*, entre Paris e Bordeus ; e de certo o conductor, um rude Bavaro, tendo encontrado esses frascos estranhos — e julgando-os cheios d'um licor precioso — bebeu-os. Ahi temos pois que ha emfim um allemão que é, a seu modo, uma natureza cheia de polimento.

Ora Pina não é um homem de letras generoso e confiado, como nós. É um pratico — e naturalmente não me manda o verniz emquanto eu não lhe mandar o conto. Agora pergunto-lhe eu, meu caro conde de Ficalho, com o coração inquieto e as botas na mão : — quer você que eu ande por ahi, todo este tempo, desengraxado, desenvernizado e baço ?

Narro-lhe esta historia certo de que V. — que não largaria talvez o conto, nem por considerações d'arte, nem por idéas d'um serviço á litteratura — o fará talvez por compaixão para com as botas d'um amigo.

Diga-me, a respeito da jornada d'amanhã. Ramalho, a quem eu escrevi uma carta repleta d'injurias por ter partido mysteriosamente, acaba de pedir perdão pelo telegrapho — e naturalmente é homem para completar a ecloga projectada sob as

carvalheiras do Bom Jesus, e em torno do leitão assado de Pindella. [1]

Se é visivel á noite, poderemos talvez discretear sobre todos estes pontos.

Et nunc et semper

verus amicus
EÇA DE QUEIROZ.

[1] Casa dos Viscondes de Pindella.

XI

A Oliveira Martins

Hotel du Cheval Blanc — Angers, 10 de Maio de 1884.

Meu querido Oliveira Martins

A *Revue Universelle* chegou-me aqui, a esta minha boa cidade de Angers, onde tenho estado ao abrigo e longe da rude primavera saxonia. O Ramalho, já dias antes me tinha escripto que um diabo que assignava Viriato com *h*, fazia na *Revue* um esboço do estado presente do romance portuguez, com singular finura critica. A *Revue* chegou-me depois, e na capa, um pouco deteriorada pelas brutalidades postaes, eu não reparei nas iniciaes illustres « O. M. » Nas apreciações sobre a minha pessoa, eu sentia uma penna amiga — mas o pra-

zer de saber que era a tua, tive-o só agora, ao receber a tua carta. Eis ahi, querido amigo, a razão do meu ingrato silencio.

Mandando o *Mandarim* ao Mickiewicz, tu continuas a tua obra de paternal sollicitude pela minha Fama. A posteridade tem já aqui um bello motivo de litographia allegorica: no primeiro plano, a minha Fama, de babeiro, trôpega e mamando no dedo, e tu, ajudando-a com as tuas mãos fortes a trepar por um caminho aspero, entre as oliveiras da paz e da sciencia: e lá no fundo, os contornos vagos d'um Pantheon.

O prologo para o *Mandarim*, mandal-o-hei ao Mickiewicz directamente, como tu indicas, apenas me passe uma crise de estupidez e nevoa intellectual com que estou luctando. N'estes periodos, tenho de fazer mentalmente o esforço de quem levanta toneladas de bronze, para redigir uma carta ao meu alfaiate, encommendando-lhe umas calças de verão: e é tal a clareza e precisão com que me exprimo n'essas occasiões, que o alfaiate, immediatamente, remette-me um casacão de guta-percha.

A tua carta de *Viriatho* é, além do que diz de mim, excellente em todos os pontos. A nossa arte e a nossa litteratura vêm-nos feitas de França, pelo paquete, e custam-nos carissimo com os direitos d'alfandega. Eu mesmo não mereço ser exceptuado

da legião melancolica e servil dos imitadores. Os meus romances, no fundo, são francezes, como eu sou, em quasi tudo, um francez — excepto n'um certo fundo sincero de tristeza lyrica que é uma caracteristica portugueza, n'um gosto depravado pelo *fadinho*, e no justo amor do bacalhau de cebolada. Em tudo o mais, francez, de provincia. Nem podia ser d'outro modo: já no pateo da Universidade, já no largo do Rocio, eu fui educado, e eduquei-me a mim mesmo, com livros francezes, idéas francezas, modos de dizer francezes, sentimentos francezes, e ideaes francezes.

. . . . . .

Da gente portugueza conheço apenas a alta burguezia de Lisboa — que é franceza — e que ha-de pensar á franceza, se algum dia vier a pensar. Como é feito por dentro o portuguez de Guimarães e de Chaves? Não sei. O *Padre Amaro* é mais adivinhado que observado. E por probidade d'artista eu tenho uma idéa de me limitar a escrever contos para creanças e vidas dos grandes Santos.

O que me consola, é que todas as nações se vão desnacionalisando e que tudo tende a uma unidade commum, como o preço das estampilhas. Dentro em pouco, ha-de haver um só typo d'homens, em toda a Europa, com o mesmo feitio moral, as mesmas phrases, e o mesmo córte de barba. E o typo

escolhido ha-de ser o francez, que é, por excellencia, *l'homme moyen*, sem excessos no bom ou no mau, de temperatura temperada, e feito de dóses eguaes. Os meus romances, que são por ora francezes, serão então nacionaes — n'aquella pequenina porção dos volumes que restar da traça, essa suprema critica.

. . . . . .

Em que andas tu trabalhando agora ? Que faz o dôce mestre Anthero ? Dá-lhe por mim o abraço da fraternidade. Eu continuo com *Os Maias*, essa vasta *machine*, com proporções enfadonhamente monumentaes de pintura *a fresco*, toda trabalhada em tons pardos, pomposa e vã, e que me ha-de talvez valer o nome de Miguel Angelo da semsaboria. Mas emfim ! . . . O nosso Luiz de Magalhães que me mande o livro alado. Abraço do

Teu do c.
EÇA DE QUEIROZ.

XII

A Luiz de Magalhães

Rocio, 26 — Lisboa, 16 de Agosto 1884.

Meu caro Luiz de Magalhães

Se eu lhe fôsse a contar os motivos porque não respondi nem ás suas cartas, nem ao dôce sopro de poesia que me trouxe o seu livro — você julgal-os-ia copiados das *Proezas de Rocambole* do chorado Terrail. Basta que saiba, para pedir á Providencia as satisfações que julgar convenientes, que sempre, invariavelmente, houve um obstaculo collocado de subito entre o meu vivo desejc de lhe escrever e as duas folhas de papel, em que eu devia realizar esse desejo.

Agora, rabisco-lhe á pressa estas linhas, para

lhe perguntar se você ainda estará no Porto para a semana que vem, que é quando eu conto sahir d'aqui — e então, n'uma hora de cavaqueira, eu lhe poderei agradecer em detalhe todas as boas e suaves emoções d'arte que me deu o seu livro *aux ailes d'or*.

Dizem-me que o Porto está deserto como o coração sem esperança. Parece que as senhoras de Santo Ovidio [1] se acham n'uma d'essas praias politicas de que se falla em artigos de fundo. Parece que Oliveira Martins não s'encontra tambem no covil philosophico da Boavista. Você annuncia que vae não sei para que longinquos areaes . . . Então, que resta ao Porto ? A Liberdade ? É pouco.

Diga-me você n'uma curta linha, pois, quando parte.

Parabens pelo assumpto do *D. Sebastião*. Nenhum mais bello, mais patriotico, mais poetico. Mas, por quem é, trabalhe-me essa fórma ! Pula-a, cinzele-a, crystallise-a ! Não se deixe levar pelas theorias abominaveis do amigo Oliveira Martins, sobre a *sinceridade da emoção*. O sentimento mais artificial posto n'um verso maravilhosamente feito é uma obra d'arte ; o mais verdadeiro grito de pai-

---

[1] Quinta de Santo Ovidio, residencia dos Condes de Rezende, no Porto.

xão n'um alexandrino desageitado é uma semsaboria. Só ha Beleza onde ha Ordem. Pula a sua fórma!

Com um grande abraço

seu muito dedicado
EÇA DE QUEIROZ.

XIII

A Marianno Pina

Rocio, 26 — Lisboa, 21 de Agosto 1884.

Meu caro Pina

Remetto registado, pelo correio, o conto do Conde de Ficalho.

Peço o maior escrupulo nas provas. O conto tem talvez palavras alemtejanas (é um rude homem do campo que o narra) que você não percebe, nem sabe o que significam. Eu sei, porque elle m'as explicou. Quando encontrar estas palavras, reveja-as, com o texto adiante, letra a letra. Acompanhando o conto, vae um pequeno desenho d'elle — para que, se fôr possivel, se faça por elle uma *entête*. Isto foi lembrança minha, está claro. Se é exe-

quivel, você o dirá. Comprehende que o desenho não é para ser gravado assim, é apenas um *apontamento*. Diz o Ficalho que no caso de se fazer esse desenho, você vigie o desenhista — porque o francez, toda a arvore estrangeira a transforma em choupo, no choupo francez!

Elle prometteu outros contos da collecção. É uma mina.

Chamo — respeitosamente — a sua lembrança para o meu pobre verniz...

Cordeal aperto de mão.

Seu do c.
QUEIROZ.

XIV

Ao Visconde de Pindella e ao Conde de Arnoso

Grande Hotel do Porto — 30 de Agosto 1884.

Meu querido Bernardo e querido Vicente

Joias:

Depois da nossa memoravel separação em V.ª N.ª de Famalicão (digo memoravel porque a nossa viagem é um dos mais interessantes episodios da historia contemporanea) Ficalho e eu preparámo-nos, segundo as boas tradições — para dizer mal de vós. Mas, depois de ter torturado o intellecto, cahimos ambos na melancolica banalidade de vos chamar *flôres* e *perolas*.

O resto da nossa jornada até ao Porto não teve episodios — a não ser encontrarmos um cavalheiro

de longa pera grisalha, á Pato, que conhecia todos os detalhes da nossa digressão : a chegada a Pindella, a tarde de versos no paredão de Vianna e as nossas aventuras nocturnas. Quem lh'o tinha dito ? A Fama, a de grandes azas, soprando com as suas cem bochechas nas suas cem cornetas !

No Porto, almoçámos, philosophámos, anecdotisámos e historiámos com Oliveira Martins, no seu lindo covil philosophico das Aguas Ferreas. Depois, Ficalho partiu — e eu passei a estar doente. Ha tres dias que os meus pobres intestinos se sublevaram, e estou-lhes cahindo em cima (e dentro) com a severa repressão do Bismutho.

Tenho saudades de Pindella. Vejo d'aqui, d'este quarto com vista para a rua de S.ta Catharina, o vosso largo valle verde-negro, a casa, em baixo, antiquada e grave, meio adormecida entre as arvores, e a capellinha a branquejar lá no alto. Vejo o nosso passeio pela matta, o eucalypto com uma data amorosa entalhada por Vicente (e que tu, o dito Vicente, já com um ar sizudo de deputado ás Constituintes, dizias ser uma data litteraria, uma data administrativa!!). Vejo-nos, sentados no Penedo da Saudade, e o lagozinho esverdinhado cá em baixo, e João [1] de bibe encarnado, correndo no jardim,

[1] Filho mais velho do Conde d'Arnoso.

como uma papoula viva. Depois, á noite, entre os damascos vermelhos do nosso quarto, vejo Ramalho, em camisa e sem lunetas, dizendo cousas sobre Schopenhauer: porque, já alta noite, não sei com que fim, nem por que phantasticas razões, tivemos uma péga sobre Schopenhauer.

Este mesmo Ramalho lá está na Foz, folhetinizando. N'este momento acaba de me fallar pelo telephone, tentando-me a ir á noite contradançar ao Club! O que indica que este severo critico se lançou no redemoinho dos prazeres da Cantareira. Que a perna lhe seja leve!

Caro Bernardo, ainda estás ahi em Pindella? Atira n'esse caso, da minha parte, chuva de beijos sobre os teus pequerruchos. E vós ambos, ponde aos pés da Snr.ª Viscondessa os meus melhores respeitos — e dae mil lembranças a vosso pae, se elle já ahi está.

Abraço apertado a vós ambos, joias, do

Vosso do c.
Eça de Queiroz

XV

Ao Conde de Ficalho

Grande Hotel do Porto — 4 de Setembro 1884.

Meu caro conde de Ficalho

Desde a sua partida, tenho estado doente — doente com todas as regras e accessorios: receita de botica, medico, dieta, etc. Tem sido um incommodo gastrico — e imagine V. o meu furor de patriota ao descobrir que elle fôra originado por esta cozinha do Hotel, pessimamente e pretenciosamente feita *á franceza!* Sempre a França, sempre ella! Sempre os nossos males publicos ou privados, resultando da chôcha imitação, da reles traducção, que nós fazemos da França, em tudo, desde as idéas até aos *potages!*

E a culpa é sua! Está claro que é sua, e dos seus amigos os liberaes, e do Snr. D. Pedro IV, e dos homens de 20, e do execrando Fernandes Thomaz! Essa gente não comprehendeu que este paiz, para ter prosperidade e saude, não se devia afastar nunca da verdadeira tradição nacional, da legitima, da antiga, com um rei absoluto e paternal, frades, merendas nos adros, capote de cabeção, e o bello assado no espeto, e o delicioso arroz de forno...

Mas qual! Quizeram ser humanitarios, leram os Encyclopedistas, papaguearam os Direitos do Homem, fizeram-se liberaes, philosophos, polidos, litterarios, *francezes*, e substituiram a nobre vacca cosida dos avós, pelo abominavel *bœuf à la mode* do jacobinismo. E ahi tem V. as consequencias: o paiz, no lindo estado que V. sabe, e eu, aqui no Porto, com incommodos gastricos ha cito dias, tomando bismutho! Belzebuth confunda o liberalismo e os molhos liberaes!

Imagine como me tenho aborrecido. Felizmente, apesar de fraco, tenho «*piochado*» a *Reliquia*. Dos nossos companheiros d'aventuras e viagens, Bernardo [1], o dôce, o bom, veio aqui estar comigo uma

---

[1] Conde d'Arnoso.

manhã. Achou, n'essa occasião, pelo preço d'um paliteiro das Caldas, uma esplendida peça de *bric-à-brac* decorativo, e descobriu, n'um vendedor de pannos, chamado Cleto, uma maravilhosa collecção de colletes, dos verdadeiros, dos de 1830, d'aquelles sob que podia ter palpitado o coração d'Antony! Assim recompensam os deuses os que fielmente cumprem os sacros deveres da amizade.

Ramalho raras vezes apparece: occasionalmente, telegrapha-me ou telephona-me da Foz, dizendo-se mergulhado nas lustrosas vagas da sua prosa; mas uma pessoa fidedigna, que por acaso assomou ha dias á porta do Club da Foz, viu este severo critico enlaçado a um vestido branco, redemoinhando n'uma valsa a tres tempos!... Elle nega.

Oliveira Martins tem vindo aqui ás noites, e como o presente nos causa algum nojo, conversamos da antiguidade romana. Disse-me elle que achava excellentemente bem feito e bem escripto o seu prologo ás *Plantas d'Africa*.

Guerra Junqueiro mandou-me ha dias uma carta feita á velha maneira egypcia — desenhada em vez de ser escripta. Por data, tinha um castello, representando Vianna, e por assignatura, uma confusão de lanças cruzadas, uma *mélée*, significando *guerra*.

Ora basta de conversar. Se V. já está em Cascaes — para onde, segundo vi n'um jornal, deve partir hoje ou ámanhã a Familia Real — peço-lhe que ponha aos pés da senhora Condessa os meus melhores respeitos.

Cordeal aperto de mão do seu

ever faithful
EÇA DE QUEIROZ.

XVI

A Oliveira Martins

1884.

Querido Joaquim Pedro

Apesar de ter retardado hontem o meu jantar até ás nove da noite, não pude desbastar a minha montanha de prosa. Levar as provas para os areaes da Costa Nova, não é pratico — ó homem pratico! Ha lá de certo a brisa, a vaga, a duna, o infinito e a sardinha — cousas essenciaes para a inspiração — mas falta-me essa outra condição suprema: um quarto isolado com uma mesa de pinho.

Vocês, com tipoia na estação, barco no rio, foguetes á espera, e talvez litteratos locaes — não podeis faltar hoje. Eu é que, com todas estas folhas de provas, inumeraveis como as dos bosques, não sei mesmo se poderei ir ámanhã, quinta-feira, a

tempo. Não o annuncieis pois positivamente ao nosso querido Luiz Bandarra [1]. Eu para lá me dirijo por toda esta semana. Filho d'Aveiro, educado na Costa Nova, quasi peixe da ria, eu não preciso que mandem ao meu encontro caleches e barcaças. Eu sei ir por meu proprio pé ao velho e conhecido *palheiro do José Estevão*. Um telegramma, um mensageiro, avisará o auctor de *D. Sebastião*.

Ámanhã, em todo o caso, querendo Deus, saio á noite d'este infecto Porto. Talvez sexta-feira fique na Granja, a respirar o ar puro da verdade social que alli constantemente circula, emanado dos espiritos de Marianno, Henrique Macedo, e outros *reforminhas*. Já vês a incertidão dos meus planos. Dá todo este longo recado a Luiz.

Se eu pudesse ter ámanhã as minhas coisas promptas, antes do comboio das duas e meia — unico possivel para chegar á Costa ainda de dia — então, realisava a minha visita. D'outro modo, só sabbado ou domingo.

Abraço a S.^to^ Anthero [2], sabedor de cousas de philosophia e sonetista. E abraço para ti.

QUEIROZ.

1 Conselheiro Luiz Cypriano Coelho de Magalhães.
Anthero de Quental.

XVII

A Luiz de Magalhães

1884.

Meu caro Luiz

Os nossos queridos amigos [1] já lhe terão contado que uma verdadeira montanha de provas, uma serra de prosa a desbastar, se interpõe, á ultima hora, entre mim e o seu palheiro [2]. Tive pezar em não tomar parte n'essa bella peregrinação d'amizade. Mas não desisto de ir palmilhar as areias da Costa e os pinhaes da Gafanha. E, querendo Deus, talvez domingo appareça, se a V. ainda lhe restar a esse tempo paciencia para alojar amigos. O sentimento de hospitalidade gasta-se: procure V. con-

---

1 Anthero de Quental e Oliveira Martins.

2 Assim se chamam as casas do madeira do litoral arenoso do Norte, entre a região de Ovar e a de Mira.

servar uma parcella até que eu chegue. Hoje, tenciono ir para a Granja, estar com o Manuel [1] um ou dous dias. Escreva V. para lá uma palavra (ao cuidado do Conde de Rezende), dizendo se se sente em disposição de vêr, logo depois da partida de dous amigos, chegar outro amigo, com outra mala, outro appetite, outra litteratura, outra admiração convencional pela belleza do mar, outros defeitos e outros abraços...

Muito amigo
QUEIROZ.

[1] O Conde de Rezende, D. Manuel de Castro Pamplona, cunhado de Eça de Queiroz.

XVIII

A Oliveira Martins

1884.

Meu querido Oliveira Martins

A minha sublevação intestinal tem resistido á repressão conservadora do Bismutho. Preciso por isso um d'esses sujeitos, que, no tempo de Molière, frequentavam a sociedade com uma seringa debaixo do braço, que nós hoje chamamos um *principe da sciencia*. Conheces tu algum bom, — tão bom que distinga realmente o intestino grosso da aorta? O que vem aqui regularmente ao hotel parece-me ser um *mendigo da ignorancia*.

Se não estiveres em casa, ao receber d'esta, manda-me pelo correio, n'um bilhete postal, o nome

e *adresse* do sabio — para que eu o mande chamar ámanhã.

Excellente, o Friedlaender! Já tenho a minha estradinha romana, com a sua estalagem, a sua taboleta: *Á grande Cegonha*, a sua inscripção convidativa, invocando Apollo; e já tenho o aspecto da estrada, com as carroças de viagem, os arrieiros reunidos, e os pagens favoritos, com o rosto coberto d'uma mascara de miga secca de pão, para não soffrerem no assetinado da tez, com a humidade ou com o pó! Grande gente!

Manda o nome do sabio.

Teu do c.
QUEIROZ.

XIX

A Oliveira Martins

Bristol, 5 de Maio de 1885.

Meu querido Oliveira Martins

Recebi a tua carta em Lisboa, estando a fazer as malas para partir essa noite, e, apenas chegado, apresso-me a dizer-te que pódes dispôr da minha penna. Manda dizer sob que fórma ella te convem mais: phantasia ou informação. Em Paris, Marianno Pina deu-me a entender que escreveria com gosto para a *Provincia*. Uma correspondencia casual de Paris, *gratis*, escripta com decencia, e realmente *feita em Paris*, não é para desprezar. — Trata de fazer um bom jornal, e lembra-te de que a sensuali-

dade moderna, que é o fundo do gosto moderno, gosta sobretudo de qualidades de fórma e de plastica. Não se vae ao restaurante onde se come melhor — mas áquelle onde a mobilia é mais vistosa. Procura por isso que o jornal, como papel, typo, impressão, etc., seja um primor. Dá-lhe um feitio que não seja o do pesado e pançudo *Commercio do Porto*. Fal-o ligeiro e vibrante.

Através d'essa Europa — sempre que encontrei portuguezes — fui interrogado (em virtude das nossas relações) sobre as tuas intenções politicas, e eu não sabia bem dar a formula precisa do teu advento. Dizia vagamente que era uma «revolução pacifica». Falava em Passos Manoel e na creação d'um partido, que, á falta d'outro nome, baptizei de *neo-progressista*. Tudo isto embrulhava eu em assucar e dava-o assim a tragar ao curioso. Mas é necessario que eu tenha informações mais precisas: — quando tiveres tempo, dize-me pois porque é que vindo uma tarde pela Via Flaminia abaixo, de braço dado com Cesar, abandonaste bruscamente o illustre auctor dos *Commentarios* e largaste a correr como um perdidinho para o largo de Camões, onde se ergue o santuario das *Novidades* e do Valbom [1].

---

[1] Carlos Lobo d'Avila (Valbom).

Isto precisa uma explicação : dá-m'a para eu a dar aos que m'a pedem. Dize quando sahe essa *Provincia* — e, repito-o, enverniza-lhe os tamancos.

Dá abraço fraternal a S.^{to} Anthero.

Teu do c.
QUEIROZ.

XX

A D. José da Camara

Londres, 10 de Maio 1885.

Meu caro José

Eis-me aqui já ha dias, depois d'uma curtissima estada em Paris. Cheguei a Madrid muito cançado, de sorte que não segui, á maneira de carta, como tencionava. Mas um dia em Madrid é sempre pouco agradavel. Fui roubado, como era de vêr — não precisamente em objectos, como das outras vezes — mas em contas, trocos, etc. E verifiquei de resto o roubo que me foi feito com o *Primo Basilio*, traduzido em dois volumes, com illustrações (!), n'uma edição já esgotada, e de que eu não recebi nem *uma peseta*. Paris estava encantador,

apesar de chover. Em Madrid, tinha encontrado na *gare* o Guilherme Sandeman [1] e fiz viagem com elle, e com elle estive em Paris. Assisti á abertura do *Salon* onde havia muito talento, muito *savoir-peindre*, mas nenhuma pagina original e forte — a não ser um quadro do grande Roll, o pintor naturalista, que apresenta um *chantier de travail* poderoso e grandemente feito.

Ainda não sei quando me installarei em Bristol, quero dizer, quando terei casa, ou *appartement* fixo, porque de resto eu estou aqui, só de fugitiva passagem — e é para Bristol que deves escrever, quando quizeres dar-me noticias d'essa amavel Lisboa.

Logo que cheguei, estive com Luiz [2]. Não está tão interessante como ahi. Vive quasi exclusivamente no club de *St. James*, que é o club dos diplomatas, e cahiu portanto no puro feitio diplomatico — tesura, convencionalidade, phrases vagas sobre a situação da Europa e *champagne* ao jantar. Está de resto, como todos que aqui chegam, encantado com tudo o que é inglez. Londres embebeda, ao principio. Elle está ainda um pouco bebado com Londres.

---

[1] Barão de Sandeman.
[2] Marquez de Soveral.

Pareceu-me tambem um pouco triste — mas era talvez excesso de tesura. Detalhe abominavel: não gosta de jantar senão em sitios excessivamente elegantes, ou considerados elegantes pelo corpo diplomatico. Quão mudado do nosso bravo Luiz, do Augusto!

Dá tremendo abraço a Bernardo [1] e a Vicente [2] a quem, de resto, escrevo. E lembra-me a Simãozinho [3], se o vires no Gremio.

Dá noticias e recebe apertado abraço do

Teu do c.
QUEIROZ.

---

1 Conde d'Arnoso.
2 Visconde de Pindella.
3 Dr. Simão Lopes Ferreira.

XXI

Ao Conde d'Arnoso

Bristol, 24 de Maio de 1885.

Meu querido Bernardo

Durante os dias que estive em Londres, lamentei constantemente que não tivesses vindo, porque, depois de ter atravessado a Civilisação, de Madrid até aqui, sempre de guarda-chuva aberto, encontrei Londres banhada por um lindissimo sol de inverno. Quando digo *lamento*—quero dizer, por mim—porque não tive a alegria de te «*ciceronear*» e o curioso prazer de vêr a primeira flôr das tuas impressões. Porque, de resto, entendo que tu, decidindo ficar no teu dôce buraco de S. Domingos á Lapa, [1] mostraste uma *sagesse* que, sendo natural n'um So-

---

[1] Casa do Conde d'Arnoso em Lisboa.

crates barbudo ou n'um pesado Marco Aurelio, surprehende n'um ardente official ás ordens. Sim, amigo ! Fizeste uma coisa prudente e sagaz ! Porque, emfim, para quê o viajar ? Todos os philosophos e todos os donos de hoteis são unanimes em dizer que se viaja para vêr o que ha de *interessante no mundo.* Ora no mundo só ha d'interessante, verdadeiramente, o Homem e a Vida. Mas para gozar da vida d'uma sociedade, é necessario fazer parte d'ella e ser um actor no seu drama : d'outro modo, uma sociedade não é mais do que uma successão de figuras sem significação que nos passa deante dos olhos. Quando fallo de *sociedade* não me refiro áquella que vem no *High Life* do *Illustrado :* refiro-me ás Sociedades, no plural e com S grande. Já o bom Flaubert fallava da « melancolia das multidões estranhas ». Essa meláncolia é a mesma que se sente em vir de longe, para olhar para uma porta fechada. Quem fôr de Marco de Canavezes e queira gozar a vida, que fique em Marco de Canavezes, na Assembleia, na botica, e nos chás das Macedos ! Se vier a Hyde Park ou aos Champs Elysées, vê só a *Vida* por fóra, nos seus contornos exteriores. É como estar mirando as paredes escuras d'um theatro, onde se está passando, por dentro e em grande luz, uma interessante comedia. Por isso, nós, os portuguezes, pessoas infinitamente philo-

sophicas, chamamos a viajar : *andar por fóra.* Expressão perfeita e profunda. *Andar por fóra*, que melancolia, que desconsolação, quando *estar por dentro* é que é o interessante ! Dir-me-hão os donos dos hoteis e as companhias dos caminhos de ferro que é necessario ir vêr a Civilisação. D'accordo. Mas o que é a civilisação de Paris ? É o romance de Zola, e a descoberta de Pasteur, e o bom dito de Rochefort : e isso tudo vae ter comnosco, onde quer que estejamos, pelo paquete. A melhor maneira de gozar a civilisação, é ao canto do lume, de chinelas. Dir-me-hão ainda os donos d'hoteis que se devem admirar os monumentos, e que *Nôtre-Dame* e *Westminster* são um elemento de educação. D'accordo, estalajadeiros, d'accordo ! Para isso se inventou a photographia. E, em resumo, meu querido Bernardo, grande foi a tua sabedoria em não querer *andar por fóra.*

Eu já me estou aqui aborrecendo com valentia e esta grande e antipathica Inglaterra começa como de costume a «*agaçar-me*» os nervos. Tudo, n'esta sociedade, me é desagradavel — desde a sua estreita maneira de pensar até ao seu indecente modo de coser os legumes. O que tenho soffrido estes dias com os artigos dos jornaes sobre Victor Hugo ! Furiosos de que a grande figura litteraria do seculo seja um francez, e não um inglez, e não podendo,

por dever de boa educação, deixar de dar os pezames á França, fazem-no com a bocca torcida, lividos, azedos, e pondo, por baixo das fórmas de respeitosa melancolia, toda a quantidade de depreciação que podem.

É uma canalha.

E a proposito de Hugo, sentiu-se por ahi a morte do divino velho ? A mim, o que me commoveu foi a attitude de Paris. Que os negocios se esqueçam, as festas se adiem, uma vasta cidade pare e falle baixo porque ha algures, n'um canto d'uma avenida, um poeta que está a morrer, é um sublime espectaculo. É consolador. Positivamente o homem não é tão feio como o pintam, e Paris é ainda o sitio em que bate mais largamente o coração da humanidade.

De novidades d'aqui, poucas que não saibas pela Agencia Havas. Estive em Londres com o Luiz [1] — que está mais gordo, todo teso de *diplomacia* e mais triste do que em Lisboa. Tem pela Inglaterra todo o enthusiasmo que têm os que chegam. Está no periodo da illusão que dá sempre a novidade ; ainda acha os inglezes elegantes (que *blague !*) e as inglezas bonitas (que facecia !). Ainda acredita no conforto inglez ! Ainda os jornaes inglezes

[1] Marquez de Soveral.

lhe parecem bem feitos. Ainda crê na grandeza moral da Inglaterra . . . Emfim, um *baby !*

Dá-me noticias dos amigos. Vicente, imagino-o lançado no grande movimento neo-progressista. E Ficalho, deve andar ainda por Goa com o seu amigo *Garcia da Orta.* Emquanto a ti, espero que estejas são, forte, alegre e entretido com coisas d'arte . . . Dá pois noticias de ti, de Vicente, Sabugosa, Ficalho, dos Caetanos [1], etc. Mas dá o detalhe para a chronica. Lembra-te de que eu nem as *Novidades* tenho. Nada sei da minha Patria. Esclarece-me. E dá tremendo abraço a Vicente, com chuva de beijos aos pequenos, e lembranças a Ficalho, e Sabugosa, e S. Mamede [2], e depois, outro tremendo abraço em ti proprio, pelo teu do coração

QUEIROZ.

---

1 Casa de Ramalho Ortigão em Lisboa.
2 Conde de S. Mamede.

XXII

A Marianno Pina

Bristol, 7 de Junho 1885.

Meu caro Pina

Mil agradecimentos pelos jornaes francezes e pela « Illustração » com a nossa visita a Zola. Como você apanhou bem todas as cousas caracteristicas que elle disse e em que se pintou a si proprio, tal como elle é, largo, fecundo, luminoso e enthusiasta ! Eu desejei mandar-lhe, em reconhecimento da sua amabilidade, uma pequena coisa sobre Hugo. Mas confesso que, tendo tomado a penna, não achei nada, n'este momento, a dizer de original e de justo. Eu, como você sabe, sou um *Hugolatra* : tenho a

paixão do mestre, e n'esses dias, depois da morte d'elle, não me sentia capaz de o criticar : apenas podia deitar flôres sobre o seu caixão. Ora n'isto não havia interesse para o publico ; flôres, era o que todo o mundo estava deitando sobre o catafalco dos *Champs-Elysées*, com mais ou menos sinceridade ; e flôr mais ou flôr menos, nada importava para o brilho da apotheose. O que seria interessante, era um estudo sobre a influencia de Hugo na minha geração — não direi já sobre a humanidade, isso levar-me-ia muito longe. Ora justamente a serenidade critica para fazer tal estudo é que me faltava, como faltou a todos os Hugolatras. Guerra Junqueiro, outro fanatico, no discurso que fez na procissão d'homenagem que o Porto celebrou, indo em massa coroar, na Praça da Boavista, o busto de Hugo (o que, de passagem seja dito, muito honra o Porto) Guerra Junqueiro não achou nada a dizer, senão que elle era um carvalho gigante á sombra do qual se sentava a humanidade ! E não passou d'aqui. Ora não são os pontos de vista, nem a eloquencia para os exprimir que faltam ao amigo Junqueiro. Mas quê ? É um Hugolatra, como eu, e deante do Homem morto foi-se-nos a idéa e a phrase. Só saberiamos agitar as palmas verdes da apotheose. E a proposito ainda de Hugo — se você me quizer mandar alguns jor-

naes com descripções ou pinturas do enterro — ser-lhe-hei muito grato.

Emquanto a artigo para a *Illustração*, ás ordens. Diga-me se quer um curto contozinho — ou então o tal estudo sobre Hugo — agora que já passou a primeira impressão — se é que você ainda nos numeros seguintes, como é natural, insere artigos sobre o Mestre. Esse artigo poderia ser em fórma de carta a você — suppondo que você me pedia para eu lhe dar uma idéa para a *Illustração* de qual foi a influencia de Hugo na minha geração, isto é, ha 20 annos . . . — Ou então, não querendo Hugo, contozinho.

Estão engraçados os seus commentarios á carta de Abel Accacio [1]. Eu não conheço esse rapaz, mas inquestionavelmente o *patriotismo* d'elle é sympathico e o seu grito em pró da lingua portugueza muito justo. Sómente, o que é curioso, é que esse patriota que pede com violencia que se não escrevam *estrangeirices* — escreve elle proprio, a julgar pela carta, não em bom portuguez, mas em mau francez! É das coisas mais comicas que eu tenho visto. E emquanto ás idéas que elle tem do lugar da França na civïlisação, são d'um cavalheiro de Traz-os-Montes ou do fundo do Alemtejo, que,

[1] Abel Accacio Botelho, escriptor portuguez.

da França, só sabe que de lá chegam todos os mezes os figurinos, pelos quaes a sua senhora corta os casabeques. As idéas d'elle sobre a Inglaterra não são menos singulares. E a este respeito, deixe-me dizer-lhe que você tambem, a proposito da Inglaterra, tem ás vezes a opinião *chauviniste du Boulevard.* O francez, que odeia a Inglaterra, *affecta* consideral-a apenas como um paiz commercial, sabendo no fundo perfeitamente que ella é um grande paiz intellectual. Mas isto, no francez, é apenas antipathia de raça que, na sua exageração, *finge ignorar* as grandes qualidades da nação rival. Sómente você, e outros muitos, tomam isso a serio — e imaginam que a Inglaterra não exporta senão calçado e carvão!! A Inglaterra exporta sobretudo *idéas.* E a maior parte exporta-as para a França. A Sciencia, ahi, está vivendo da idéa da evolução — que para lá exportou Darwin, que é inglez. A philosophia, ahi, está vivendo das idéas que para lá exportou Herbert Spencer, que é inglez. A politica está vivendo da idéa do opportunismo, que para lá exportou a Inglaterra. Daudet é um discipulo de Dickens. O naturalismo na pintura, sobretudo na paisagem, outra exportação ingleza. A economia politica está vivendo do que para lá exportou Stuart Mill. Um dos primeiros romancistas do seculo é George Elliot, um dos primeiros criticos, Rus-

kin, etc., etc., etc. O papel não chega mais, mas podia assim encher folhas. Eu detesto a Inglaterra, mas isso não impede que ella seja, como nação pensante, talvez a primeira. Taine disse a segunda... mas Taine era francez.

Amigo do c.
QUEIROZ.

XXIII

A Oliveira Martins

Bristol, 10 de Junho de 1885.

Querido Joaquim Pedro

Tenho andado n'um tal *periodo de estupidez* que não só não te pude mandar um bocado de prosa bem confeccionada, mas nem tive a coragem de te annunciar um plano de trabalho que me lembrou para a *Provincia*. Não se podem fazer promessas litterarias quando se está tão singularmente estupido.

O que eu pensei foi o seguinte: uma serie de cartas sobre toda a sorte d'assumptos, desde a im-

mortalidade da alma até ao preço do carvão, escriptas por um certo grande homem que viveu aqui ha tempos, depois do cêrco de Troia e antes do de Paris, e que se chamava *Fradique Mendes!* Não te lembras d'elle? Pergunta ao Anthero. Elle conheceu-o. Homem distincto, poeta, viajante, philosopho nas horas vagas, *dilettante* e voluptuoso, este *gentleman*, nosso amigo, morreu. E eu, que o apreciei e tratei em vida e que pude julgar da pitoresca originalidade d'aquelle espirito, tive a idéa de recolher a sua correspondencia — como se fez para Balzac, Madame de Sévigné, Proudhon, Abélard, Voltaire e outros immortaes — e publico-a ou desejo publical-a na *Provincia*. Fradique Mendes correspondia-se com toda a sorte de gentes varias, *all sorts of men* como se diz na Biblia official d'esta terra. Elle escreve a poetas como Baudelaire, a homens d'estado como Beaconsfield, a philantropos como S. Anthero, e a elegantes como (não me lembra agora nenhum elegante a não ser o Barata Loura) e a personagens que não são nada d'isto, como o Fontes. Além d'isso, tem amantes e discute com ellas a metaphysica da voluptuosidade. E nas cartas ao seu alfaiate encontram-se as regras mais profundas da *arte de bem vestir*. Quando está viajando, no Japão ou na Asia central, faz paisagem e quadros de costumes. E quando vem a Portugal,

pinta aos seus amigos de Londres e de Berlim as coisas e as idéas do Chiado, de S. Bento, das tabacarias e dos salões.

Grande foi o trabalho de colleccionar estas cartas, mas a *Provincia* não se poupa a esforços, etc., etc. Hein! que assumpto!... e com este titulo modesto — *Correspondencia de Fradique Mendes* — precedida, está claro, por um estudo sobre a vida e opiniões d'esse lamentado *gentleman*. Estas cartas devem ser publicadas sem ordem, a não ser de data, e portanto uma aqui outra além.

Ahi está o que me lembra para a *Provincia*. Não prometto para já, mas hei-de fazer o possivel para dar aos teus leitores — o mais depressa que m'o permitta uma infinidade de provas que tenho entre mãos — uma ou outra das primeiras cartas d'este meu interessante amigo.

A *Provincia*, por ora, não está nem bem feita nem mal feita — está *provinciana*. Tende ao rameram e á somnolencia. Precisas de espertal-a. Um bom artigo teu não basta: é necessario que o resto do jornal viva e vibre, e por ora acho-lhe o ar molengão e empapado. Precisas melhoria de papel. É necessario uma secção litteraria: Guerra Junqueiro que te mande de vez em quando uma curta satyra. O portuguez gosta de picuinhas em verso e para a boa causa mesmo Juvenal deve trabalhar.

Admiro-me de não ter visto ainda prosa de S.to Anthero — mesmo sob um nome de guerra. Emfim, é necessario animar isso! Abraço aos amigos e a ti proprio.

Teu do c.
QUEIROZ.

XXIV

Ao Conde de Ficalho

Londres, 15 de Junho 1885.

Carissimo amigo

Á sua carta recebida em Bristol, respondo de Londres, onde vim indagar sobre pedras, nomes de ruas, mobilias e *toilettes* para a minha Jerusalem. Digo minha — e não de Jesus, como pedia a devoção, ou de Tiberio, como pedia a historia — porque ella realmente me pertence, sendo, apesar de todos os estudos, obra da minha imaginação. Debalde, amigo, se consultam in-folios, marmores de museus, estampas, e coisas em linguas mortas: a Historia será sempre uma grande Phantasia. É pela mesma razão que se ha-de dizer d'aqui a mezes — « a Goa do Conde de Ficalho ».

Reconstruir é sempre inventar. Eu tenho trabalhado bastante, graças a Deus. E todavia, em

Bristol, ou seja que o ar, devido ao muito arvoredo, é molle e *relaxing*, ou por outra qualquer razão, estou sempre n'um estado de *langueur* e preguiça, pouco propicio ao trabalho.

Além d'isso, o isolamento lança-me na leitura, que me lança na erudição : e reapparece então o latente e culpado appetite do romance historico. Acreditará você, que, ao fim d'um mez de Bristol, eu já andava planeando, para quando m'o permittissem os trabalhos em forja, um romance sobre . . . Não, nunca você adivinhará. *Je vous le donne en deux ! Je vous le donne en quatre ! ! . . . Vous jetez votre langue aux chiens ? Eh bien — sur Babylone !* Sim, amigo querido, sobre Babylonia. Vê-me você ahi, n'uma noite de canja, no Augusto, ou no escriptorio rubro-escuro do Bernardo, abrir um maço de provas, e começar, pallido e exhausto pelas vigilias da erudição : — « Era em Babylonia, no mez de Schêbatt, depois da colheita do balsamo . . . » — ou outra qualquer cousa n'este genero grandioso e pançudo ? . . .

Felizmente, logo que cheguei a Londres, este desejo culpado dissipou-se ao contacto da vida mundana.

Por aqui, nada de novo ou picante — a não ser o tremendo escandalo da *Pall-Mall Gazett*, de que você naturalmente já tem noticia pelas tubas da fama.

Perdeu a Inglaterra a unica penna de pavão que lhe restava — e que ella usava altivamente sobre o ponto mais alto do seu velho craneo — a moralidade.

Luiz bom — e doente. Estas duas coisas dão-se ás vezes juntas. Em todo o caso, terrivelmente lançado. Haveria mesmo a narrar sobre isto alguns traços picantes — mas que pertencem mais á conversação do que á epistola.

Diga-me você o que faz, querido amigo. Supponho-o de malas feitas para partir para Cintra — se é que você não continua este anno a evitar tambem esse frondoso bosque do *chic*. No entanto, como me dizem aqui que a Familia Real, e Lisboa em peso, vão este anno para esses arvoredos do prazer — supponho que você será envolvido na onda. Faz bem em retardar um pouco a publicação do «Orta» — o verão é pessimo momento para um livro de saber e d'historia. A erudição, e a arte que a embelleza, querem frio e fogão.

De Ramalho, nada tenho ouvido: supponho-o vestido de fatos ligeiros e claros, cinzelando alegremente phrases amargas sobre o seu paiz: se o vir, caro Ficalho, lembre-lhe que se não descuide da carta que lhe mandei há dias e do assumpto que ella continha. Trata-se dos meus negocios — depois da morte do Chardron.

O amigo Oliveira Martins tem já pelo menos

mostrado amplamente, que, como politico, lhe falta a sciencia necessaria para arranjar bem um jornal. A *Provincia* é provinciana de mais. Chega a ser bronca. Eu já lhe escrevi com energia, pedindo-lhe que lançasse no jornal algum sangue vivo, original e quente. E que tem feito elle como politico ?

Bom Bernardo e bravo Vicente estão ainda em Lisboa ? Dê-lhes um abraço.

Eu, como não recebo as *Novidades*, que são o orgão official das nossas relações, nada sei da capital. Ouço apenas que vão plantar rosas—ou couves — em torno da estatua de Camões; applaudo : nada mais civilisador do que ajardinar os grandes homens. Você tem feito alguma arte? Pina disse-me em Paris que esperava um conto seu. Venha elle.

Não tenho lido nada do Ramalho ; Oliveira Martins ainda me não mandou a *Historia de Roma* : portanto estou precisado de vêr alguma fina prosa portugueza.

Lembre-me com todos os respeitos á Snr.ª Condessa, e dê os meus cumprimentos ao Snr. Marquez [1] e você, caro amigo, receba abraço largo do

Seu muito dedicado
Eça de Queiroz.

---

[1] Marquez de Ficalho — pae do Condede Ficalho.

XXV

Ao Conde d'Arnoso

Bristol, 8 de Setembro 1885.

Meu querido Bernardo

Recebo a boa noticia de que esses *Azulejos* vão emfim brilhar ao sol, na rua da Publicidade. Eu passo pois, em breve, *Dieu voulant*, a manufacturar essa prosa laudatoria e explicativa que os deve preceder, como o clarim adeante do triumphador. (Estou hoje ao mesmo tempo pretencioso e tosco nas minhas imagens). *Bref*, procurarei, na maneira mais discreta, dar-te a *accolade* fraternal ao entrares no Templo da Litteratura (outra !) e ao mesmo tempo esclarecer o gracioso vago do titulo.

É isto, creio, que desejas. Uma carta familiar, alegre, com um bocadinho de tagarellice, parece-me o indicado. Um verdadeiro *morceau* a serio, pançudo e critico, seria talvez pesado — e faria o effeito d'um presunto de fiambre, como taboleta de um *magasin* de joias.

Como essa sorte de prologo é impresso em paginação differente, typo differente, e por ultimo — creio que não urge urgentemente que me arremesse já a cinzelal-o.

Tendo respondido assim á tua carta, peço-te agora esse rosario de novidades que dizes ter ahi, dependurado da mão e que me promettias desfiar quando eu te remettesse estas regras. Eu não recebo jornaes d'ahi a não ser a *Provincia*, a qual nada mais faz do que distillar diariamente a sua grossa gota d'economia politica.

Nada sei pois de Lisboa e das suas pompas. Parece que Cintra este anno, tem sido, ou foi, um verdadeiro e ardente inferno de luxo, prazer, paixão, valsa, *verve* e garbo. O José da Camara mandou-me contar que as estradas e atalhos estavam constantemente atulhados d'equipagens «*fringantissimas*» — e que á noite o *Champagne* corria por baixo das portas e vinha fazer cascatas murmurantes entre as rochas... Tudo isto me surprehende. E então os burros? E o Collares? Conta-me, querido Ber-

nardo, como foi o grande festival. Dá o detalhe, dá o traço.

Eu, por mim, nada d'interessante a contar. Estive em Londres ultimamente — onde Luiz [1] e eu iamos a um covil d'alimentação italiana, comer arroz e carne cosida e dirigir-nos as maiores e mais graves injurias a proposito da Allemanha, da França, da Democracia e d'outros espantalhos.

Luiz, bom. Bastante lançado, creio eu, durante a *season ;* mais gordo, cheio, outra vez com cabellos e cada vez mais genero *secrétaire d'ambassade.*

Por elle, ou antes, por uma carta phantasticamente extraordinaria que lhe escreveu o Tello ou Telles (o antigo creado d'elle) soube que tu estiveras em Cintra, divertidissimo. Essa carta do Tello era a respeito, toda ella, do Principe Real [2] e era assombrosa. O Luiz devia-a ter mandado ao Principe, para lhe proporcionar uma d'essas felizes risadas, que a gente só dá quando é moça e quando lê um d'esses raros bocados de prosa.

A proposito de prosa : espero que tivesses lido a *Hollanda.* Tem paginas encantadoras. Toda a parte dos campos e aldeias é uma maravilha de fórma e de côr.

---

[1] Marquez de Soveral.

[2] S. M. El-Rei D. Carlos, ao tempo ainda Principe Real.

Supponho que os teus pequenos estão com a avó, em Pindella ; ou leval-os para Cascaes ? Se estão comtigo, cobre-os de beijos por mim, se não, manda-lh'os pelo correio. Dá grande abraço ao bravo Vicente e a Sabugosa — e outro grande abraço para ti do teu do c.

QUEIROZ.

Mil cousas a Ficalho. Que faz elle ? Imagino-o em Cascaes, « Garciando da Orta ». [1]

[1] Allusão ao livro sobre *Garcia da Orta*, que o conde de Ficalho andava compondo por esse tempo.

XXVI

A Ramalho Ortigão

Bristol, 24 de Setembro 1885.

Querido Ramalho

Os seus *pourparlers* com os representantes da *Livraria Internacional* puzeram excellentemente a questão. Só resta pois fixar-lhe os detalhes, esperando o regresso do outro cavalheiro.

Recebi com effeito, ainda que muito tarde, (porque eu estava em Londres, o meu secretario a banhos, e o outro encarregado do Consulado — julgando pela fórma do livro que era um volume official, coisa d'Alfandegas ou de tratados — enterrou-o nos Archivos, onde o vim encontrar abandonado, e já com a sua camadazinha de pó) recebi,

pois, pelo correio, um paiz inteiro, com os seus habitantes, os seus campos em pleno cultivo, e todo o rumor da sua acção, sob a fórma portatil d'um livro. Percorri-o regaladamente, linha a linha, das aldeias ás cidades, parando de vez em quando e voltando atraz para tornar a olhar para algum sitio mais particularmente encantador. Tinha tenção de lhe dizer a impressão que me fez essa terra de fleugma e d'ordem — mas o papel que uso é curto, a letra que tenho é má, e resolvi pois dizel-o pela imprensa.

O successo — que vejo com orgulho ser grande — era evidente. Sómente, um conselho para a 2.ª edição. Altere o formato: é quadrado de mais, muito espapado e verga pelo meio. E o primeiro capitulo das *Origens* — converta-o em prologo independente do livro. A minha razão é esta : pelo seu encanto, pela sua maravilhosa arte, pela adoravel bonhomia e por outros motivos ainda, a *Hollanda* é natural que se torne um livro de familia, de senhoras, de leitura de serão, de presente. Ora as mulheres e os rapazes — publico encantador e o que mais honra o artista — interessam-se pouco pela philosophia da Historia. É pena que assim seja — mas é assim. Ora é bom para o livro que elles não comecem subrepticiamente a lel-o pelo segundo capitulo. Porque esteja certo que o primeiro capitulo —

não interessa nem a mulheres, nem a rapazes. É cá para nós, é conversa d'homens, e deve passar-se no escriptorio, que é nas casas o que o prologo é nos livros.

Como artista, desejaria tambem que V. lhe arranjasse outro final. Nós somos latinos, e gostamos de que a musica termine por um bom ribombo de tambores. O livro termina bruscamente e com um ar de cançaço. A viagem de Varne — viagem insignificante comparada com as grandes aventuras polares dos inglezes, suecos, etc. — não é um remate *á altura*. Além d'isso, os detalhes geographicos a que o obriga põem seccura onde, no momento de você se separar do seu livro e dos seus hospedes, só devia haver emoção. Nada! Quer-se uma pagina larga, de grande côr, com um bocado de soluço pelo meio, fazendo arfar o costado das phrases.

Se fôsse a você (já que estou na fieira dos conselhos) tambem catava um pouco as descripções das cidades, tirando-lhes parte das informações historicas. Só uma pequena parte — para deixar que a gente veja bem a cidade. Se você não fôsse o extraordinario *descriptor* que é, isso não importava: mas ás vezes impacienta ir a gente enlevado por um limpido canal adiante, debaixo de velhas arvores, gozando a emoção da *flanerie* artistica —

e de repente sentir-se puxar pela manga, para receber ao ouvido uma lição d'historia. Dá vontade de dizer: « Oh, senhor, deixe-me passear! Se não quizesse, não me trouxesse a este lindo sitio. Mas já que me trouxe, deixe-me olhar para as arvores, e para as velhas casarias, e não me conte coisas vetustas de guerras esquecidas! » Como vê, eliminava um pouco toda a parte historica. Só um pouco, está visto: a Hollanda é uma creação dos homens e da Historia. Em resumo, livro superior.

Abraço do c.

QUEIROZ.

XXVII

Ao Conde de Ficalho

Londres, 20 de Outubro 1885

Meu caro Ficalho

Esta carta devia ser realmente impressa em letras gothicas, sobre pegarminho, com uma illuminura no alto, onde se visse, entre o enredado das folhagens de acantho e carvalho, um trombeteiro barbudo, de tabardo recamado d'ouro e mão arrogante na cinta, soprando alto o seu clarim: — porque ella é realmente um documento quasi official, annunciando ao bom amigo o ajuste do meu casamento com a Emilia Rezende.

Esta noticia, caro Ficalho, interessa-o com certeza, pela grave, grande mudança que ella repre-

senta na minha existencia — mas estou convencido de que o interessa ainda por causa d'Aquella que nós humildemente servimos, a Arte. E você vae de certo fazer reflexões sobre a influencia do casamento no culto da bem-amada Deusa. Eu julgo, amigo, que essa influencia é profundamente salutar! Antigamente, a Arte, sendo toda d'idealismo, ou no bem ou no mal, era necessariamente o producto do desequilibrio do artista: para adorar ou para amaldiçoar, para conceber anjos ou para conceber monstros, (e as antigas concepções poeticas não passaram d'isto) o artista tinha de estar sempre descompassadamente, *n'um dos extremos* do sentimento: ou no extasis ou na imprecação. E assim se era Lemaître, Byron, Espronceda e novellista romantico. O desgraçado que se conservava no ponderado equilibrio dos sentimentos, passava por burguez, recebia injurias, e era *um Boileau. Mais nous avons bravement et rondement changé tout cela.* Descobrimos que nunca se devia adorar nada em extasis, que nunca se devia amaldiçoar nada em colera — mas que se devia sempre *explicar* tudo, tranquillamente: — e a Arte, passando a ser um frio acto de observação, necessitou logo, como condição essencial para ser bem realisada, do calmo e pacifico equilibrio do Artista. Ora a Sciencia, a Philosophia, a experiencia dos seculos, a nossa

propria experiencia e o *Manual* de Monteverde, dizem solemnemente que, fóra do casamento, não ha para o homem verdadeiro equilibrio moral. Logo, segundo a formula de Spinoza, *res demonstrata est.* Em todo o caso, caro Ficalho, desejo *affirmar-lhe* que eu não sou levado a casar-me em obediencia a estas altas razões de Philosophia e d'Esthetica : — o que, para empregar outra formula da Scholastica, *non est demonstrandum.*

Recebi, ha tempos, as suas saudades a lapis, á margem d'uma justa, fina, encantadora, generosa e eminentemente artistica carta ao viajante Ramalho. Era uma pagina delicada, colorida, repassada de bom gosto, e *où j'ai gouté énormément de certains passages* — a reivindicação da superioridade latina, e a constatação d'esse *amor dos homens* que tanto distingue o nosso bom Ramalho. Tambem notei o aperfeiçoamento *considerável* da fórma — largueza e ao mesmo tempo elegancia correcta, *aisance*, um requintezinho d'originalidade *pas très voulu*, e emfim, a coisa essencial — bom gosto. Se você está Garcia-Orteando n'essa fórma — *bigre !* será um muito formoso calhamaço. Muito formoso !

Abraço do seu dedicado

EÇA DE QUEIROZ.

XXVIII

Á Senhora Condessa de Ficalho

Londres, 21 de Outubro 1885.

Minha cara snr.ª Condessa

Tenho sido ultimamente tão abandonado pelos meus amigos de Lisboa — ou pelo menos d'aquelle bairro de Lisboa onde eu mais desejo ter amigos — que, se possuisse uma canoa e um papagaio, podia considerar-me realmente como um Robinson Crusoè, desamparado na sua ilha. Ha, é verdade, em roda de mim, uns quatro ou cinco milhões de sêres humanos. Mas que é isso ? As pessoas que nos não interessam e que se não interessam por nós são apenas uma outra fórma da paisagem, um mero arvoredo um pouco mais agitado. São, verdadeiramente,

como as ondas do mar, que crescem e morrem, sem que se tornem differenciaveis umas das outras, sem que nenhuma attraia mais particularmente a nossa sympathia emquanto rola, sem que nenhuma, ao desapparecer, nos deixe uma mais especial recordação. Ora estas ondas, com o seu tumulto, não faltavam de certo em torno do rochedo de Robinson — e elle continua a ser, nos collegios e nos conventos, o modelo lamentavel e classico da solidão.

Não sei se este abandono provém da inhabilidade que os meus amigos têm de continuar por muito tempo as suas sympathias — se da incapacidade que eu tenho de reter por muito tempo as sympathias dos meus amigos. Seja como fôr, o facto permanece — e eu aqui me tenho achado, minha cara snr.ª Condessa, esquecido no meu rochedo, sem canoa e sem papagaio!

Ora que póde um homem fazer, em cima d'um rochedo — senão reflectir? E assim me tenho entregado, exclusivamente, a essa sombria occupação...

Reflecti que o mundo e a gente que o compõe, á maneira que a civilisação vae sendo mais complicada e mais *encombrante*, se vão tornando mais duramente egoistas; e se outr'ora, no movimento mais calmo da vida, era possivel formarem-se relações e grupos de relações, ligados por uma in-

teressante communhão de gostos e d'idéas, onde o espirito e o coração encontrassem tudo o que necessitam para viver — hoje, n'esta acceleração da existencia, não ha tempo, nem vagar, nem dedicação bastante para que esses grupos se formem com sufficiente encanto, ou, apenas formados, logo se desmancham, e cada um, na debandada que nos leva, tem de contar simplesmente comsigo mesmo — e com o seu cão . . .

Reflecti ainda que a Vida Exterior ia, com estes annos andados, perdendo para mim todos os attractivos. Viajar é (como a snr.ª Condessa sabe e sei que sente) deixar um sitio onde se estava comendo, num hotel triste, um *bœuf-à-la-mode* triste, para ir, através de poeira, confusão e bagagem, comer, n'outro hotel mais triste, outro *bœuf-à-la-mode* mais triste ; e as egrejas, as lojas, os homens, sendo por toda a parte eguaes, não vale a pena partir para ir apenas, e em definitiva, sentir a melancolia infinita que inspiram as multidões estranhas.

Postas de lado as viagens — restava-me talvez isso a que se chama a *Sociedade ;* mas ella, já agora, realmente pouca occupação me poderia offerecer : pessimamente educado, não sabendo jogar o *whist* nem valsar, não me sendo já facil *flirtar*, porque o espirito vae perdendo a sua ligeireza e a sua *bra-*

vura, eu via approximar-se o momento em que teria de enfileirar n'essa classe de solteirões, majores reformados do sentimento, que se encostam nas salas ás humbreiras das portas, a cofiar o bigode, com a sua melancolia e o seu *claque*, ambos debaixo do braço.

Que me restava ainda da vida exterior ? A acção ? Mas nós vivemos n'um paiz tão monotono que nem n'elle se conspira : e mesmo talvez não valesse a pena mandar fazer uma capa negra e reunir-me com alguns sujeitos de barbas, n'um subterraneo, para tramar em voz cava a destruição da Carta e do Gremio ! Que mais, então ? Inventar e prégar uma nova religião ? A minha modestia nunca se acostumaria a tão grande *éclat*, além de que os regulamentos da policia são muito severos com os prophetas. Procurar ser ministro ? A minha vaidade nunca me permittiria descer a tanto.

Reflecti ainda que nem mesmo os meus companheiros de mocidade me restavam — porque todos, pouco a pouco, tinham creado o seu ninho e viviam fechados dentro d'elle. Acontecia-me, ultimamente, indo pela rua, mergulhado na gola do meu paletot, encontrar um d'esses amigos e pedir-lhe, como uma obra de caridade, que viesse jantar comigo ao restaurante : e o meu amigo, tendo-me olhado com olhos chammejantes e indignados,

como se eu lhe propuzesse uma infamia, voltava bruscamente as costas, e abalava a correr para o insubstituivel conforto da sua sopa de familia... Eu, no entanto, lá seguia, solitario, para o restaurante, onde, invariavelmente, o *garçon*, atirando o guardanapo para debaixo do braço, me dizia com um sorriso abominavel e diabolico — « *Nous avons aujourd'hui, monsieur, un bœuf-à-la-mode qui est exquis !...* »

Finalmente, reflecti que não me restava senão a minha Arte. Mas, como tão profundamente se diz nos livros de cozinha — *pour faire un civet de lièvre il faut d'abord un lièvre, et puis une casserole.* Ora para fazer tranquillamente Arte — é necessario pelo menos uma mesa e um fogão, e depois ainda outra mesa, *pour mettre dessus le potage.* De que vale porém ter estes utensilios de trabalho — se se não tem, ao mesmo tempo, essa suave e amiga companhia, sem a qual o fogão, por mais carvão que se lhe deite, nunca dá calor, e a mesa, por mais luzes que se accendam em torno da sopa, parece sempre sombria ?

Nada pois me restava a não ser a solidão...

Estava eu assim reflectindo no meu rochedo, e reflectindo alto, n'um monologo, como é costume dos que fazem romances — quando aconteceu que uma pessoa, de todo o ponto excellente e

cheia de caridade, ouviu os meus queixumes... — E assim é que eu posso agora, senhora Condessa, annunciar-lhe o ajuste do meu casamento, com a filha da senhora Condessa de Rezende, D. Emilia de Castro.

Depois d'isto, eu não devia talvez acrescentar mais nada. Mas, antes de concluir este *in-folio*, não resisto á tentação de lhe pedir, minha cara senhora Condessa, que permitta aos seus bons desejos que me acompanhem n'esta nova existencia: elles teriam para mim um duplo valor: vindo d'uma pessoa tão superiormente dotada pelo espirito e pelo coração, elles não deixariam de *me porter bonheur*. E depois, provar-me-iam a mim mesmo que eu não sou inteiramente incapaz de reter por muito tempo a sympathia dos meus amigos.

Creia-me, snr.ª Condessa, *et nunc et semper*, e com todo o respeito

De V. Ex.ª muito agradecido e muito dedicado

EÇA DE QUEIROZ.

XXIX

Ao Conde de Ficalho

Vashni Lodge — Stoke Bishop — Bristol, 15 de Abril 1886.

Meu querido amigo

A sua carta veio bem a proposito — não só para me dar noticias dos dous *viajantes* [1] — como para me deixar saber onde, em que canto da Europa, se achava esse Bernardo, auctor promettido e annunciado d'uns certos *Azulejos* de que eu sou o fazedor de prologo. Essa prosa, tenho-a prompta (um largo e profuso prologo) e fiquei sem saber o que havia de fazer com ella, quando vi nas *Novidades* que Bernardo ia para uma longa viagem na Europa: já não é pois *contista*? É apenas *touriste*?

---

[1] Os Condes de Ficalho e d'Arnoso.

E os *Azulejos* ? Devo mandar o prologo a Godinho ? Onde mora Godinho ? É Godinho homem de confiança para me *mandar as provas* ? Não quero arriscar-me a que elle imprima o prologo sem me deixar rever as provas — *para ir mais depressa.* Bernardo que responda a esses quesitos.

Como vos agradecer sufficientemente, oh generosos amigos, a vossa tocante lembrança de nos virdes vêr ? Sim, estamos em Vashni, isto é, no campo. Chamo-lhe *campo* porque há arvores e já aqui não chega a canalisação do gaz : mas realmente é quasi tão cidade de Bristol como as Janellas Verdes o são de Lisboa.

O vosso quarto vos espera, quarto d'hospedes, já preparado com duas camas, como se estivesse prevista a vossa bemvinda visita. E sabe-se cá fazer o bacalhau de cebolada !

Imagino que vocês veem para Londres nas vesperas da Paschoa — e que se demorem para que Bernardo contemple a «grande cidade dos inglezes ».

A esse tempo deve, creio, estar, aqui em Bristol, aberta a grande *Exposição Agricola*, celebrada este anno n'esta nobre cidade. Lembro-vos, se vocês quizerem voltar a Lisboa por mar, que Bristol está quasi no caminho directo de Southampton. Assim tudo vos são vantagens !

Leio n'este momento o « Garcia » a fio — depois de ter, segundo o meu mau habito, *folheado* aqui e além. E parece-me, em toda a sinceridade, que *c'est quelque chose de considérable.* Os primeiros capitulos (Salamanca, Castello de Vide, etc.) feitos com tão poucos recursos d'informação, quasi apenas sobre uma linha, estão todavia tão habilmente arranjados, e com uma tão boa arte de composição, que nos fazem interessar pela biographia d'um sujeito — que não tem biographia. O estylo é excellente, largo, sereno, limpido, grave, e tendo, aqui e além, um toque de pittoresco, d'ornamentação, que é sempre justo, nunca demais, e que dá côr e vida a tudo. O que entrevi já das descripções de Goa, etc. parece-me superiormente feito. Mas emfim, eu não conheço o livro ainda completamente para fallar d'elle com opiniões fundadas. A minha impressão é que *vous en sortez un très grand personnage.* Homem de sciencia, você, amigo, era ainda não ha muito tempo um simples *amador*, um *dilettante* em Arte e Letras. Com os contos, sobretudo depois da *Pesca do Salmão*, da carta ao Ramalho sobre a *Hollanda*, você deixou de ser um *amador* — e passou a ser um *escriptor.* Com o *Garcia da Orta*, você passou a ser um *homem de letras*, está na historia da Litteratura Portugueza e já de lá ninguem o arranca. Um tal pulo, em que você, de simples

amador, nos salta para um dos melhores logares, é feito raro e brilhante. E eu, mais que nunca, continuo a dizer o que dizia d'antes, pensativamente, de você — « É levado do diabo ! »

Ao lêr o *Garcia*, tenho pensado que você achou talvez a sua veia — a veia da gloria ! . . . Seria fazer outras monographias, d'outros homens historicos, mas verdadeiramente grandes (porque, aqui entre nós, e com o devido respeito, e sem querer offender, o Garcia da Orta era um semsaborão) como Damião de Goes, o Infante D. Henrique, Affonso d'Albuquerque, etc. . .

Você tem para isto as duas qualidades : o amor dos estudos historicos e as qualidades d'artista.

Tome-se, por exemplo, Affonso d'Albuquerque : um simples artista fazia d'essa figura soberba um mero *typo humano*, um puro *heroe de romance*, deixando no tinteiro todo o meio historico em que elle se moveu e actuou ; um simples historiador, á antiga, só trataria de *Historia*, deixando na sombra o *homem*. Mas você — que reune qualidades d'artista e de critico — dar-nos-ia *o homem e o seu tempo*.

Pense n'isto. A nossa historia é uma mina d'*heroes*, que estão pedindo que os resuscitem.

Mas você não veio a Paris para lêr prosa minha. Portanto, findo, lembrando ainda o quarto que vos

espera e o prazer de vos vêr. Com quê, Bernardo, assombrado com a Civilisação! Essa viagem faz-lhe um bem immenso. Lisboa é o campo — e vir cá fóra, é vir á cidade. E os mesmos lavradores reconhecem que, de vez em quando, *é bom vir á cidade!*

Abrace-o por mim. Muitos recados da Emilia e abraço affectuoso

do seu amigo dedicado
Eça de Queiroz.

XXX

A Luiz de Magalhães

Bristol, 20 de Maio 1886.

Meu caro Luiz de Magalhães

Não lhe tinha querido escrever sem lhe mandar esse prologo [1], que, como o *Encoberto*, nunca chegava, nem com nevoa, nem com sol. O Genelioux [2], porém, deve ser testemunha que eu tenho estado perfeitamente inundado de trabalho, já com *Maias*, já com *Reliquia*. Emfim, hoje vae o prologo, bem mediocre e bem chôcho, mas dizendo, no fundo, o que devia dizer, a evidente originalidade da sua creação do Soares.

Preciso *absolutamente* de provas. Como vê, vae

---

[1] O prologo de *O Braziletro Soares*, novella de Luiz de Magalhães.

[2] Julio Genelioux, então proprietario, com Mathieu Lugan, da livraria Chardron.

por copiar, sem pontuação, com palavras repetidas, n'um extremo desalinho : precisa *toilette*. E as provas, *exijo-as inevitavelmente*. Que sejam mandadas logo, para logo serem devolvidas. Mas *nenhuma consideração* que o Genelioux possa apresentar (pressa, etc.) deve impedir que você me mande as provas já.

Essa carta junta, peço-lhe que a faça publicar na *Provincia*. Ella explica-se bem por si mesmo e parece-me um acto de justa delicadeza para com o Chagas, com quem sempre me tenho dado bem, e de quem não tenho recebido senão boas palavras.

Para que o correio leve ainda esta carta, paro aqui, mandando os recados da Emilia para a snr.ª D. Conceição e para si, juntos aos meus. Abraço ao nosso Oliveira Martins.

Seu muito amigo
E. Queiroz.

XXXI

Ao director do jornal «A Provincia»

Bristol, 20 de Maio 1886.

Snr. Director da *Provincia*:

No numero da *Provincia* de 14 de Maio, chegado hoje aqui, encontro no «Correio da Capital» uma anecdota litteraria, em que eu appareço, por occasião da primeira representação do *Drama do Povo*, de Pinheiro Chagas, sentado na plateia de D. Maria, entre o meu amigo Ramalho Ortigão e o meu amigo Guerra Junqueiro, chacoteando ruidosamente a peça, e indo, nos intervallos, apertar com effusão as mãos ambas do auctor!

Sem me referir á divertida falta de coherencia moral que me attribue o seu correspondente, sem

me referir mesmo á inverosimilhança de eu ter rido d'um drama de Pinheiro Chagas — devo declarar a V., para que esses grandes factos vão bem apurados, se tiverem de passar á Historia, que eu não assisti á primeira representação, nem assisti jámais, infelizmente, a nenhuma representação do *Drama do Povo*.

Lembro pois a V. a justiça de fazer rectificar essas risadas que eu não dei, n'um sitio em que eu não estava, com um drama que eu nunca vi.

De v. etc., etc.
EÇA DE QUEIROZ.

XXXII

A Luiz de Magalhães

Bristol, 16 de Julho 1886.

Meu caro Luiz de Magalhães

Não eram necessarias outras provas, mas como vieram, dei-lhes, *pour ne pas perdre l'habitude*, um toque aqui, outro além, e remetto-lh'as para o Porto, ainda que imagino que V. está *sebastianisando* [1] debaixo das arvores de Moreira.

Vi um artigo seu na *Provincia* sobre o livro de critica d'um rapaz que assigna *Bruno* [2], e, como já no Porto, o Junqueiro me falasse d'elle como d'um *sacco onde havia alguma coisa*, tenho desejo de saber se o que ha dentro do sacco é joio ou trigo. Se V. tem o livro e o dispensa, mande-m'o.

---

[1] Allusão ao poema *D. Sebastião* que Luiz de Magalhães andava compondo por esse tempo.

[2] José Pereira de Sampaio (Bruno).

Diga-me quando ha probabilidades de apparecerem os *Sonetos* de Santo Anthero. Ha almas sofregas d'esse alimento espiritual. Que esse Santo philosopho mostre a sua superioridade sobre os Santos do Calendario — apparecendo, vivo e brochado, aos seus devotos!

Muitos recados da Emilia á snr.ª D. Conceição a que eu junto os meus cumprimentos. Ella lembra-se egualmente a V. e eu envio abraços do

seu do c.
QUEIROZ.

Largo abraço ao nosso Oliveira Martins.

XXXIII

A Oliveira Martins

Bristol, 29 de Julho de 1886.

Meu querido Oliveira Martins.

O portador d'esta carta será, creio eu, o sobrinho de minha mulher, D. Luiz de Castro, que vae fazer exames — exames que elle te explicará, porque eu nada comprehendo das divertidas complicações da pedagogia nacional. Sei apenas que quando um rapaz quer ser engenheiro — o Estado immediatamente lhe ensina Rhetorica e Direito Canonico: e quando o temperamento d'outro moço o inclina para a Theologia, — logo o Estado o torna proficientissimo em Desenho Linear e Botanica. Quando eu estava no Porto, assisti com effeito ao

pavoroso espectaculo dos estudos do Luiz de Castro: elle quer ser, creio eu, engenheiro naval: e para isso andava introduzindo dentro do craneo, por meio d'um martello e d'um compendio, um tratado de direito civil, as «Eclogas» de Virgilio e a lista de todos os reis de França e d'Inglaterra, com os seus nomes, os seus numeros, as suas alcunhas, as suas familias, os seus bastardos e as suas fundações pias. E foi então que eu comprehendi a philosophia e a secreta moral do *empenho*. O *empenho*, tão calumniado pelos austeros, é, por fim, a salvação do paiz. O *empenho* é o correctivo do bom senso publico applicado ao disparate official. Sempre que um Regulamento, sahido d'um antro burocratico, impõe ao publico uma pratica tôla — o publico colliga-se por meio do *empenho*, para lhe annullar os effeitos funestos. O Estado, imbecil, exige que meu filho ou sobrinho, que quer ser engenheiro, saiba *de cór* a Logica do João Doria e a Rhetorica do Cardoso?... Pois bem, eu o lograrei, na sua imbecilidade! E vou direito ao examinador, e, por meio do *empenho*, consigo que o rapaz venha a ser engenheiro, sem nada saber dos *impossiveis physicos e metaphysicos* e da *theoria do syllogismo*. Tal é o grande, nobre papel do *empenho* na sociedade portugueza: elle é a conjuração do bom senso positivo contra o idealismo obsoleto e tolo das instituições.

Este aranzel tende a calmar a tua consciencia de philosopho e de patriota — quando eu agora te pedir, com instancia, que t'*empenhes* para que D. Luiz de Castro seja approvado em todas essas materias que o Estado lhe fez decorar, que elle decorou com paciencia e submissão, mas que, no momento preciso, lhe podem esquecer—como todas as coisas que a gente sabe *só de cór*, e *só* em obediencia ao Estado!

Como esta carta é só d'*empenho* não te fallo em outros assumptos — a não ser em dois egualmente interessantissimos para Portugal e para mim: quando ha probabilidades de que tu, EMFIM, nos comeces a governar? E quando apparecem os sonetos de Santo Anthero?

Abraça o Santo, e tu, recebe abraço egualmente affectuoso, do teu do c.

QUEIROZ.

XXXIV

A Ramalho Ortigão

Bristol, 14 de Junho 1887.

Meu querido Ramalho

Querem os Fados que esta primeira carta seja já a pedir-lhe serviços — serviços d'amigo da Capital em correrias por causa do amigo da provincia. Diz-me meu pae que se abriu, ou vae abrir, esse famoso concurso da Academia, em que um conto de réis substitue a nobre corôa de louros do tempo de Herodoto. Seguindo o exemplo d'esse mesmo Herodoto e de tudo quanto havia de *chic* na velha Grecia litteraria, eu pretendo entrar n'esse concurso, com a *Reliquia:* não porque haja sequer a sombra fugitiva d'uma probabilidade mais magra

do que eu, de que me seja dado o conto, entre o clamor das turbas e as palmas de Themistocles — mas porque desejo gozar a attitude da Academia deante de D. Raposo !

Não sei como é feito o Concurso, nem que praso ha para a apresentação do livro, nem com que ceremonial é elle apresentado : estou aqui longe, entre saxonios rudes e concentrados, onde nunca se viram essas bellas festas da intelligencia dos paizes do sol. Por isso lhe peço que se encarregue você de apresentar a *Reliquia*, se essa ceremonia por procuração é fazivel. Se o fôr, use o exemplar que eu lhe vou fazer remetter pelo Chardron, digo Genelioux.

Você entra com a *Hollanda?* Se a *Hollanda* está dentro do Concurso, tambem o está, oh terra ! a *Historia de Roma*. Mas no fundo, que importa ? Não é para nenhum de nós esse Conto de folhas d'ouro.

Escreva. E diga quando é essa partida, na caravela, a redescobrir o Brazil.

Muitos cumprimentos da Emilia para a Senhora e para si.

Abraço do

QUEIROZ.

XXXV

A Luiz de Magalhães

Bristol, 2 de Julho 1887.

Meu caro Luiz

O numero da *Provincia* que trazia o seu soberbo e saboroso artigo sobre a *Reliquia*, chegou-me tarde, depois de passada toda uma fila de numeros, como um carneiro tresmalhado. Mas mais tarde venho eu para lhe fazer a minha grande venia, e agradecer-lhe, córado e modesto, a sua sumptuosa glorificação do livreco. Se eu tivesse, como o *papá Hugo*, o direito de fabricar resumos para a posteridade, diria d'um só folego e d'uma só vez — *ceci, c'est de la critique rayonnante!* Assim digo mais profusamente : você tomou uma lamina de prata com cercadura d'ouro e joias, gravou-lhe em cima, n'um

traço profundo e poetico, uma bella, idealisada imagem da minha pobre personalidade litteraria, e plantando-m'a deante dos olhos, como um espelho, exclama generosamente : *Tu és assim !* Eu, no primeiro momento, de mãos nos bolsos e empinando a barriga, miro-me na resplandecente lamina e murmuro com satisfação : *É verdade, assim eu sou!* Mas logo, aquella secreta voz que todos os homens de bom-senso têm dentro de si — como os Triumphadores romanos tinham por traz, no estribo do carro, um escravo philosopho, que por meio de ironias e beliscões os ia mantendo dentro das proporções humanas — me diz friamente : — « Não, tu não és assim . . . Aquillo é uma impressão d'amizade sentida através d'uma imaginação de poeta. »

Seja como fôr, você deu alli um magnifico bocado de prosa. E nada melhor do que a sagacidade e ductilidade com que você se mette por dentro da obra e finamente surprehende n'ella os instinctos do obreiro. Eu por mim, salvo o respeito que lhe é devido, não admiro pessoalmente a *Reliquia.* A estructura e composição do livreco são muito defeituosas. Aquelle mundo antigo está alli como um trambolho, e só é *antigo por fóra*, nas exterioridades, nas vestes e nos edificios. É no fundo uma paraphrase timida do Evangelho de S. João, com scenarios e fatos de theatro ; e falta-lhe ser atra-

vessado por um sopro naturalista d'ironia forte que daria unidade a todo o livro. D. Raposo, em logar de se deixar assombrar pela solemnidade historica, devia rir-se dos Judeus e troçar dos Rabbis. O unico valor do livreco está no *realismo phantasista da Farça.*

Um artigo de critica é hoje uma cousa tão rara em Portugal, que, quando me apparece um, sinto-me penetrado de reconhecimento, como cidadão e como portuguez. É a impressão d'um homem ordeiro e honesto, que, no meio d'uma suja desordem de taberna, veja, de repente, apparecer á porta um *gendarme.* Com effeito a critica não é só a consciencia escripta d'uma litteratura, é tambem a policia da litteratura. Onde ella falta, como entre nós, ha logo, como entre nós, anarchia e balburdia na cidade litteraria. Se nós tivessemos um corpo constituido de criticos — tres ou quatro, investidos d'auctoridade e de saber, independentes e inflexiveis como a propria Lei, e armados d'um grosso cacete — já a rapaziada não escrevia essas prosas reles, que correspondem a sahir á rua em ceroulas e chinelos, nem produzia esses versos insensatos, que correspondem a cantar bebedo a uma esquina. Assim, sem policia critica, não têm medo. Não se dão ao trabalho de vestir um estylo decente para apparecer aos seus concidadãos; e quando lhes ap-

petece fazer uma orgia de lyrismo, fazem-na descaradamente, no largo mais publico das gazetas. Por isso, mal avisto um critico, bato as palmas, como a uma inesperada garantia, que surge, de decencia e ordem. « Ahi vem — penso eu logo — um dos *gendarmes* de que tanto precisamos ! » O seu artigo da *Reliquia* não deixou de me dar esta usual esperança. Se você, com effeito, quizesse tomar o bastão de *policeman* e percorrer a cidade litteraria, dando um *shake-hands* d'estima ao obreiro honesto, e catrafilando, por entre cacetadas, o desordeiro ? . . . *Qu'en dites vous ?* O officio não é para desdenhar. E póde-se ser poeta e critico — haja vista ao velho Horacio, para citar o primeiro da fila. Mas receio bem que você só queira sahir a terreno por motivos d'amizade — e que, como Achilles, vendo a balburdia que vae entre os gregos palradores, se apresse a recolher á sua tenda, a tomar a sua lyra.

A proposito de lyra e tenda — está você ainda nas pingues terras monasticas de Moreira, no burgo portuense, ou já nos areaes da Costa ? Por o ignorar, remetto esta carta por Santo Ovidio, pela Benedicta [1]. Como vae o D. Sebastião ? Tem você

[1] D. Maria Benedicta de Castro, cunhada de Eça de Queiroz.

visto o outro Messias, para uso constitucional, vulgo Oliveira Martins ? Que há de politica ?

Não sei se você leu nas *Novidades* uma prosa de Camillo, com phrases muito janotas e arrebicadas, todas pelo figurino de Filinto Elysio, em que elle se queixava ferozmente de mim. Eu respondi-lhe n'uma epistola, destinada ás *Novidades*, que (para ser modesto) *não deixava de ter alguma pilheria.* Mas era muito longa, toda a lapis, tinha de ser copiada . . . e não tive paciencia de a pôr em tinta limpa : de modo que guardei um discreto silencio [1].

A Emilia pede muitas saudades para a snr.ª D. Conceição. Eu, os meus respeitos. Dê noticias suas, abraços ao Oliveira Martins quando elle por ahi apparecer e creia-me sempre, meu caro Luiz,

Seu muito amigo
Eça de Queiroz.

---

[1] Essa resposta, encontrada nos papeis de Eça de Queiroz, foi publicada nas *Ultimas Paginas*, com o titulo: *Carta a Camillo Castello Branco.*

XXXVI

Ao Visconde de Pindella

Bristol, 28 de Agosto 1887.

Meu querido Vicente

Perdoa-me por só agora vir, tão tarde, agradecer-te as boas, affectuosas palavras que me mandaste por occasião da morte do pobre Alberto [1]. Foi, como podes bem comprehender, um grande golpe para mim, e quasi inesperado porque eu nunca suppuz senão que elle tinha uma pertinaz e severa bronchite. Supponho bem que o sentiste : elle conservava da vossa camaradagem em S. Thomé uma recordação saudosa e cheia de amizade, em que gostava sempre de fallar. Ainda quando aqui es-

---

1 Eça de Queiroz refere-se á morte de seu irmão, Alberto Carlos d'Eça de Queiroz, fallecido a 5 de Julho de 1887.

teve em Bristol, o anno passado, estando tambem a Benedicta, nos contou longamente os vossos jantares, os vossos cavacos, as vossas risadas no meio da gravidade da administração, a historia d'um certo cavallo branco, etc... E tudo acabou para elle!

Não tenho noticias directas e precisas de ti — mas imagino que estás toleravelmente n'essa placida, gorda, sympathica terra de pastagem e nevoas. Do Bernardo, recebo, como todo o mundo, noticias pelas *Novidades*, nas cartas interessantes, e d'uma fina, sympathica singeleza, em que elle vae graciosamente contando o seu caminho para Pekin. Deus lhe dê por lá alegria, saude e *succès*. Estas tres coisas excellentes te desejo tambem, certo de resto que as tens, como tão largamente as mereces.

Abraça-te affectuosamente

O teu do c.
QUEIROZ

XXXVII

A Oliveira Martins

Bristol, 14 de Março de 1888.

Querido Joaquim Pedro

Duas avaras linhas para acompanhar esse maço de prosa — aria de flautim sobre a Europa, o Progresso em espiral, a finalidade do Homem e outras coisas d'interesse directo para a Casa Havaneza [1].

Não tive tempo de o copiar — mas escrevi-o, creio eu, n'uma calligraphia d'incomparavel belleza. Depois de o publicares como Ensaio de Philosophia — pódes expôl-o como desenho á penna. Não ha pois razão razoavel para que esses espantosos typographos do *Reporter* o trucidem. Mas,

---

[1] Este artigo foi depois publicado nas *Notas Contemporaneas*, com o titulo *A Europa*.

em todo o caso, lança os olhos ás provas, para que, em virtude das *coquilles* usuaes, transposições de periodos, mutilações de paragraphos, etc. — elle não pareça, em vez d'um estudo de Philosophia Florestal, como é — uma apreciação retardataria sobre a *Dama das Camelias!* Vigia sobretudo a pontuação, que mal se distingue entre as correcções e entrelinhas.

Aproveito um resto de pagina para te dizer que a Emilia teve com felicidade, graças a Deus — um menino. Segundo a gentil formula antiga, tem aqui pois a senhora D. Victoria um creado ás suas ordens.

Quando escreveres, diz de ti e da Politica. A respeito da Politica — chamo a tua attenção para a nova palavra «*verborreia*» com que no artigo classifico a nossa eloquencia S. Bental. Creio que merece ser mencionada n'uma das tuas *Actualidades*, pequenas e solidas costelletas de saber e de bom senso com que me delicio. Abraço do teu

QUEIROZ.

XXXVIII

A Oliveira Martins

Bristol, 23 de Maio de 1888.

Querido Joaquim Pedro

Tenho estado para te escrever ha muito, por motivos varios, — mas surge invariavelmente um d'esses obstaculos, que, etc.... Nada de mais desculpas.

Começo hoje por te felicitar pelo tacto *hors ligne* com que escolheste a occasião de collocar o velho artigo sobre a Academia — entre dois Te-Deums em honra do nosso bom Chagas! E agradeço, com ar modesto, a affectuosa *Actualidade* em que celebravas o meu *humorismo* — *Actualidade* que era, ella propria, sobretudo nas ultimas incomparaveis linhas, *a very superior piece of humour.*

E agora, entro no assumpto — que é litteratura. Tenho aqui, para ti, isto é para o *Reporter*, dadas certas condições, uma immensa quantidade de prosa. De facto, todo um livro. Livro, porém, que se póde publicar aos bocados, todas as semanas, sem lhe prejudicar a unidade e o interesse. Comprehenderás quando eu te disser que se chama — *Correspondencia de Fradique Mendes*. Trata-se, como desde logo deduzes, de fazer para Fradique (não sei se te lembras d'este velho amigo) o que está na moda fazer a todos os grandes homens que morrem — publicar-lhe as cartas particulares. Fradique foi um grande homem — inedito. Eu revelo-o aos seus concidadãos, publicando-lhe a correspondencia. Se bem te recordas d'elle, Fradique, no nosso tempo, era um pouco comico. Este novo Fradique que eu revelo é differente — verdadeiro grande homem, pensador original, temperamento inclinado ás acções fortes, alma requintada e sensivel... Emfim, o diabo!

Tudo isto, até aqui, vae muito bem em relação ao jornal — porque nada mais conveniente do que publicar todas as semanas, ou pouco mais ou menos, alguma d'estas cartas. Sómente, eu não podia editar a correspondencia de Fradique, sem a preceder d'um estudo sobre esta singular personalidade. Ora esse estudo não póde ser fragmentado —

quero dizer, tem d'apparecer seguido e a seguir. E elle comprehende pelo menos *dez artigos*. Que queres tu ? Eu conheci tanto este homem, tenho tantas coisas a contar d'elle, tão curiosas ! . . . Como publicar porém *dez artigos* a seguir ? No folhetim, não póde ser, porque se não póde interromper o romance, nem eu quero que o estudo critico sobre um tão grande homem appareça n'esses baixos do jornal, destinados á imaginação e á novella. No primeiro artigo, tambem não póde ser, porque isso altera a feição mesma do jornal, que, para cada dia, tem o seu *tenor*.

A mim lembra-me publicar o primeiro artigo d'esse estudo no começo do jornal e continuar o resto no corpo do jornal, depois dos *Echos e Noticias*. O peor é que talvez não haja espaço — com a immensa verborreia das Camaras ! . . . Emfim, tu dirás. E é este o primeiro ponto a resolver.

Ha porém um outro ponto que enceto já — ainda que não sei se tu és a pessoa competente para o resolver. Jayme Séguier, quando me convidou para escrever no *Reporter*, pretextou a pobreza de jornal que começa, e offereceu-me duas libras por artigo de duas colunas. Eu tenho escripto artigos de cinco columas — mas isso é só culpa da minha loquacidade. Ora, querido Joaquim Pedro, por *duas* libras não vale a pena estar a manufacturar im-

mensas talhadas de prosa. Ellas dão-me um grande trabalho — e nos jornaes do Brazil produzir-me-iam o dobro. Por outro lado, eu não quero fazer exigencias judaicas a um jornal que lucta pela vida — e que ha-de luctar, mesmo que passe ás mãos dinheirosas de O'Neill. Como combinar tudo, portanto, interesse e sentimento ? Occorre-me um meio facil e fazivel : é publicar estas *Fradiquices* simultaneamente no *Reporter* e na *Gazeta de Noticias*, comendo assim a duas prosas. Nem *Gazeta* nem *Reporter* perdem nada com isso. Eu combino as remessas, de sorte que cada artigo saia no *mesmo dia*, ou pouco mais ou menos, em Lisboa e no Rio de Janeiro. E como quinze dias de mar separam providencialmente essas duas colmeias de Lusitanos, segue-se isto : — que, quando a *Gazeta* chegue a Lisboa com artigo meu, já esse artigo tem apparecido no *Reporter* ha quinze dias, que é como se dissessemos ha *quinze annos ;* e quando o *Reporter* chegue ao Rio de Janeiro com artigo meu, já esse artigo tem apparecido na *Gazeta* ha *quinze dias*, que é como se dissessemos ha *quinze seculos* — porque lá é tudo em ponto maior ! Ora nota, além d'isto, que nem a *Gazeta* tem um unico assignante em Lisboa — nem creio que o *Reporter* tenha mais de dous no Brazil. De sorte que os dous jornaes têm o que precisam ter — que é, em certo dia, o seu artigo

novo: e eu tenho os duplos proventos. Esta idéa é ingleza: isto é, os escriptores inglezes fazem nos *Magazines* e *Revistas* estes cambalachos de prosa, entre a Inglaterra e a America. E é considerado um meio muito pratico. — Dize, portanto, e já, se esta combinação convém ao *Reporter*. Sei que elle vae passar ao grupo O'Neill. Em todo o caso, e sobretudo n'esse caso, se tu não és a pessoa competente para resolver isto — é-lo para apresentar a idéa ou proposta a quem fôr competente.

Para não fazer esta carta em tres volumes, não alludo mesmo ao muito que me interessou o plano de puxar Santo Anthero, da vida contemplativa para a vida activa. A proposito de Santo Anthero: uma senhora, litterata allemã illustre, que está traduzindo em allemão o *Crime do Padre Amaro* (dá esta noticia-reclame no *Reporter!)* e que se chama Mme. Barsh, dizia-me ha dias, n'uma carta, que os *Sonetos* traduzidos pelo Störk continuavam a ter um grande successo, occupando-se d'elles a critica berlineza e provincial, e sendo recebidos na Allemanha — com *admiração e reconhecimento*. *Reconhecimento* é bem allemão — e tocante. Dá tambem esta noticia no *Reporter*.

Escreve, e recebe um bom abraço do teu do c.

JOSÉ MARIA.

XXXIX

A Marianno Pina

Bristol, 8 de Abril 1888.

Meu caro Pina.

Recebi a *Illustração* de 5 de abril, e com ella, e n'ella, a curta, mas pavorosa, demolição que V. faz da minha pobre pessoa ! Famosa sova, na verdade ! É d'esse genero o que nós chamamos em Lisboa — *dizer as ultimas.*

Porque emfim, até agora, os criticos mais hostis concediam-me ao menos uma certa *arte de escrever* — emquanto que V. nega desde logo, terminantemente, que eu possua sequer os rudimentos d'essa arte — *a grammatica e a syntaxe.* As paginas dos meus livros, diz V. com ferocidade, *estão cheias*

d'erros de grammatica e d'erros de syntaxe ! E isto é realmente dizer *as ultimas.*

Ha longos annos que um critico não pronuncia palavras tão violentas. Em primeiro logar, porque a doçura e a polidez crescente dos costumes impedem de romper n'esses excessos. E em segundo logar, porque um escriptor que não tem grammatica e que não tem syntaxe, *não é de facto um escriptor* — e portanto os Criticos não têm occasião de se occupar d'elle, nem em bem, nem em mal. Em todo o caso, se essa é a sua opinião, caro Pina — *que eu não tenho nem grammatica nem syntaxe* — fez V. admiravelmente em a dizer. O primeiro dever de quem tem uma penna é escrever aquillo que julga a verdade.

O que eu não comprehendo muito bem, é quando V. diz que os meus livros, *cheios d'erros de grammatica e d'erros de syntaxe*, prendem e dominam o publico ! Aqui, perdoe-me V., caro amigo, mas creio que ha trapalhada ! V. de certo não liga a estes termos, *grammatica e syntaxe*, a idéa que lhes ligam as Mestras-Regias de Traz-os-Montes. Sem penetrar mesmo muito nos requintes da Philosophia da Linguagem, V. conhece tão bem como eu, ou melhor talvez, o que hoje se entende por estes termos : *grammatica e syntaxe :* e sabe bem que, sem aquillo a que hoje se chama *grammatica*, não ha *clareza de*

linguagem, e sem aquillo a que hoje se chama *syntaxe*, não ha *coordenação de pensamento*. Ora como é que um livro, sem grammatica e sem syntaxe, — isto é, um livro composto de *pensamentos desconnexos expressos n'uma linguagem obscura*, póde jámais prender e dominar o publico ?

Parece-me pois, (pedindo outra vez perdão do termo), que houve ahi trapalhada.

Toda essa passagem é confusa, — e o que ainda a complica mais, é V. dizer que « *os grammaticos são os verdadeiros cultores da lingua, os verdadeiros escriptores, rhetoricamente fallando.* » Que diabo quiz V. dizer com tudo isso ? É perfeitamente incomprehensivel, a não recahirmos na supposição de que V. liga aos termos, *grammatica* e *syntaxe*, a mesma idéa que lhes ligam as Mestras-Regias, se é que, com a diffusão dos conhecimentos, ellas mesmas não têm já hoje uma noção mais elevada d'essas coisas. Quero dizer — que não se póde comprehender o que V. diz — a não suppôr que V. entenda por grammatica e syntaxe : *um conjuncto de regras fixas e inalteraveis*, deduzidas da *maneira* especial dos primeiros escriptores que apuraram e fixaram uma lingua — definição essa de grammatica e syntaxe que me levaria a concluir que Renan, o primeiro escriptor da França moderna, é um trapalhão, *sem grammatica e sem syntaxe*, porque escreve com uma

construcção inteiramente differente da d'esse outro grande escriptor que se chama Montaigne, e que viveu, se não me engano, no tempo de Luiz XIII. Sendo assim, se V. liga, com effeito, essa idéa aos termos grammatica e syntaxe, então toda a passagem da sua *chronica* se torna clara e logica e com effeito os meus livros são cheios *d'erros de grammatica e d'erros de syntaxe* — porque não são realmente construidos com a syntaxe e a grammatica de Sá de Miranda e de Bernardim Ribeiro. E ahi está porque, como V. diz, elles commovem o publico!

Quer que lhe diga o que penso, caro Pina? É que V. escreveu esse começo da sua *Chronica*, á noite, muito tarde, derreado de cançaço, e a cahir de somno! E se a fôr relêr, fica furioso comsigo.

Não o fique V. comigo, por causa d'esta maçada, dê-me noticias suas e creia-me sempre

Muito dedicado
EÇA DE QUEIROZ.

XL

A Marianno Pina

23, Ladbroke Gardens — Notting Hill.
Londres, 5 de Junho 1888.

Meu caro Pina

Recebo a sua carta. E gabo-lhe a paciencia de ter entrado em tão longas explicações sobre o tal caso grammatical! Está claro que V. não tinha o minimo desejo de me ser *severo!* E a minha carta, justiça me seja feita, não tinha outro fim senão tagarellar, á meridional, com espalhafato e abundancia. Em todo o caso, n'essas mesmas explicações ha amabilidade e sympathia que agradeço.

Agora coisas serias. Faz mil vezes bem em vir a Londres, agora na *season*. É indispensavel dar uma vista d'olhos a isto: é complemento d'educa-

ção litteraria e social. De Hotel central e economico e francez vou tratar e depois aviso.

Viagem por Boulogne e Falkestone (o *a* pronuncia-se *ô*). E evidentemente de dia, no comboio que parte d'ahi entre as 9 e as 11 — e creio que chega aqui entre 4 e 6. Você verá isso no *Guide*. De noite, só viaja quem tem pressa. É mais agradavel atravessar o Canal de dia e tem-se logo um lindo aspecto da paisagem ingleza.

Desculpe-me a pressa e creia-me

seu muito dedicado
QUEIROZ.

XLI

A Oliveira Martins

Bristol, 12 de Junho de 1888.

Meu querido Joaquim Pedro

Recebi a tua boa carta. Não é possivel, como propões, cortar os *pedaços melhores* do estudo Fradique, e alinhaval-os todos juntos n'um só artigo. De certo me expliquei mal. A introducção a «*Cartas* que nunca foram escriptas por um homem que nunca existiu» não podia deixar de ser uma composição em que se tentasse dar a esse homem, primeiramente, realidade, corpo, movimento, vida. Não se póde decentemente publicar a *Correspondencia d'uma abstracção.* De sorte que o tal estudo critico é de facto uma *novella* — novella de feitio especial,

didactica e não dramatica, mas emfim, novella, com uma narração, uma acção, episodios, uns curtos bocadinhos de dialogo, e até — paizagens ! Desde logo vês que d'isto se não podem fazer extractos. Tem de ser publicado tudo ! Por outro lado, sem prévia historia do homem, é impossivel encetar abruptamente as cartas. O publico perguntaria naturalmente — « mas quem é Fradique ? » Inventa pois outra coisa, e responde logo, pois que eu tenho pressa de resolver isto por causa do Brazil. Os artigos não são dez, por fim : são oito, mas grandes.

Antes que me esqueça : annuncia, peço-te, a apparição dos *Maias*, que se devem pôr á venda a 15 ou 20. Lugan & Genelioux nem habilidade têm, na lançagem d'um livro, para fazer imprimir annuncios ! É necessario que esses annuncios eu proprio os pedinche ! Estes industriaes portuguezes !... Eu vou-lhes escrever para que te remettam um dos primeiros exemplares brochados. E se fôr a tempo, podes transcrever um pedaço no *Reporter*. Os *Maias* sahiram uma coisa extensa e sobrecarregada, em dois grossos volumes ! Mas ha episodios bastante toleraveis. Folheia-os, por que os dois tomos são volumosos de mais para lêr. Recommendo-te as cem primeiras paginas ; certa ida a Cintra ; as corridas ; o desafio ; a scena no jornal *A Tarde ;* e, so-

bretudo, o sarau litterario. Basta lêr isso, e já não é pouco. Indico-te, para não andares a procurar através d'aquelle immenso maço de prosa.

Tenho muitas outrás coisas em que te fallar, mas, d'esta vez ainda, vae tudo a respeito de litteratura.

Achei o Herr Schmidt delicioso ! Rimos cá bastante. Outra cousa. Quando me escreveres, faze-me o grande favor de me repetires quaes são as feições principaes do teu contracto com a casa Bertrand. Já m'o disseste, mas não o recordo com nitidez.

A tua *Actualidade* « pensal » no *Reporter* está de todo o ponto excellente, d'um bello humorismo e *avec une hauteur de bon aloi.*

Os meus respeitos á senhora D. Victoria, e um bom e grande abraço do teu do c.

JOSÉ MARIA.

Dize-me se achas que Fradique escreva a nomes proprios e d'elles falle (como Oliveira Martins) ou que escreva só para o seu grande amigo Vaz Mont'Arroyo, auctor do *Portugal Moderno.*

XLII

A Oliveira Martins

Bristol, 6 de Julho 1888.

Meu querido Joaquim Pedro

Perdôa não te ter respondido sobre a *Fradiquice.* Não era má a idéa de a publicar em folhetim supplementar — ainda que dous folhetins no mesmo numero desfeiam terrivelmente a paginação. Mas ha melhor. É publical-a simplesmente quando quizeres e como quizeres. Nem comprehendo a pretenciosa pieguice com que eu exigia que tudo fôsse impresso a seguir — para não interromper a *profunda emoção* que devia dar a *obra-prima!* Forte asneira! Zola (que escreveu o *Germinal!)* está publicando, n'uma Revista que apparece *uma vez por*

semana, um livro da mais fina e delicada analyse! E estava eu, pulga da Arte, a *faire des façons* e a ter exquisitices por causa das minhas grossas imagens! Publica, menino, publica quando quizeres! Uma vez cada semana, no primeiro artigo, já se vê, ou, por causa do Publico, que entre nós tem a attenção menos *soutenue*, cada cinco dias, parece-me excellente. De cinco em cinco dias, então, é como ouro sobre azul.

Isto, de resto, habilita-me a fazer a seguinte suggestão. Marianno Pina, que esteve aqui comigo, (e da nossa conversa sahiu, ou vae sahir, se Deus quizer, uma coisa consideravel em que te está marcado um *beau rôle)* disse-me, *en passant*, que o *Reporter* tem um material de composição, em typo, sobretudo, muito grande, maior que os jornaes francezes. Não é pois difficil, penso eu, nem empata typo, que me mandes de cada artigo uma prova. O meu fim é evitar que se produzam repetições de palavras, más separações de paragraphos, etc., etc. — imperfeições grosseiras que se podem evitar n'um só artigo de 15 tiras de papel, mas que não é possivel *catar* n'uma vasta massa de original como esta. Está entendido, mais que entendido, que n'estas provas eu não alteraria *uma só linha*. Procura fazer isto.

Emquanto a preço, não ha occasião *pour traiter*

en gros. Nem por um ceitil menos das duas libras eu escreverei um primeiro artigo semanal para um jornal que é propriedade de banqueiros, capitalistas e outras especies, que, se não me illude o meu Proudhon (eu ainda vou em Proudhon) vivem do trabalho alheio, inclusivé, n'este caso, do teu proprio. E ainda penso fazer grande favor a essa *finançalha.* Ella não depende de mim, antes pelo contrario ! Mas, se eu estivesse no teu caso — não lhes escrevia uma linha sem que me cobrissem cada letra com uma placa de 500 rs. — Responde logo sobre tudo isto, para eu remetter prosa. Ácêrca do plano Pinico, fallarei mais detalhadamente se Deus quizer.

Graças sem fim pelo reclame aos *Maias.*

É generoso e grande !

Teu do c.
QUEIROZ.

XLIII

A Marianno Pina

23, Ladbroke Gardens — 27 de Julho 1888.

Meu caro Pina

Como lhe disse no meu bilhete postal, fiz o *Programma* [1]. Sahiu consideravel — mas não sei se efficaz. N'esta duvida, decidi mandal-o a Oliveira Martins, que, melhor do que nós, (interessados no caso e tendo menos o sentimento vivo do *Portugal d'este anno)* me poderá dizer se o Programma *ia muito além* ou se não continha *bastante.* A mim, dava-me a impressão de ser ao mesmo tempo *solemne e intrujão:* tinha ares de manifesto e de *boniment,*

---

[1] Programma de uma revista que foi depois a *Revista de Portugal.*

fallava muito na *Patria* e insistia muito na *assignatura*. Ao mandal-o, porém, ao Historiador, com a confidencia do nosso plano — reflecti — e de reflexão em reflexão, resolvi, *poussé par la logique*, escrever desde já aos Chardrons! E a carta já partiu.

. . . . . .

Muito me alegrou que V. gostasse dos *Maias*. Algumas das observações que sobre elles faz são excellentes, e d'aquellas que não devem ficar ineditas. O artigo do Fialho — *est tout à côté*. Quero dizer: dá grandes golpes, mas que cahem ao lado do livro e fóra do livro — nenhum sobre o livro. Criticar o livro, como elle faz, não pelo que elle é, mas pelo que devia ser — é ridiculo. Por essa fórma podem-se condemnar todos os livros escriptos, desde a Biblia *que deveria antes ser*, etc., etc. — até aos *Lusiadas que era muito melhor que fôssem*, etc., etc. Dizer que são uniformes os personagens d'um livro que procura retratar uma sociedade, notavel *pela sua uniformidade* e por lhe faltarem justamente os typos de destaque e d'alto relêvo, é uma *piètre* observação. E condemnar um escriptor, como calumniador e maldizente, porque elle revela os ridiculos do seu paiz — é declarar maldizente toda a litteratura de todos os tempos, que toda ella tem tido por fim fazer a critica dos costumes, pelo drama,

a poesia, o romance e até o sermão ! *Aliquando dormitat bonus Fialhus ! !*

Emquanto á *Gazeta da Bahia* — estou prompto, por £ 6, a escrever uma *tartine* por mez, *chronica* ou *phantasia*, segundo convier mais ao jornal. Elle que diga.

Escreva e dê noticias. As senhoras recommendam-se-lhe muito. Um bom aperto de mão do

seu do c.
QUEIROZ

XLIV

A Marianno Pina

23, Ladbrocke Gardens — Notting Hill.
Londres, 8 de Agosto 1888.

Meu querido Pina

Estou-lhe devendo duas cartas. E ainda bem que eu não respondi logo á primeira (aquella em que V. me dizia, que, por eu não ter mandado ao Chardron o *numero-amostra* da Revista, elles não comprehenderiam o alcance pratico, *commercial* e monetario do negocio ! !). Ainda bem que a essa não respondi porque me arriscava a romper no excesso de lhe chamar *phantasista !* Oh, meu caro Pina, pois no estado inicial d'esta empreza, que importava a *homens de negocio*, como os successores do Chardron, o saber qual é a côr da capa da

Revista, e quantos centimetros tem d'altura o volume ? Oh, poeta ! . . . O que importa a homens de negocio, é saber que garantia dão os fundadores da *Revista ;* que poder d'attrahir o leitor têm os que n'ella collaboram ; qual é a *sensibilidade* do mercado n'este momento, relativamente a publicações por assignatura ; que capital é necessario fazer rolar ; quantas vezes no anno é possivel fazer passar esse capital ; que commissão terão a dar aos intermediarios ; qual será a facilidade de cobrança no Brazil ; a como está o cambio ; etc., etc., etc., por ahi adiante, no campo sempre dos calculos praticos, dos calculos de negocio. A grossura da *Revista*, a côr da capa, os centimetros d'altura, o typo mais ou menos *faiado*, tudo isso, querido Pina, são detalhes, meros detalhes *para depois.*

E como póde V. suppôr que a falta d'esses detalhes impediria os Chardrons de comprehender o negocio — o negocio que eu lhes expliquei n'uma longa, minuciosa, precisa e completa exposição ! *Vous vous ébattez dans les nuages !*

Interrompi esta carta e no intervallo chegou-me a resposta da Chardron. Nada mais importa, pois : — mas, tal é *a pequenez humana*, que não resisto ao maligno prazersinho de lhe dizer que, em toda a carta, nem *por sombras* Chardrons alludem ao aspecto material da *Revista*, grossura ou capa, nem,

como era d'esperar, deram a esses detalhes um só instante de curiosidade! Já você vê!

Não lhe mando a carta dos Chardrons porque, só pelo habito de lhes lêr a letra, ella é decifravel, escripta, além d'isso, em tinta quasi branca. Mas dou-lhe d'ella o extracto inteiro.

. . . . . .

Responda pois, querido Pina, tendo defronte de si esta carta, para que nenhum ponto d'ella escape á sua attenção.

Se V. por acaso concordasse em acceitar a proposta Chardron — comece logo a escrever um *prospecto* para a Revista e mande-me esse rascunho, para que, fundindo-o com o meu, eu consiga fixar um bom *programma*, viavel, serio e pratico. Esta collaboração no prospecto parece-me util.

Chardrons pedem resposta, breve quanto possivel: por isso não preguice.

Um aperto de mão do

seu do c.
QUEIROZ.

XLV

A Oliveira Martins

Rue de Berri — Paris, 22 de Outubro 1888.

Meu querido Joaquim Pedro

Desde a ultima vez que te escrevi, tantas cousas se têm passado, que, para conversar largamente, ou ainda curtamente, sobre ellas, necessitaria um *in-folio*. Parece-me pois preferivel, para evitar melancolias philosophicas ou facecias violentas, deixal-as em decoroso silencio. A uma só preciso alludir: á tua sahida do *Reporter*. Eu previ-a, logo que aqui me disseram que o objectivo de todas as artes do Marianno [1], ultimamente, era *fazer-te calar!* Conseguiu-o. E vê tu, querido Joaquim Pedro, as van-

---

[1] Marianno Cyrillo de Carvalho, jornalista e politico portuguez, fallecido em 1905

tagens da Democracia que tanto escarneces. Ha cem annos, dado o mesmo Marianno, com o mesmo objectivo, estavas a esta hora no fundo d'uma masmorra. Assim, estás regalado, ao canto do lume, — e com *a voz cada vez mais forte*. A Democracia, portanto, *a du bon*.

Logo que soube da tua sahida do *Reporter* pensei em te escrever, dizendo que tinhas á tua ordem, para tudo, e como coisa tua, a *Revista* — essa *Revista* por que tens mostrado tanto scepticismo ! Depois, reflecti que tu mesmo deverias ter pensado que desde que eu tinha um jornal — tinhas tu tambem um jornal, e que a offerta era pois uma muito desnecessaria ceremonia.

O tempo, porém, chegou de dizeres, com a possivel precisão, o que queres fazer na *Revista* — ou de dizeres que não queres fazer nada. Quando digo *nada*, excluo, está claro, critica, historia e litteratura — porque n'isso, queiras ou não queiras, pela amizade ou pela violencia, com caricias ou a ferros, hei-de extrahir prosa de ti. Dizendo *nada*, referia-me á *politica*. Em politica, a *Revista* tem duas secções : uma revista politica do mez, e a famosa *Lettre pour l'étranger*. Queres-te espojar n'alguma d'estas secções ? Queres inventar uma secção ? Queres ter simplesmente um numero de paginas reservado — onde te espolinhes ? Ordena.

Como proveito, a *Revista* não convida excessivamente. Em todo o caso eu calculei que (para a nossa panellinha, Anthero, Ramalho, etc.), a pagina deveria ser paga a 2$500 rs. — typo grosso. Todo o mundo me diz que é decente.

Como influencia — não sei o que a *Revista* alcançará. Talvez *zero*. Talvez uma certa auctoridade no Café Martinho. Talvez verdadeiro predominio em Avintes! E quem sabe? Que ella tenha 10:000 leitores, e será talvez uma Força. Depende isso dos romances que publicar.

Em todo o caso, como convivencia, não has-de estar mal na *Revista*. Hei-de procurar que estejamos sempre *en bonne compagnie*. O papel pelo menos ha-de ser bom e conto que seja bem feita a policia do estylo.

Nada d'isto te seduz?

Os editores sentem-se enthusiasmados. Eu começo a crêr que o papelucho póde ter futuro. E, seja como fôr, os nomes dos amigos — vou-os eu estampando no *Prospecto* — o teu á frente.

Em S.^{to} Anthero não me fio: mas, pelo menos, o Prologo da *Revista*, o introito solemne, ha-de-se-lhe arrancar.

Carlinhos tem grande fé na *Revista*. Quero fa-

---

[1] Carlos Lobo d'Avila.

zer, para o segundo numero, um estudo sobre ti — como homem, companheiro intimo. Has-de tirar para isso um retrato. Já vês que começo a ter qualidades de Director — entre outras, o *cabotinage*.

Escreve, portanto, e depressa, e recebe um longo e apertado abraço do

teu do c.
José Maria.

XLVI

Ao Conde de Ficalho

16, Rue de Berri — Paris, 26 de Outubro 1888.

Meu caro Ficalho

A sua boa carta, dando-me parabens pela passagem para aqui e annunciando-me a remessa dos *Contos*, chegou-me no dia mesmo em que começava esta existencia de malas feitas e malas desfeitas, comboios e hoteis, procuras de casas e baldeações de chancellarias, embrulhos e confusões, que hoje apenas se começa a calmar [1]. Só hoje, pois, tenho o vagar para duas regras — e essas mesmas não são, como me seria grato, de amizade e cavaqueira, mas *d'affaires*. Trata-se de littera-

---

[1] Allusão á mudança de Eça de Queiroz para Paris, onde foi assumir as funcções de Consul Geral de Portugal, cargo para que foi nomeado por decreto de 28 de Agosto de 1888, tomando posse em 20 de Setembro do mesmo anno.

tura, é verdade, mas por um tal lado pratico e grave, que eu tenho de tomar o tom *d'affaires.*

Não sei se já lhe constou que eu vou fundar uma *Revista.* É pois como director d'essa *Revista* — a REVISTA DE PORTUGAL — que eu me dirijo ao auctor da *Eleição Perdida.*

Esta *consideravel* e *formidavel* publicação, de que vou ser o Buloz, é uma aventura da casa Chardron do Porto. São elles (Lugan & Genelioux) os editores da *Revista*, e eu o encarregado de formar mensalmente o numero, em tão plena liberdade como se eu proprio o escrevesse. De sorte que, verdadeiramente, a *Revista* é a minha obra — e é grande desejo meu que n'ella participem todos os meus amigos. Qualquer outro escriptor que fundasse uma *Revista* teria de lhe pedir a V. a sua collaboração. Mas eu peço alguma coisa mais intima — peço a sua permanente convivencia na *Revista*, a sua fraternisação n'este passe-d'armas litterario, a sua constante presença a este grande jantar mensal *in spiritu.* Está entendido, não é verdade ? Comece V. por me auctorisar a pôr o seu nome nos prospectos que vão ser lançados, e, logo em seguida, pense no primeiro artigo que me ha-de dar. A *Revista* é mensal ; tem de 130 a 160 paginas ; papel superior, grandes requintes typographicos ; ha 10 a 11 secções em cada numero, romance, critica, historia, litte-

ratura, Arte, politica, viagens, sciencia, etc. A disposição das secções é original. Ha sempre um artigo *à sensation*, um *clou*. Ha um artigo em francez, dando o resumo do movimento geral de Portugal durante o mez — em tudo, desde as leis até aos *chás*. Ha mesmo uma secção chamada *O Luxo e a Moda!* Taes são as feições da coisa, em globo. A collaboração é paga á razão de 1$500 a 2$000 rs. a pagina. O resto verá V. pelo prospecto impresso.

Tendes pois, querido amigo, vasto campo, onde podeis ir desde a phantasia até á botanica. O ponto é que lá vades (creio que *vades* é grammatical!) E o que peço é que V. me responda, auctorisando-me a inscrevel-o officialmente como collaborador. E a resposta, querido Ficalho, que não tarde.

Não tenho já muito espaço para lhe fallar da *Eleição Perdida*. Emquanto a mim é um grande, enorme progresso, na sua carreira d'artista. Não digo que ella seja mais interessante, ou contenha mais drama, ou revele mais caracteres, que os outros contos: mas mostra que V. possue emfim a *fórma*, uma fórma excellente, ductil, colorida, lucida, equilibrada, com relevo, com harmonia, capaz de traduzir e dar tudo. E isto é o ponto essencial: o resto, é uma questão de *bonne-fortune* — quero dizer, de V. achar, para os traduzir n'essa fórma que agora tem, bons typos, ou um caso so-

cial interessante. Nem sempre se acha d'isso : mas ás vezes encontra-se, e é necessario então ter a *fórma*, para pôr a coisa de pé. Ora V., na *Eleição Perdida*, fixou a sua fórma, e com segurança, e para sempre. D'ahi provém eu considerar esse estudo como um progresso — ou antes, como um *arrivage*, se este termo barbaro é acceitavel. *En fait de forme, vous êtes arrivé, monsieur !*

Não deseje V. melhor elogio.

Ponha os meus respeitos aos pés da snr.ª Condessa e receba V. um apertado abraço do seu

Muito dedicado
E. DE QUEIROZ.

XLVII

A Luiz de Magalhães

16, Rue de Berri — Paris, 26 de Outubro 1888.

Querido Luiz

Nem sei com que contrictas pancadas no peito, com que vexado pendor na fronte, hei-de começar estas regras. Já nem alludo ás duas boas cartas que de V. recebi em Londres, e que, durante um mez, me faziam todas as noites affirmar á Emilia com fervor: — « Ámanhã, caramba! hei-de escrever ao Luiz! » Mas quê! Era por occasião d'escrever o *Fradique* — e essa prosa cada dia me desviava dos deveres da amizade! Mas onde o meu silencio se torna escandaloso, é depois da sua bella, generosa, larga e forte chronica sobre os *Maias*. Foi — de

todos os artigos sobre este cartapacio — aquelle que via com mais finura e mais altura os lados importantes do romance, como a *desnacionalisação dos caracteres*, etc. Era, de todos os artigos, aquelle que mais me appeteceu commentar e discutir n'uma longa cavaqueira postal. E foi justamente sobre essa critica que eu não tive opportunidade de desabafar com o critico. Logo, dias depois de a ter recebido, começou a surgir este caso da mudança para Paris. Uma semana mais e eis o Decreto que chega! E desde então, querido Luiz, V. não calcula que sacudida e baralhada tem sido a nossa existencia, entre malas meias desfeitas, e conhecimentos meios esboçados, e jornadas entre Paris e Londres, e alvoroçadas procuras de casa, e contas d'hoteis, e guias de bagagem, e uma chancellaria a organizar, e uma installação a dispôr, e novos habitos a contrahir, e velhos papeis a arrumar, e etc., etc.. etc...

Mas não fallemos mais no meu silencio, e nas comprehensiveis razões d'elle — e vamos ao formidavel assumpto d'esta carta. Não sei se V. sabe que eu vou fundar uma Revista. A historia d'esta aventura é longa. Mas acha-se actualmente n'este estado: Lugan & Genelioux editam uma Revista, que eu todos os mezes lhes apresento em manuscripto. N'esta combinação, de feitio inglez, eu sou

portanto aquelle que os inglezes chamam *Editor*, e nós, á falta d'outra palavra, *Director*. Sou eu o responsavel da collaboração e o seu organizador; sou eu que reuno os artigos, todos os mezes, os disponho, os enfeixo, fórmo o volume e entrego esse volume manuscripto a Genelioux, que m'o paga por *tanto*. Todo o resto é com Genelioux, que imprime o volume, o annuncia, o vende, etc. Tal é a nossa combinação, em resumo — que é a usual combinação ingleza para as *Revistas*. E ahi está como V. me vê transformado n'um Buloz!

Desde este momento, V. comprehende tudo. É a sua collaboração para a *Revista* que eu lhe venho pedir com instancia e interesse. A *Revista* tem varias secções, e em qualquer d'ellas V. é bem desejado e bemvindo. Ha a secção de Romance, de Critica, de Poesia, de Historia, de Philosophia, de Litteratura geral, etc., etc. V. tem só a escolher.

Por ora, todavia, trata-se apenas de que V. me annuncie a sua collaboração — para que eu o inscreva no Prospecto, que vae brevemente ser lançado. Mais tarde trataremos, querendo Deus, da especialidade d'essa collaboração.

A *Revista de Portugal* tem de 130 a 160 pag. É mensal. Tem onze secções. Como papel e typo, affirma-me Genelioux, que *ce sera très beau*. Não tem gravuras, mas traz retratos, talvez, acompanhando

estudos criticos. A collaboração é paga, termo medio, de 1$500 a 2$000 rs. a pagina. Taes são alguns detalhes.

Tudo isto por ora está informe. Mas vae-se organizando, devagar e com segurança. Não é natural que o 1.º numero appareça antes de Fevereiro. Os *prospectos* é que vão ser espalhados. Por isso, querido Luiz, a sua resposta urge.

Outro ponto restava esclarecer, porque deve-lhe parecer estranho que eu me volva em Buloz! Mas fica isso para o cavaco.

A Emilia e os pequenos estão bons, graças a Deus. Espero bem que, ahi, todos os seus estejam em saude e alegres. Os meus cumprimentos á snr.ª D. Conceição e beijos ás pequerruchas e um affectuoso e longo abraço do

Seu do c.
QUEIROZ.

XLVIII

Ao Conde d'Arnoso

Paris, Rue de Berri, 28 d'Outubro 1888.

Meu querido Bernardo

Tenho de ser breve — e vou portanto ao assumpto, do modo mais secco, como um tabellião. Sabes talvez que vou dirigir uma *Revista*, a *Revista de Portugal*, que a casa Chardron edita. O meu fim, entrando n'esta aventura, é fazer com que exista n'esse malfadado Reino, uma publicação, cujo papel não seja pardo, e cuja tinta não seja de graxa, e onde todos os mezes alguns espiritos cultos se reunam, trazendo uma idéa, uma noção, uma phantasia, uma phrase, qualquer cousa com que mutuamente se interessem e interessem o publico. Tu não po-

dias deixar de pertencer a esta reunião. Sómente, tu és dos intimos do dono da casa, dos que penetram até á cozinha, e portanto tens pela casa uma outra dedicação, e fazes n'ella uma outra convivencia do que os conhecidos de cerimonia que não passam do salão onde peroram. Isto quer dizer, em estylo florido, que conto comtigo para *amigo da revista*, seu collaborador familiar, seu apregoador e seu cavalleiro. A publicação é de 160 paginas e com todos os requintes typographicos. Tem dez ou doze secções, todas interessantes e vivas, que vão desde a Metaphysica até á Moda. Tens lá para ti a secção de Viagens, a de Conto, a de Litteratura Geral. Tens mesmo, querido, se te appetecer, a de Economia Politica! Em resumo, manda immediatamente a tua auctorisação para que eu te inscreva no *Prospecto* como collaborador. E, sem mais detalhes por ora, crê-me, querido Bernardo, com um bom e longo abraço, teu do c.

QUEIROZ.

XLIX

Ao Conde de Sabugosa

16, Rue de Berri — Paris, 31 de Outubro 1888.

Meu caro Conde de Sabugosa.

Nunca lhe agradeci o seu affectuoso telegramma de « parabens », que me mandou para Londres — não por ingrato esquecimento, mas porque já começava então esta mudança material e moral d'Inglaterra para França, que me tem tão tyrannicamente occupado e circumdado, sem me deixar um instante em que me possa escapar, a cavaquear com um amigo. E ainda hoje estas regras não são de vagarosa e livre conversa, mas apressadas, urgentes, seccas, quasi de negocio! Felizmente, são negocios de Litteratura e d'espirito.

V. sabe, ou não sabe, que eu me encontro director d'uma *Revista*, uma cousa consideravel, chamada *Revista de Portugal*, que a casa Chardron vae editar. Pretendo, entre outros fins, reunir n'essa *Revista*, além de collaboradores especiaes, um grupo de amigos e dedicados, d'aquelles com quem é um prazer, além de collaborar — jantar!

Quer V., meu caro Conde de Sabugosa, ser d'esta panellinha d'alta litteratura? Os deveres que se lhe impõe são ligeiros: — um fino e burilado artigo de vez em quando; alguma graciosa estrophe aqui e além; muita amizade pela *Revista* e alguma pelo seu director. Por seu turno a *Revista*, essa, imprime o artigo e a estrophe no melhor typo que a Inglaterra funde, sobre o melhor papel que a Allemanha fabrica; e respeitosamente resvala na mão do auctor um punhado d'oiro! *Voilà!*

Está entendido, não é verdade? Mande-me pois a sua auctorisação para o inscrever como collaborador no *Prospecto*, que deve sahir dentro em pouco, e por onde V. saberá em detalhe a organisação da *Revista*, as suas differentes secções, disposição, etc. Na *Revista* V. encontra todos os nossos amigos, desde Bernardo, *o Pekinez* [1], até Martins,

---

1 Allusão a uma viagem que o Conde de Arnoso fizera por esse tempo á China.

o Subtil. É como a mesa do Tavares ou do Bragança — com a differença do *champagne extra-dry* não ser servido em copos, mas em phrases!

Um abraço, meu caro Sabugosa do seu

Muito dedicado
EÇA DE QUEIROZ.

D

A Camillo Castello Branco

16, Rue de Berri — Paris, 18 de Novembro 1888.

Ex.mo Snr. e meu prezado confrade.

Escrevo a V. Ex.a em favor d'uma tentativa que se vae fazer, para crear entre nós uma grande e séria publicação mensal, uma *Revista*, onde sejam representadas d'um modo mais completo, firme e methodico do que até agora se tem realisado, as feições diversas do nosso movimento intellectual. Acima dos partidos, das escolas, dos curriculos, de tudo quanto é limitado e transitorio, a *Revista de Portugal* pretende ser a expressão fiel da nossa actividade na creação litteraria, na invenção artistica, na investigação historica, na observação scientifica,

na analyse critica, em tudo quanto é do dominio do Espirito, ou imaginando ou estudando. Para isto, a *Revista de Portugal* aspira a reunir na sua collaboração, todos aquelles que entre nós superiormente valem pela vastidão da cultura geral, pela especialidade do saber, ou pelas altas faculdades creadoras. Ora, se a um tal rol de collaboradores, n'uma *Revista* portugueza, faltasse o nome tão glorioso de V. Ex.ª—esse rol ficaria inteiramente incompleto e com uma lacuna que muito lhe faria perder da sua importancia e do seu brilho. Confiando pois que V. Ex.ª mesmo reconhecerá que todo o auxillio é devido a uma obra d'estas, obra até certo ponto nacional e emprehendida para honra e elevação das letras portuguezas, venho rogar a V. Ex.ª que me permitta inscrever o seu nome na lista dos nossos collaboradores, que, cada dia, se vae desenrolando, mais brilhante e mais larga.

Sei, tenho sabido, com inquietação e magoa, que a saude de V. Ex.ª n'estes ultimos tempos se tem ressentido da sua longa vida de reclusão e de trabalho.

Mas um espirito como o de V. Ex.ª, quando, como o de V. Ex.ª, conserva tão inalteravelmente o viço e o vigor, sahe facilmente victorioso dos desfallecimentos do corpo e tenho a certeza de que brevemente V. Ex.ª poderá honrar a *Revista* com uma coadju-

vação activa, como desde já profundamente a honraria, autorisando-me a pôr o seu nome, à frente e no logar melhor, entre o dos seus redactores.

Aproveito com alvoroço esta occasião para afirmar a V. Ex.ª a calorosa sinceridade com que sou

De V. Ex.ª, caro confrade
Grande admirador e respeitador

EÇA DE QUEIROZ

LI

Ao Conde de Sabugosa

Paris, 21 de Julho 1889.

Meu caro Sabugosa

Parabens pelo seu elegante, erudito e interessante artigo. Foi aqui *très-gouté*. O bocado de dialogo, ao entrar a côrte, é excellente: e lembro-me que você me póde dar, depois da *Tourada*, alguns delicados e intimos estudos das côrtes dos nossos Reis, tratados assim por processos meio d'historia e meio de romance. A novella historica é um genero abominavel; mas a monographia historica, tratada como a sua *Tourada de Xabregas* — avivada aqui e além por um trecho de dialogo, um traço de paizagem, um detalhe de trajes ou de ve-

lhos costumes, no feitio de romance, é um genero encantador. Eu gostava muito que a *Revista* désse algumas d'essas monographias — e V. podia fazer n'esse genero coisas delicadas e sérias. A historia intima do passado, sobretudo de côrte, ganha muito em ser contada por uma *plume de gentilhomme* [1].

Os pagamentos dos artigos são feitos pelo correspondente da Livraria Chardron, em Lisboa, que é o Férin. Mas o Manuel Gayo [2] o avisará d'esse detalhe importante.

É necessario procurar fazer uma boa *Revista*. Não se esqueçam vocês ahi que não estão escrevendo para jornaes de Lisboa, que vivem um instante e morrem no Chiado. A Revista é mandada aos principaes jornaes e revistas da Europa — e cá por fóra sabe-se mais portuguez do que nós imaginamos. Portanto — é largar do melhor!

Ainda ha dias eu soube que *O Primo Basilio* foi traduzido em inglez. E ao que parece com successo, porque doze grandes jornaes litterarios de Lon-

---

[1] Esta carta alegrou e enthusiasmou muito o Conde de Sabugosa, não se nos afigurando exagerado deprehender que a Eça de Queiroz se deve, em parte, a orientação historica em que veiu a fixar-se a sua penna encantadora.

(Nota da Snr.ª Condessa de Sabugosa).

[2] Dr. Manuel da Silva Gayo, que exercia na *Revista de Portugal* as funcções de secretario.

dres dedicam-lhe artigos importantes e favoraveis. Ora a *Revista* é mandada a toda esta gente. Já vêem vocês, que é necessario trabalhar bem, e olhe que o estrangeiro é *très friand* de monographias historicas.

Ponho os meus respeitos aos pés da senhora Condessa, e beijo os seus lindos filhos.

Abraço affectuoso

do seu
EÇA DE QUEIROZ.

LII

Ao Conde d'Arnoso

Domingo, 1889.

Querido Bernardo

Recebi, ha pouco, a sumptuosa « cabaia », e foi já revestido com ella, risonho e grave, que provei o chá da Terra-das-Flores. Com certeza me trouxeste da China um presente esplendido ! Mas tenho medo, amigo, de não ser competente para dignamente usar essa nobre vestimenta de Mandarim erudito ! Oh, Bernardo, onde tenho eu as qualidades precisas para me poder encafuar com coherencia dentro d'aquellas sêdas litterarias ? Onde tenho eu o austero escrupulo grammatical, a dogmatica pureza de fórma, a solida gravidade dos

conceitos, o religioso respeito da tradição, a serena e amavel moral, o optimismo classico d'um bom letrado chinez, membro fecundo da Academia Imperial ? Onde tenho eu sobretudo a pança, para encher aquellas pregas amplas e mandarinaes ? Eu não tenho a pança ! Nem a mão fina, de unhas illimitadas, para sahir com graça d'aquellas mangas abundantes e cheias d'auctoridade. Nada tenho para a «cabaia» magnifica ! Não podendo portanto usal-a sobre as costellas magras, vou dependural-a na minha sala, como um d'esses quadros que de certo viste em Pekim, e onde se desenrola, bordado na sêda, um forte preceito moral. O preceito, o conselho que me dará a tua «cabaia», através das suas dobras mudas, é aquelle que me daria qualquer Mandarim chinez que n'ellas estivesse envolvido, e que, para todos os effeitos, será sempre o mais sabio e prudente conselho a offerecer a um homem de letras : «Respeita a grammatica e ganha barriga ! »

Do teu que muito te quer

JOSÉ MARIA.

LIII

A Oliveira Martins

Paris, 16 de Outubro 1889.

Querido Joaquim Pedro

Recebemos a noticia de que El-Rei está morrendo. A *Revista* deve, creio eu, ter sobre esse successo tres artigos:

Um geral, de sentimento, que me reservo.

Outro (não pensas assim?) sobre o Principe Real, sobre o futuro Rei, que vou pedir ao Carlos Valbom[1].

Um outro, mais serio, que deve ser um estudo historico sobre o Rei defunto. Este peço-t'o a ti, querido amigo. Vês bem que podes fazer esse ar-

---

1 Carlos Lobo d'Avila (Valbom).

tigo de grave cortezia, sem tocar na politica que caracterisou o reinado. Conheceste o Rei. Podes fazer sobre elle, como homem e como Rei, cinco ou seis paginas solemnes e magnificas.

Não vejo razões para que digas que *não*. No entanto, para meu governo, telegrapha-me uma resposta — um simples *sim* ou *não*. Explicações as darás por escripto.

Se fôr *sim*, como espero, escreve logo o artigo e manda-o ao Gayo, para o remetter a Genelioux. Nada impede, n'um caso d'estes, que além dos *Filhos* venha na *Revista* outro artigo teu.

Abraça-te com carinho

o teu do c.
José Maria.

LIV

A Oliveira Martins

Paris, 28 de Janeiro 1890.

Querido Joaquim Pedro

Não tenho noticias tuas desde o ultimo reinado. Ia quasi a dizer desde o reinado do Mestre d'Aviz.

Desde então muita cousa tem passado. Aqui por casa, doenças. Ahi pelo paiz, crises [1]. Por cá, graças a Deus, vamos todos melhor. Emquanto ao Paiz, não sei se vae melhor, e o meu pezar tem sido não estar ahi para conversar comtigo, a sós, e portas fechadas. Estou-te a vêr, na tua poltrona, de manta nos joelhos, sorrindo e esfregando devagar as

---

[1] Allusão ao Ultimatum apresentado a Portugal pela nglaterra em 11 de Janeiro de 1890.

mãos, como um philosopho e um velho historiador que ha dous mil annos frequenta e conhece os homens. Eu que os não conheço tão bem como tu, ou que, como romancista, os conheço só individualmente, e que, além d'isso, só sei do que ahi se passa através do *Tempo* e das *Novidades*, fontes unicas da minha informação, — não estou certo do que deva pensar d'esse renascimento do Patriotismo, esses gritos, esses crepes sobre a face de Camões, esses appellos ás Academias do mundo, esses renunciamentos heroicos das casimiras e do ferro forjado, essas joias offerecidas á Patria pelas senhoras, essas pateadas aos Burnays e Mózers, esse resurgir d'uma idéa collectiva, toda essa barafunda sentimental e verbosa, em que o estudante do lyceu e o negociante de retalho me parecem tomar de repente o commando do velho Galeão Portuguez. E esta carta é, quasi sobretudo, para que me digas o que devo pensar, e, em trez ou quatro traços, me dês a *real realidade das coisas*, como diz o nossoFradique.

O Carlos Valbom que me escreveu ha dias, affirma que isso ahi está *medonho* e *perigoso*. A mim, não sei porquê, affigura-se-me que, além d'isso, deve estar comico. Esse intelligente patriotismo que leva os jornaes a não quererem receber mais *periodicos inglezes* (!!), os professores a não quererem ensinar mais o inglez, os empresarios a não quererem que

nos seus theatros entrem inglezes, os proprietarios de Hoteis a não quererem que nos seus quartos se alojem inglezes — parece-me uma invenção do inglez Dickens. É d'um comico frio e funebre. Por outro lado, ha coisas sinceras e tocantes . . . *Je m'y perd.* O que se me afigura mais natural — é que o Paiz foi atravessado por um sentimento vivo e forte, e que, como o Paiz está n'uma perfeita anarchia d'idéas, esse sentimento tomou em geral uma expressão despropositada.

Em todo o caso parece-me que Portugal está n'um mau momento — e (perdoa o jogo de palavras) seria talvez o bom momento para se fazer ouvir uma voz de bom senso e de verdade. Porque não levantas tu essa voz ? Não supponhas que te venho pedir *de la copie. J'en ai!* A *Revista* está atascada de original. (Assim elle se imprimisse e sahisse !) Mas penso que, com o teu nome por baixo, ou *sem o teu nome*, uma serie d'artigos, que puzessem bem claramente o problema, era um serviço publico, d'esses a que ninguem se póde eximir, desde que tem o dom superior de os poder prestar. Nunca, creio eu, houve, antes d'este, um momento em que Portugal moderno estivesse tão accordado e attento. É impossivel que não haja algumas centenas d'homens, que sincera e lealmente desejem saber o *que se deve fazer* e que queiram sinceramente *fazer*

o que se deve. É estes que convinha esclarecer. O Paiz parece-me agora, n'este instante, um espirito que acorda estremunhado e que olha em redor, procurando um caminho: é esse caminho que alguem lhe deve indicar. O que tu me poderás dizer é que falta um caminho aberto para mostrar-lhe, e que não ha senão *des culs-de-sac*, onde ha o esbarrar de ventas. Mas não creio. É impossivel que Portugal, agora, não tenha melhor a fazer senão ir nomear uma *maioria regeneradora*, pelo costumado processo, e depois ficar á espera que chegue o momento de nomear pelo mesmo processo a *maioria progressista.* Ou a minha ingenuidade é grande — ou ha de certo alguns milhares d'homens em Portugal que desejam outra coisa — sem saberem o quê.

Em todo o caso, eu, por mim, desejava *algumas linhas d'esclarecimentos:* — e peço-t'as para quando tenhas « vagar e papel de mais ».

Como sabes, o nosso Anthero resurgiu para a vida activa, através da philosophia. Temos d'elle um primeiro artigo n'este numero da *Revista* — que sahirá, não sei quando, mas ainda n'este seculo. É extraordinario! Está todo o original na imprensa desde o fim do mez passado!

Agora um assumpto particular. Escrevi ao Carlos, pedindo-lhe que vigiasse, para o caso do nosso

amigo F. . . recomeçar, com este ministerio, as suas intrigas, e tentar outra nova e grotesca *questão do Consulado de Paris*. Não me parece que o Serpa ou Hintze tenham empenho em resuscitar esse caso : mas a politica é movida por cordeis tão sordidos, que tudo é possivel, desde que não faltam as mãos sordidas para os puxar. Carlos Valbom respondeu-me que não serão más algumas precauções — e, entre outras, fallar ao Mayer, intimo do Hintze. Tu, porém, estás de bem com Gregos e Troyanos, e ninguem melhor e mais autorisado para tomar qualquer medida que a prudencia e a amizade te indi quem. Podes mesmo fallar com o Mayer. Podes tambem fallar sobre isso com Ficalho. E em todo o caso podes sobretudo esclarecer-te e esclarecer-me. Deixo isso ao teu senso e amizade.

Isto não quer dizer que eu não tenha desejo de recolher á minha Patria : mas isso é difficil, por questões orçamentaes ; e, a ficar na carreira, então desejo ficar em Paris. Se Vocês, todavia, homens poderosos, pudessem arranjar ahi um nicho ao vosso amigo ha tantos annos exilado, terieis feito obra amiga e santa ! Era necessario porém descobrir o nicho ! E depois, arranjar do nosso bom amigo, o Rei, que eu fôsse plantado no nicho ! E dizer que, se eu tivesse nascido dos Pyrineus para cá, e dado romances ao *Petit Journal*, possuiria talvez 60:000

francos de renda ! A proposito de romances : o *Primo Bazilio*, esse *fait-Lisbonne*, foi traduzido em inglez, allemão, sueco e hollandez, n'estes ultimos seis mezes ! Que atroz injustiça para o pobre *Padre Amaro !* O traductor inglez do *Primo Bazilio* cortou-lhe todas as scenas em que os amantes se encontram, e em geral, supprimiu o adulterio ! Deu-lhe além d'isso o nome de *Dragon's Teeth ! !* E o livro teve, em Inglaterra e na America, *une bonne presse.*

Perdoa esta longa epistola. Escreve tu tambem.

A Emilia emquanto o não faz, escrevendo pessoalmente, encarrega-me de agradecer á Sr.ª D. Victoria a sua muito amavel carta de sentimentos. Mas ella mesma lhe exprimirá brevemente o seu reconhecimento — e eu limito-me a pedir-te que apresentes á Sr.ª D. Victoria os meus cumprimentos, e a mandar-te um longo e apertado abraço.

Teu do c.
José Maria.

IV

A Oliveira Martins

Paris, 28 de Agosto 1890.

Meu querido Joaquim Pedro

Deixa-me primeiro dar-te algumas noticias minhas. Tenho estado doente. Primeiramente, estomago — e depois, um incommodo, um abcesso n'aquelle sitio em que se levam os pontapés, que me veio surprehender n'uma pequena praia da Normandia, onde estava sorvendo o iodo dos mares. Recolhi a Paris, e, ainda adoentado, venho massar-te por causa de uma abominavel historia de caixotes, contendo pratas, louças, livros, etc., que a Alfandega do Porto não me quer deixar passar para cá, sem que eu pague uma somma enorme de

direitos de exportação! Tinha pedido ahi ao Carlos que se occupasse d'este caso — isto é, que obtivesse do Ministro da Fazenda uma ordem para que os caixotes sahissem livremente. Mandei-lhe depois, d'aqui, a este respeito — vendo que elle nada *obtivera* ou *fizera* — cartas e telegrammas. O Carlos teve a amabilidade de guardar um silencio magestoso!

Escrevi então para o Porto. E não fiquei pouco surprehendido quando me dizem de lá que o F... mostrava pouca vontade de fazer a mercê — *desde que ella lhe era pedida pelo Carlos!* Isto foi dito, pedindo o informador *segredo*. Creio, portanto, que tambem t'o devo pedir a ti. Mas, se assim é, que miseria!

Emfim, o Malheiro Dias (1) aconselha-me a que faça um requerimento e que o mande apresentar ao F... por pessoa mais *grata* que o nosso Carlos. Mas quem? Eu não conheço os amigos do F...! Mando-te pois o requerimento, para que tu, com a tua usual bondade e o teu incomparavel tacto, trates de arranjar ahi isso, e me soltes esses caixotes, que a Alfandega, sob pretexto que elles contêm objectos de commercio (!) não quer largar sem que

(1) Conselheiro Augusto Malheiro Dias, já fallecido, ao tempo Director da Alfandega do Porto.

por meu lado eu largue uns poucos de centos de mil réis! Peço-te que trates isso urgentemente por que os caixotes, além de terem pratas e louças, têm roupa d'inverno minha, livros, até provas e manuscriptos, cuja ausencia me faz grande falta.

Estou um pouco fatigado, senão contar-te-ia alguns casos engraçados, sobre a *nossa Politica d'aqui*, a respeito de tratado, imprensa, emprestimo D. Miguel, etc.

Escreve — dize o que houver. Falla de ti sobretudo — e, se não te affligir muito, da Patria.

Os meus respeitos á Sr.ª D. Victoria. Abraço ao Ramalho. E outro muito apertado e carinhoso para ti do teu

José Maria.

LVI

A Oliveira Martins

Paris, 2 de setembro 1890.

Querido Joaquim Pedro

Mandei-te um telegramma, para que dirigisses o requerimento — não ao Ministerio — mas directamente ao Augusto Dias, á Alfandega do Porto. Uma explicação confusa do meu cunhado foi a causa do engano. Perdôa a seccante sécca.

A *Revista*, por motivos que, contados, pareceriam d'uma comedia de quiproquós, á antiga moda hespanhola, — renasce, depois de ter estado como morta, uns mezes, e renasce com redobrado vigor. Appéllo para a tua caridade e para a tua prosa. Vê se me podes dar um artigo genial, seja sobre Poli-

tica, seja sobre Historia, seja sobre Coisa Nenhuma, — essa outra sciencia tão cultivada em Portugal... Serio, serio, meu querido Joaquim, preciso um artigo teu. Que te parece d'umas 20 paginas sobre o Imperador Guilherme? Um artigo colonial não sei se te conviria. A analyse do Tratado já a tens feito no *Tempo*... Emfim, tu de certo saberás melhor que eu o que te convem — ou o que te entretem.

Acabamos agora de saber que El-Rei está doente. É o caso, realmente, de dizer com profunda sinceridade, e de dentro do coração — *Domine salvum fac regem!*

Escreve. Conta o que ha, e deixa-me entrever a promessa d'um artigo para outubro, se Deus quizer.

Os meus respeitos á Sr.ª D. Victoria.

Teu do c.
José Maria.

LVII

A Oliveira Martins

7 de Outubro 1890.

Querido Joaquim Pedro

Não tenho querido escrever-te sobre o pedido que motiva esta epistola, para não te perturbar na attenção que tu, se não já por interesse pessoal ao menos por curiosidade historica, deves ter tido toda occupada e fixada na crise. Mas hoje, leio em telegrammas que o Martens Ferrão, depois de dez dias de politiquice no vazio, recolhe a Roma. Temos pois aberta uma segunda crise. São provaveis outros dez dias de politiquice no vazio. A crise perde todo o seu viço e novidade. Torna-se um estado normal. Cada um volta ao seu ram-ram, e, suppon-

do-te livre e disponivel, não hesito em te occupar do meu caso.

Trata-se «como sempre da Alfandega (assim diz Fradique) fonte perenne das minhas amarguras...» Mas tu conheces a historia. São os meus caixotes! Se bem te lembras, havia um requerimento a entregar na Alfandega do Porto, pedindo livre passagem, (como bagagem pessoal), para esses desventurados fardos. O requerimento foi entregue ao Malheiro Dias. Este bom e austero amigo, depois de estudar a questão, deu sobre ella uma informação muito favoravel. Munido d'essa informação, o requerimento subiu ao Ministerio da Fazenda... Mas ahi encalhou! Não houve mais noticias d'elle. E agora, Malheiro Dias manda-me dizer que o unico meio de apressar a solução d'este caso é pedir directamente ao Ministro da Fazenda que *dê sem demora um despacho* — despacho que não póde deixar de ser favoravel, em vista da favoravel informação da Alfandega do Porto. Mas quem é o Ministro da Fazenda? Ainda ha Ministro da Fazenda? Ainda ha Fazenda? Tu, que estás perto, se não dentro dos acontecimentos, poderás talvez responder a estas interrogações temerosas. E o que de certo poderás fazer é arranjar que o Ministro, ou a sombra do Ministro, ou o quer que seja que se **ache á testa d'esse Ministerio, dê o despacho, o sim-**

ples despacho d'expediente, a mera assignatura, a mera garatuja — que é necessaria para que os meus caixotes venham!

E tu não imaginas como eu necessito d'elles. É facto que veem lá meia duzia de talheres de prata, e quatro porcelanas, que não são essenciaes para a minha existencia: mas vem lá tambem, n'esses caixotes, querido Joaquim Pedro, todo o meu enxoval d'inverno, desde flanellas até paletots! E aqui o frio começa a picar! Se elles tardam, eu terei de me fazer um enxoval inteiro d'inverno, como um chefe negro que chegasse de Machona! Apieda-te pois d'esta situação — e procura arrancar a essa Repartição, ou a esse Ministro, seja o Ministro passado, seja o Ministro futuro, o despacho bemdito que me traga os meus agazalhos!

Emquanto á Causa Publica, que te direi? Nada comprehendo do que se está passando. O conhecimento que ahi ganhei, na Primavera, dos factores politicos, não é bastante já para me explicar a anarchia actual. Deve ahi haver factores novos, novos elementos de decomposição que me escapam. Em todo o caso, não vejo senão uma solução simplista — uma Tyrannia. É necessario um *sabre*, tendo ao lado um *pensamento*. Tu és capaz de ser o homem que *pensa* — mas onde está o homem que *acutila*? Em antigas cavaqueiras fallamos por vezes do Rei.

Mas é elle um *Homem* ? Ou é elle simplesmente um *Sceptro* ? A situação parece-me medonha. Não creio que haja Ministerio capaz de a salvar. Mesmo se tu, por patriotismo, entrasses n'um Ministerio — terias tu *tes coudées franches* ?

Se tiveres vagar, escreve-me sobre este caso. Dize tambem se posso contar com algum artigo teu para a *Revista*, sobre esta atroz situação. E em todo o caso, não te esqueças do meu pedido sobre os caixotes — que me são tão urgentemente necessarios.

Os meus respeitos á Sr.ª D. Victoria, e largo e affectuoso abraço.

do teu do c.
JOSÉ MARIA.

LVIII

A Luiz de Magalhães

Paris, 23 de Janeiro 1891.

Meu caro Luiz

Estou-lhe em divida d'um forte abraço de gratidão pela bella e generosa pagina que V. me concedeu na *Revista Illustrada* do A. M. Pereira. Só recebi esse fasciculo muito depois da sua publicação. Em seguida vieram affazeres, provas, o Alexandre [1] em Paris, etc., e por isso só agora, tão tarde, lhe venho dizer quanto me agradou o seu artigo, por mim e por si ; por mim, porque é sempre aprazivel vêr-se a gente louvada n'uma prosa rica e cheia d'idéas, — e por si, porque vejo que essa sua

---

[1] D. Alexandre de Castro Pamplona, cunhado de Eça de Queiroz.

penna, em logar de se enferrujar no Mosteiro, todos os dias ganha em firmeza, penetração e brilho.

Não sei se V. tem lido a *Revista*. Essa infeliz publicação tem uma estranha sorte. Por um lado, cada vez mais se solidifica — por outro, cada vez mais se desmancha. Solidifica-se pelo lado da collaboração e da organisação; desmancha-se pelo lado da regularidade e do interesse. Estou pois procurando vêr se é possivel concertar este lado periclitante, impondo-lhe á força uma certa regularidade, e fazendo vivos esforços para lhe metter para dentro um boccado de interesse. Venho com este ultimo intuito appellar para si, caro Luiz. A *Revista* conseguiu ter uma *Chronica Europeia* fixa, e uma *Revista Litteraria*, tambem fixa. Falta-lhe porém a secção essencial: *a Revista da Politica interna.* Muitas vezes me tenho perguntado a mim mesmo quem a poderia fazer com sufficiente *independencia*, *criterio*, *ousadia*, *estylo e sciencia*. E descobri ha dias, de repente, que só V. possue, juntas, essas qualidades. Você, portanto, é o homem de que a *Revista* precisa. Resta saber se a V. conviria o encargo. Supponho que sim. Você não se separou, nem se póde separar da Politica — e a prova é que, de vez em quando, braveja no *Nacional*, e outros papeis ephemeros. Por outro lado, não é propriamente um politico militante, assiduo na brecha. É um

critico que, a espaços, resume as suas observações com uma rude franqueza. Ora para um tal fim, nada lhe póde convir mais que uma *Revista*, séria, já conhecida, sufficientemente espalhada, que se tornaria a sua tribuna, a tribuna costumada e já esperada pelo Publico, onde todos os mezes V. viria dizer a sua opinião em absoluta liberdade. O trabalho não é grande. Dez ou vinte paginas todos os mezes é uma tarefa que V. faz entre duas rondas pela quinta, a vigiar o trabalho. O mero percorrer dos jornaes lhe fornece todas as informações de que V. precisa. O momento historico, além d'isso, é do mais alto interesse. Os bons espiritos não podem ficar calados no meio de toda esta crise. E creio que a V. mesmo, por todos os motivos, lhe conviria ter o seu canto, ou antes o seu estrado, decente e bem mobilado, onde V. se pudesse affirmar com persistencia e auctoridade. Reflicta n'isto. Creio que não póde hesitar.

Responda logo, porque eu desejaria annunciar ao Publico essa boa nova.

Os meus respeitos á Snr.ª D. Conceição, beijos ás pequenas e affectuoso abraço do

seu do c.
QUEIROZ.

BIX

A Oliveira Martins

Paris, 5 de Fevereiro 1891.

Querido Joaquim Pedro

Telegraphei-te, perguntando se querias, ou podias, fazer o artigo que a *Revista* não póde deixar de publicar sobre esse furunculo revolucionario que rebentou no Porto, como symptoma de doença geral.

Espero a tua resposta. Eu não posso fazer o artigo, por que estou longe, fóra das *coulisses*, alumiado apenas pela lanterna mortiça da Agencia Havas. É necessario que a critica do drama seja feita por um actor — quero dizer, por alguem que habite o palco e conheça de perto os *trucs*. O que não impede que possas perfeitamente apparecer na *Revista* como o costumado *Spectator*.

Por aqui, a opinião geral é que esse é o começo da *débâcle*. O governo ainda poderia afastar a hora má por algum tempo, se aproveitasse a occasião para desorganisar inteiramente, á maneira summaria do excellente Constans, o partido republicano. Mas como naturalmente ha-de tomar apenas umas meias-medidas, inspiradas por uma meia-coragem, e executadas com uma meia-promptidão, é natural que o caso do Porto seja um *lever de rideau*, e que o partido republicano, que, em Lisboa e nas cidades da provincia permanece intacto e imperturbado, sem ter perdido nem um homem, nem um ceitil, nem uma illusão, prepare para breve o *drama* a serio. Não te parece que assim será ?

O resto da minha carta vae encher-te da mais justa e viva colera. Prepara-te com toda a tua resignação, querido Joaquim Pedro. Sim, amigo ! trata-se ainda d'elles — sim amigo ! — dos caixotes ! Perdoa, mas são *elles* que de novo veem bater á tua porta com toda a força das suas grossas taboas.

Eis o caso : Malheiro Dias, (supponho que perseguido pelo remorso) disse a meu cunhado Manoel: que, uma vez que hoje é outro o Ministro da Fazenda, se poderia, e *deveria*, tentar junto d'elle uma nova instancia, pedindo a livre passagem dos caixotes ; que nada importa a opinião do Conselho

Geral da Alfandega, fundada na informação d'elle ; e que elle não se offende se este Ministro, divergindo da resolução do outro, lhe mandar a ordem d'isenção de direitos. Trata-se pois de ir dizer ao Cunha, á queima-roupa, que deixe passar os meus caixotes, desde que eu sou um empregado do estado em serviço no estrangeiro ; que estes caixotes transportam objectos do meu uso, e que egual favor tem sido muitas vezes concedido a Consules e Diplomatas.

Tem paciencia. Dá este novo passo. Mas dá-o d'uma só vez e sem arrastar os *pourpalers*. Se o Ministro consentir desde logo, bem ! Se hesitar, ou prometter pensar, avisa-me para eu fazer pagar os direitos, sem mais discussões nem delongas.

O Manoel diz-me que o nosso Sabugosa é pessoa influente no Cunha. Se assim é, pede-lhe em meu nome para dar um assalto a esse Financeiro. Os meus respeitos á Snr.ª D. Victoria. Abraço apertado

do teu do c.
José Maria.

IX

A Luiz de Magalhães

Paris, 4 de Junho 1891.

Meu caro Luiz

As suas *Revistas* [1] têm sido excellentes. Esta ultima, sobretudo, agrada-me consideravelmente. Conhecimento muito exacto das cousas, sentimento muito flagrante das nossas *reaes realidades*, desassombro superior em dizer a verdade, penetração que fura para longe, fórma de admiravel lucidez e precisão — emfim tudo o que faz um bom e solido estudo se encontra n'essas bemvindas chronicas. Imploro pois que as não interrompa, caro Luiz. Você é, desde já, uma das columnas da *Re-*

---

[1] As *Revistas de politica interna* publicadas no 3.º volume da *Revista de Portugal*.

vista, columna de bronze. Ignoro se ellas têm sido discutidas nos jornaes — sei que têm sido lidas com vivo interesse. Eu aqui só recebo o *Tempo* e as *Novidades*, e esses dous papeis, meus intimos, nem sequer annunciam a *Revista !* Eu escrevi-lhes a ambos para os sacudir para fóra do seu silencio. É uma pena que esse Genelioux não seja um editor mais vivo. A *Revista* ainda podia vir a ter um futuro de influencia, e talvez de popularidade. Mas assim . . . Em todo o caso, façamos o bom esforço ! E da sua parte, está elle em continuar com essa bella veia em que V. está, de bem-pensar e bem-dizer.

Abraço do c.
do seu muito dedicado
QUEIROZ.

LXI

A Luiz de Magalhães

17 de Julho 1891.

Meu caro Luiz

Recebo a sua carta, e venho, sem tardar um momento, dar em geral á sua proposta a mais larga, completa e effusiva adhesão. Ella com effeito corta aquella difficuldade que até hoje impediu sempre que a *Revista*, apesar de todos os esforços, tivesse uma vida regular, contemporanea, interessante e util. Estando eu em Paris, o director praticamente era o Genelioux. E o Genelioux não podia fazer d'ella senão um repositorio de prosa d'acaso. Estando ahi, junto do Editor, um Director como V., para inspirar, planear, organisar e *dirigir* — não

vejo porque é que a *Revista* não se tornaria uma publicação importante, tendo influencia e dando proveito. Essa influencia e proveito são certos desde que a Revista tenha 2.500 compradores; 2.500 compradores são certos em Portugal e Brazil para qualquer publicação que offereça actualidade, interesse, e nomes conhecidos por baixo dos artigos; e (como V. diz, e eu plenamente creio, e por experiencia) em Portugal já ha collaboração bastante para manter uma *Revista* sempre interessante e actual. O caso é arregimentar, organisar methodicamente essa collaboração. Isso é que eu nunca pude fazer d'aqui, da *Rue de Berry*. E isso é que V. póde perfeitamente e facilmente fazer no alto dos Clerigos. A sua proposta vem tanto mais a proposito, quanto, justamente, o Prado [1] que partiu para o Brazil, não deixará, como me affirmou, de angariar lá um solido numero de assignantes seguros. É pois uma *nova vida* em que entra a *Revista*. Mas, por isso, convem estudar, se, no momento de a lançar n'um novo caminho, não seria opportuno introduzir-lhe modificações — certas modificações que a minha ausencia tornava irrealisaveis. Uma, e é

---

[1] Dr. Eduardo Prado, illustre homem de letras e politico brazileiro, e um dos mais intimos amigos de Eça de Queiroz.

a principal, seria a sua transformação em *Revista* quinzenal; outra, que depende d'esta, seria a alteração no seu preço de 500 rs. que é um pouco alto para o paiz; as outras seriam a respeito do elemento *romance*, d'uma secção fixa de Finanças, etc. Tudo isto convem estudar — e eu, se Deus quizer, vou preparar um pequeno esboço de plano, para lhe submetter, a si e a Genelioux, tomando por base a *quinzenalidade* (perdôe o barbarismo) da *Revista* e a reducção do seu preço a 200 réis por numero. Se ahi não concordarem — conservaremos o typo actual, procurando, com elle, fazer o melhor que é possivel em Portugal. Em todo o caso fica bem entendido que eu lhe beijo as mãos pela sua dedicada idéa, que a approvo com enthusiasmo, e que concorrerei quanto puder para que ella se realise com brilho. V. salva a *Revista*, homem forte e providencial!

O que tambem me parece é que o seu nome devia figurar na capa (como sub-Director, por exemplo) para que o Publico sentisse que a publicação tinha emfim um director *presente* e *militante* [1]. E julgo que V. deve ser associado aos lucros que a

---

[1] O 4.º vol. da *Revista de Portugal* foi publicado sob a direcção de Luiz de Magalhães, sendo secretario de redacção A. da Rocha Peixoto.

Revista venha a dar. Vou sobre tudo isto escrever ao Genelioux.

Emquanto a Romance, nem V. sabe quanto eu sou longo a trabalhar. Não tenho nada feito em gaveta — senão um pequeno estudo, que pela sua natureza um pouco *crua* não convinha á *Revista*. Mas posso dar contos. Digo isto — porque um romance que eu agora (findo o trabalho que tenho entre mãos) começasse a escrever — quem sabe quando o daria prompto ? A minha *verve* está cada vez mais perra.

Vou desde já remetter-lhe os artigos que aqui tenho em meu poder — para que V. possa ir preparando o proximo numero.

Em resumo, meu caro Luiz, abraço-o pela sua generosa offerta. Era com effeito uma pena vêr desapparecer uma publicação como a *Revista*, unica manifestação visivel da vida intellectual da Nação. Mas como as coisas estavam, eu cá, ella lá, a sua vida era precaria. Você tudo vem salvar. Mil vezes obrigado.

As suas *Revistas Politicas*, sei que *são* muito lidas. Todos os portuguezes que aqui passam me fallam d'ellas. Um dos seus leitores assiduos é o Rei. *Gosta* Elle ? Isso, não me disseram.

Abraço do c.

QUEIROZ.

LXII

A Oliveira Martins

Paris, 17 de Julho 1892.

Meu querido Joaquim Pedro

Recebi a tua carta, muito esperada por todos, e os dois *bouquins* — um dos quaes agradeço ao amigo Joaquim Pedro e o outro *lo agradesco muchissimo al egregeo D. Joaquim* Neuilly ainda se não consolou da tua partida — e até os meninos perguntam sempre «*si Mr. le Philosophe ne vient pas dîner.* »

Tu ficaste, sobretudo para a Maria [1], desde o famoso interrogatorio sobre o *vidro* e sobre o *ferro*, com a reputação d'um saber infinito e infallivel.

---

[1] D. Maria d'Eça de Queiroz de Castro, filha de Eça de Queiroz.

Sempre que tem uma duvida declara *qu'il faudrait demander uu Philosophe.* Assim a humanidade, com as suas illusões, cria as suas religiões!

Com a tua ida, entramos n'uma vida mais hygienica — mas mais monotona. Os chapéus voltaram á sua occupação de cobrirem as cabeças. Ainda se fizeram algumas experiencias — e o Navarro, que agora apparece cá muito, impressionado com uma previsão do chapéu que surdiu certa, trouxe-nos uma mesa, uma verdadeira *mesa d'espiritismo*, com todas as commodidades para a manifestação dos espiritos. Mas esse movel teima escandalosamente em permanecer immovel — ou então nada mais faz que predizer catastrophes para a Nação; e, como para pessimista basta o Navarro [1], removemos essa mesa de prophecia para a condição subalterna de mesa de chá. Prado, sempre fiel — e com o *calembour* horrivelmente desenfreado. Parte, creio eu, n'esta semana para o Brazil e aproveitou estes ultimos dias, antes da partida, para começar a dar lições de velocipede! Anda por ahi, pelo *Bois*, de velocipede e chapéu alto! — Taes são as novidades de Neuilly.

Do resto, de Paris, a novidade, para nós, é a

---

[1] Conselheiro Emygdio Navarro, ao tempo Ministro de Portugal em Paris.

declaração do Ribot sobre a questão « portadores da divida », declaração feita em pleno Senado e cujo texto verás n'um numero do *Journal Officiel* que te mando. A interpellação foi feita por um snr. de Sal (de combinação, de certo, com o Ribot) que commetteu (o tal Sal) o erro divertido de te considerar ainda *como Presidente do Conselho* e de te accusar de teres feito o convenio e depois de o repudiares ! O Ribot não corrigiu o erro. Para estes senhores, *il n'y a que toi de ministre*. É horrivelmente humilhante para o José Dias. Eu penso em todo o caso que deverias rectificar o erro, escrevendo ao snr. de Sal. Eu, logo que saiba a *adresse* d'elle, t'a mandarei pelo telegrapho.

A declaração do Ribot é horrorosa e verdadeiro *pendant* do *ultimatum* de *Lord* Salisbury. Creio que ha muitos annos que um Ministro não falla assim, da tribuna d'um parlamento, a respeito d'uma nação civilisada. É um verdadeiro *pontapé no trazeiro*, dado sem colera, apenas com desdem. No *ultimatum* inglez, ao menos, havia irritação e impaciencia. Aqui há só tedio. Somos ameaçados e injuriados através d'um bocejo. Aquillo dito á Hespanha — era logo o Ministro de França, atirado aos empurrões, por cima dos Pyreneus. Nós, nem sequer sentimos a bota de Ribot.

É verdade que, meu querido, esse Ribot, em

tudo o que disse, tem profundamente razão. Mas eu admitto, e acho digna d'imitação, a conducta d'aquelle fidalgo hespanhol, que, apanhado a roubar ao jogo e tratado de *escroc*, tirou tranquillamente uma faca da algibeira e disse colerico: — É verdade, sou-o, mas não admitto que ninguem m'o diga!

Tambem por aqui fervilham os republicanos, portuguezes e hespanhoes, em conluios activos. Mas isso não é o peor. A mócada deve vir da intervenção estrangeira que se desenha e tóma corpo. O nosso bom Théry dizia-me hontem que as *coisas estavam muito feias*. E não o dizia para me assustar e forçar-me a mão para o contracto d'imprensa, porque o bom Théry já tem o contracto seguro — *ou tout comme*. Emfim, Portugal, pequena nau, tem visto grandes tormentas. Ainda hontem eu lia no teu *Camões* a Lisboa das vesperas d'Alcacer e do dia seguinte a Alcacer. Em vista do que então foi — o que hoje é parece quasi a grandeza. Homens tambem os não havia — uns tinham morrido n'Africa, outros andavam rezando pelas egrejas de Lisboa. Fé, ideal collectivo, não restava já — ou ia concentrar-se, e portanto esvair-se, na teimosia d'um sonho, o sonho do *Encoberto*. Dinheiro, só Philippe de Castella teria algum, e talvez falso: — a pimenta já pouco *apimentava* e o divino ouro ainda não viera de Minas-Geraes. Nada havia, a

não ser fome e descrença... E todavia, cá estamos ainda, depois de tres seculos, com a nossa constituiçãozinha, o nosso reizinho, e o nosso Zézinho (Dias). Cá estamos, na mesma *choldra* sim, mas n'uma *choldra* que é portugueza, só nossa, toda nossa!

En attendant, espero que te tenhas occupado com o *Nun'Alvares*, de modo que, se tiveres de voltar ao carro do Estado, deixes esse heroe e esse santo na typographia.

As senhoras vão tirar, se não tiraram hontem, o promettido retrato. Ellas n'este momento não estão em casa, mas sabiam que eu te ia escrever e carregaram-me de saudades para te mandar; e queriam ainda que eu te dissesse quanta falta lhes tinhas feito para o cavaco, para os passeios, para os *espiritos*, e para a boa alegria dos serões.

Peço os meus cumprimentos para a Snr.ª D. Victoria — e tu, recebe longo e carinhoso abraço do teu

JOSÉ MARIA.

LXIII

A Oliveira Martins

Paris, 14 de Setembro 1892.

Meu querido Joaquim Pedro

Demorei a minha resposta porque desejava mais informações sobre o caso dos *Conseils Généraux*, que eu só conhecia fragmentariamente. Vejo que o conhecia bem, porque realmente só ha fragmentos. Foram sete os que pediram a intervenção do Governo — todos do Centro de França, (onde ha a massa dos portadores) e alguns importantissimos como *Indre-et-Loire* e *Gironde*. Esta campanha seria formidavel e *decisiva* se fôsse *sublinhada* e approvada pela imprensa, porque então, dado o espirito imitativo de todas as corporações, haveria

unanimidade. Mas a imprensa emmudeceu — *et pour cause.* Todavia estes *vœux*, ainda que isolados, dão força ao Ribot — que está de pessimas disposições contra o Zé-Diismo.

Os artigos do Théry eram para sacudir o Zé Dias que adormecera sobre o novo contracto d'imprensa, sem se decidir — parte por desleixo talvez, parte por se terem extraviado informações e documentos que eu mandara. Zé Dias acordou emfim, o contracto foi assignado: — e ha hoje contentamento e paz no lar de Théry. É certo todavia que este dito Théry *sabe coisas* — e sabe sobretudo quanto Ribot e collegas estão azedados, e se azedam com tudo o que esse ministerio faz, desde Hersent até ás quarentenas. Em todo o caso, agora, homens e acontecimentos estão no campo. Veremos quando fôr a *rentrée.* E aqui está o que ha sobre coisas publicas.

Particularmente, pouco ha. Paris, deserto e pensando apenas no cholera. Os nossos amigos d'aqui, todos dispersos. Mayer (a não ser que já esteja ahi) sumido através da Europa. De Prado, acaba de se receber um telegramma, dizendo que parte. Chegaram aqui a desconfiar, por certos factos singulares, que elle voltaria, para o inverno, casado! A não ser porém que tivesse amado, desposado, emmalado, e partido no mesmo dia, não se realisou de

certo essa *despradisação* (porque Prado casado perde toda a graça *pradica*). Nós, em Neuilly, muito abandonados. Apenas o gentil Paulo [1] vem por cá *trainer son dilletantisme*. Tambem agora nos frequenta o Nobre, do *Só*, que é sympathico e ultra-langoroso, e um outro decadista, o Alberto d'Oliveira, que já tem muitos livros, conhece muitas philosophias, está desilludido de tudo, e ainda não fez *vinte annos!* Tal é este deslisar de seculo.

A unica novidade em Neuilly é que nos dedicamos todos á pintura a oleo! A Benedicta começou a aprender a serio, com um mestre — e nós todos tomámos a palheta. Eu tenho produzido algumas obras profundamente imaginativas e horrendas. Felizmente poucas, porque só trabalho aos domingos. Paulo anda compondo uma Virgem com um lirio enorme! Á noite, as senhoras lêem alto a tua *Historia de Portugal*. E assim se vae perdendo o tempo.

Nada tenho sabido do Navarro. Supponho-o embrenhado nas mattas. Elle, aqui, antes de partir, estava decidido a ir a Lisboa *tout culbuter*. Depois, a doença — o nosso pobre amigo atravessou

---

1 Dr. Paulo da Silva Prado, sobrinho do Dr. Eduardo Prado, e um dos frequentadores mais assiduos da casa de Eça de Queiroz, em Neuilly.

um pessimo momento — quebrou-lhe a energia *culbutadora*. Foi, ainda muito doente — e d'ahi escreveu-me, dizendo que se ia esconder no Bussaco até Outubro, tão alheio a tudo, que nem mesmo leria as *Novidades*. Com a saude, deve-lhe ter voltado a Politica. Ignoro porém agora quaes sejam as suas disposições e se abriu ou fechou o seu templo de Janus.

Dá-me noticias d'esse *Condestavel*. Na tua carta eras um pouco ingrato com elle — porque te queixavas da falta de filhos, que são a continuação de nós mesmos. E as obras? Um heroe que se resuscita vale um filho que se gera. Nós outros, os romancistas, é que edificamos sobre a areia — ou sobre a *moda* que é a mais movediça das areias. Pensar que a *Princesse de Clèves* foi no seu tempo uma obra sublime — e que já ha quem chegue aos vinte e cinco annos sem lêr Balzac! *C'est à dégoûter du métier.*

Nada sei dos amigos d'ahi. Soveral, vejo pelos jornaes que dança. E a Patria — não a salva? Ou o seu elixir era apenas uma figura de *Cotillon*? De resto, o *sauvetage* de Portugal parece ter-se tornado uma diversão d'amadores. Ha dias encontrei o Barão de Sant'Anna Nery — conheces? lembras-te? — que me disse ter um *elixir*, e ia partir em breve para Lisboa, como representante de Banqueiros, com o seu elixir na algibeira! Tal é hoje

a terra de Affonso d'Albuquerque. Evidentemente, não ha hoje para um portuguez senão uma solução — que é, como tu, viver na Historia, e esquecer o *que é* na convivencia do *que foi*. Dá os meus melhores respeitos á Snr.ª D. Victoria, e apertado abraço do teu do c.

José Maria.

LXIV

A Carlos Reis

Neuilly, 5 de Março 1893.

Ex.mo e prezado amigo

Encontramos hontem, ao voltar a casa, o seu magnifico presente e temos passado hoje a manhã, em melhor luz, a admirar-lhe a belleza.

É um lindo pedaço de Natureza, admiravelmente surprehendido, não só na sua verdade externa, mas ainda n'aquelle *não sei quê* que habita nas fórmas da natureza inerte e muda, como uma alma que lhes é propria e que as torna *expressivas*. Tudo está admiravel e superiormente traduzido no seu quadro — sobretudo o que era mais difficil de traduzir, a *melancolia*, a *solidão*, o *silencio* da

floresta, da neve e do occaso! Appareceram aqui justamente alguns amigos, hoje, que fizeram á sua obra os vivos e calorosos louvores que ella merece — principalmente porque reune as duas qualidades mais preciosas em Arte que mais raramente se reunem: Realidade e Poesia.

Nós estamos verdadeiramente encantados com o seu presente — que nos é grato possuir por ser uma prova do seu grande talento, e, ao mesmo tempo, uma affirmação da sua sympathia.

Não me quiz demorar em lhe exprimir a minha admiração e reconhecimento, emquanto lh'os não vou levar pessoalmente — e por isso lhe escrevo, á pressa, deixando muito por dizer e pedindo-lhe que me creia

De V. Ex.ª
amigo muito admirador e dedicado
Eça de Queiroz.

LXV

A Oliveira Martins

Paris, 17 de Abril 1893.

Meu querido Joaquim Pedro

Está-me parecendo que não te tenho escripto com abundancia, nem mesmo com escassez, n'estes ultimos tempos. Todavia, não estou bem certo, porque, tantas vezes se falla de ti em Neuilly, tão repetidamente vem a proposito « o Philosopho disse... O Philosopho fez... », que tu estás como que misturado á nossa pacata existencia, e eu chego a perder a noção exacta das distancias e dos silencios que entre nós se interpõem. Ainda hontem, domingo, andei no caes com as senhoras, comprando duas velhas gravuras de Lisboa para o Philo

sopho. Ainda á noite, com a Maria Amalia [1], se fallou no Philosopho. Ainda depois eu sustentei com calor, a respeito da *Inglaterra d'Hoje*, que tu *não* tinhas auctoridade alguma para escrever um livro sobre a Inglaterra, e *que só eu a tinha!* Etc. . . .

Do que estou certo é que ainda não respondi á tua pergunta sobre a nossa ida a Portugal no verão — e isto pelo motivo pouco agradavel de que justamente depois de receber a tua carta, estive doente, com nevralgias, das que ás vezes me veem, e que me apoquentaram e enfraqueceram. Agora, graças a Deus, vou melhor. Pois á respeito d'essa visita ao nosso bom Portugal, ainda não temos uma resolução definida. Sobretudo a respeito da epoca. A Emilia está com vivo desejo, depois d'esta longa ausencia, de vêr os amigos e as coisas patrias. Mas está ainda indecisa sobre se as irá vêr na sua belleza de verão, ou se se reservará para mais tarde, para fugir aqui á fealdade do inverno. Em todo o caso, se fôssemos no verão, certamente acampariamos na Granja — e eu, immediatamente que a resolução fôsse tomada, te preveniria, porque a tua presença lá seria para nós todos a *great attraction.*

Os amigos que d'ahi têm vindo recentemente,

---

[1] A illustre escriptora, Snr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

Navarro, Maria Amalia, etc., nenhuma outra noticia me dão a teu respeito senão — « *lá está, e bem* ». Isto creio que para ti significa silencio, paz e trabalho. Assim seja — pois que essa é a existencia perfeita. Nós tambem, louvado Deus, não temos historia — e o nosso *ram-ram* lá se vae desenrolando continuo e calmo, com um Prado aqui, e um Navarro além, e, lá muito de vez em quando, o meu santo — outro santo, porque interrompi o S. Frei Gil, para me devotar a Santo Onofre. Não creio que conheças este illustre solitario — porque não ha bem a certeza de que elle jámais existisse. Não da sua vida, que a não tem, mas dos agiologios, consegui extrahir umas cem paginas, uma pequena *plaquette*, para ir acostumando o publico a este *neo-flos-sanctorismo*.

Dos amigos, aqui, o mais importante, Prado, está em vesperas de ir para o Brazil — apesar das supplicas de todos, pois que elle corre risco de que a Republica lhe dê algum safanão. Ha indignação no Rio contra elle — porque se lhe attribuem os fornecimentos d'armas feitos d'Inglaterra aos insurgentes do Rio Grande. Creio que debaixo d'esta rocha não deixa d'haver uma pequena enguia. O proprio irmão d'elle, o Antonio, está muito inquieto, e considera esta partida, n'este momento, uma grave aventura. O nosso Eduardo, porém, ou tem

secretamente garantida a sua tranquillidade — ou então é um homem de Plutarcho. Nas vezes em que lhe tenho tocado este ponto, elle responde, no grande estylo de Cesar : *alea jacta est.* Este é o grande acontecimento de Neuilly.

Das coisas publicas da nossa terra apenas sei o que Navarro, no seu regresso, me disse — e podes calcular que só foram coisas sombrias. Tu conheces bem o Fuschini ? Elle era, se bem me lembro, do tempo e da amizade do nosso Anthero. Tem algum valor ? Essa *Liga Liberal*, que factor é ? E a anti-Liga ? Tudo isso me parece uma mixordia — e faz saudades da antiga anarchia do tempo do Fontes e do Braamcamp que ao menos era, exteriormente, d'aspecto regular e decoroso.

Emfim, quando puderes, dá-me um resumo d'essa situação, porque d'aqui tudo se comprehende imperfeitamente. Dá sobretudo noticias tuas e do *Condestavel* que me tarda. *A Inglaterra* tem coisas excellentes, e é em geral um quadro exacto, claro, de muito boa côr. Dá os meus respeitos á Snr.ª D. Victoria, e um grande e affectuoso abraço do teu do c.

JOSÉ MARIA.

LXVI

A Luiz de Magalhães

Paris, 8 de Fevereiro 1894.

Meu querido Luiz

Está de certo V. indignado com o meu longo, longo silencio. Mas a pura doutrina Evangelica, que é sempre bom applicar a tudo, diz que só ha culpa nas intenções: e a minha intenção de cada dia tem sido escrever-lhe, não só pelo gosto de cavaquear, mas para o deixar bem seguro que penso no artigo para o Livro d'Ouro do nosso Anthero [1]. Um monte d'affazeres accumulados, e que é ne-

---

[1] *In memoriam* consagrado a Anthero de Quental pelos seus amigos.

cessario desbastar, ainda me não deixaram chegar a esse desejado artigo ; mas espero em Deus que o possa ter preparado por todo este mez, como V. reclama.

As folhas que me mandou, nada contêm, além do estudo de A. Sampaio, de bem interessante. No Anthero, o valor da personalidade é de certo superior ao valor da obra. Era sobretudo *o homem*, que, n'um livro d'esses, se deveria pôr bem vivo e real deante do Publico, que tão pouco o conheceu. Eu por isso penso fazer um *Anthero intimo*.

Pelo bom Feijó [1] soube que V. trabalhava com amor e com muita felicidade (quero dizer, veia) no *D. Sebastião*. Gostei d'essa boa nova — porque não ha de certo mais ditosa vida que a vida Virgiliana, occupada em conceber e realisar, no meio de campos proprios, e através dos cuidados das sementeiras, um Poema da Patria. Quando estará prompta a obra ?

Dos amigos d'ahi pouco sei. Apenas tenho estado em communicação com O. M. porque tenho andado a lêr o *Nun'Alvares ;* e o nosso philosopho reapparece elle proprio em cada pagina, mesmo

---

[1] Dr. Antonio Joaquim de Castro Feijó, ministro de Portugal em Stockholmo.

através da armadura do Condestavel. Se vir o Junqueiro dê-lhe bom abraço.

Os meus respeitos á Snr.ª D. Conceição, chuva de beijos ás pequenas e fraternal abraço do

seu do c.
QUEIROZ.

LXVII

A Oliveira Martins

Paris, 26 de Abril de 1894.

Querido Joaquim Pedro

Foi grande alegria a tua carta, por me mostrar um Joaquim Pedro *redivivus*. A Benedicta tambem nos informa, de Cascaes, que tu não só estás no numero dos vivos, mas no numero dos sãos. E um amigo de Lisboa manda dizer que Sousa Martins te considera já solido [1]. Ainda bem! Eu, de resto, tive sempre confiança na rijeza dos teus alicerces physiologicos. O que me enervava era a distancia, o não poder saber á noite as noticias da manhã, e não querer assustar a senhora D. Victoria com te-

---

[1] Oliveira Martins morreu n'esse mesmo anno, em Agosto.

legrammas que mostrassem consternação. Emfim, tudo isso agora pertence já simplesmente á tua biographia. O que importa hoje é que esse bom mar, nosso pae commum, te enrije depressa e que na especie *moscas* tenhas só a supportar as de Lisboa, e não mais essas que me descreves, de Milão. É apenas um pouco de paciencia, de que, como philosopho, deves ter provisão: se é que o bello ensino das religiões e das philosophias antigas sobre o soffrimento, lembra e aproveita no momento em que se soffre. Creio que não — talvez porque a philosophia, hoje, é um ornamento sumptuario da intelligencia e não uma realidade e modo de ser da consciencia. Já não ha *Epictetos* vivos — ha apenas commentadores, mais ou menos impressos, d'Epicteto. Em todo o caso, e seja como fôr, que Deus te dispense depressa d'essas *moscas*. Cascaes, pelo que manda dizer a Benedicta, está encantador. Vejo d'aqui grandes porções d'azul e branco e um pouco de verde, côres de que minha alma está sedenta — porque a França cada vez se torna mais cinzenta, mais *grise*, por fóra e por dentro.

Nós continuamos na remota provincia de Neuilly. A nossa casa agora é mettida dentro d'um jardim, que é elle mesmo mettido dentro d'um terreno, que por seu turno está mettido dentro d'um largo predio de *rapport*. Tens de certo visto disposições eguaes

em caixinhas chinezas. Ahi passamos uma vida provinciana e rotineira, como se vivessemos em Carcassone ou em Carpentras. Os nossos amigos interessantes estão dispersos e só vemos alguns conhecidos desinteressantes. Quem apparece bastante é Moniz Barreto, que está, no corpo e na alma, um verdadeiro personagem d'Hoffmann. De resto, graças a Deus, a tribu está boa. Os pequenos ambos se lembram e fallam de *l'oncle philosophe*, e, emquanto estiveste doente, nunca deixaram, por lembrança propria, de rezar e pedir *au petit Jésus* que mandasse a saude *à ce bon oncle philosophe*. O José é artista: tem a paixão, e por ora, o genio da pintura: já produziu obras consideraveis — e agora prepara um *grand tableau* para te mandar.

Eu é que não tenho andado bem de saude. No inverno tive influenza, ou uma serie de pequenas influenzas. Fiquei fraco. Na minha qualidade de abdominal, essa fraqueza localisou-se sobretudo nos intestinos, que se tornaram anarchicos. Além d'isso, o systema nervoso está desnutrido e acanaveado. É esta, a meu respeito, a noticia mais importante. De resto, faço uma vida, não direi de cenobita, porque esses pela imaginação viveram uma vida delirante e grandiosa, mas de *petit bourgeois retiré*. Faço tambem litteratura, uma litteratura complicada, porque, com o vicio de mis-

turar trabalhos, acho-me envolvido na composição, revisão e *acepilhação* geral de cinco livros!

Isto me leva a fallar do *Condestavel*. Está claro que o recebi, que lhe admirei o exterior, e que lhe saboreei o miolo. A minha primeira impressão, logo ás primeiras paginas, foi de que estava no seculo XV, e que vivia em Lisboa, em Valverde ou nas vielas da Sé, que andava misturado ao povareu, que odiava a má barregan que enfeitiçara o nosso bom Rei, e que era um partidario do Mestre. Composição, estylo, etc., tudo isso me era indifferente. O que eu queria é que Nuno Alvares crescesse depressa e que o Mestre se declarasse, e que se salvasse o Reino! Creio que não se póde fazer maior elogio d'um livro. A sua belleza está em não ser quasi um «livro», uma cousa impressa, mas uma grande realidade viva, em que nada é de papel e tudo de substancia viva. É mesmo mais que uma d'essas resurreições historicas, nas quaes se sente sempre a cada linha, a maestria do resuscitador. Através da *Salammbô*, nunca se perde de vista o genio e a sciencia de Flaubert. No *Nun'Alvares*, a personalidade do historiador-artista desapparece na primeira impressão, e fica-se, eu pelo menos fiquei, em communicação directa, n'uma communhão de contemporaneo, com as cousas e os homens evocados. Depois é que voltei a reler, com olhos de

profissional, a obra litteraria do Snr. Oliveira Martins. Para me desembaraçar logo do que me agrada menos, dir-te-hei que o Andeiro me parece ter traços demasiados do Marianno de Carvalho : chega mesmo a haver reminiscencias ! O illustre chefe da casa dos Castros, o pobre D. Alvaro, tambem me parece um pouco *poussé* á caricatura. (A Emilia achou-te cruel !). De certo, já no seculo xv havia Prudhommes, mas D. Alvaro é, antes do conselheirismo, quasi um conselheiro, e do typo mais conselheiral : tambem julguei antever reminiscencias ! E ahi está o que é um grande historiador chafurdar em *Politica :* insensivelmente transporta para o homem do passado a ironia ou o desdem que lhe inspiraram os homens da vespera — e desabafa nas costas dos mortos ! Tambem não me agradam muito certas minudencias do detalhe plastico, como a notação dos gestos, etc. Como os sabes tu ? Que documento tens para dizer que a Rainha, n'um certo momento, cobriu de beijos o Andeiro, ou que o Mestre passou pensativamente a mão pela face ? Estavas lá ? Viste ? Esses traços, penso eu, não dão mais intensidade de vida, e criam uma vaga desconfiança.

Mas afóra estas pequeninas reservas (poderia ainda fallar de certas expressões, como « troca-tintas », etc.), não tenho senão a louvar pelo lado da

arte. As grandes figuras estão magistralmente postas de pé e solidamente modeladas — o Regras, Alvaro Paes, a Rainha (ainda que um pouco vaga e molle por vezes), o Mestre, sobretudo. As grandes figuras collectivas, o povo de Lisboa, a morte do Condestavel, são soberbamente pintadas: mas é uma das tuas superioridades de historiador, ou antes d'artista, o comprehender os movimentos collectivos, revivel-os, e, (n'isto te pareces com mestre Zola) fazer *manobrar* as multidões. Emquanto ao Condestavel, que era o teu objecto, haveria a discutir se não lhe metteste na alma muita cousa que é só do nosso seculo, quasi só d'estes ultimos cincoenta ou sessenta annos. Mas, em summa, déste-nos uma maravilhosa e inesquecivel obra. Tudo ahi é bello: o sonhador, o capitão, o monge, o santo. Valverde é uma grande pagina e talvez a prefira a Aljubarrota, admiravel tambem, mas onde eu desejaria menos abundancia e tumulto. E pela parte toda do Convento do Carmo, não tenho senão a abraçar-te, mestre e amigo. Está claro que foste servido por um typo de incomparavel grandeza, e um momento de vida verdadeiramente sublime. Mas, ahi no Carmo, nunca estiveste abaixo do teu heroe — e ainda que seja penoso, muito penoso, fazer um tal elogio a um confrade em letras, sou forçado a confessar que toda essa parte da historia de

Fr. Nuno está nobremente ao lado da vida de D. Nuno. Não digo que, por vezes, não desejasse mais sobriedade — e que ha talvez muito requinte psychologico no estudo que tu fazes d'uma alma que no fundo era simples. O que é certo, porém, é que ao lêr esse fim do Condestavel me veio uma pequena lagrima ao olho — e tu de certo não querias mais.

Além d'um bello livro, o *Nun'Alvares* é uma boa acção. Estas monographias que emprehendeste, são o maior serviço que n'este seculo se tem feito a Portugal. É por ellas que tu proprio has-de ficar na nossa Historia.

A mim mesmo me dou por exemplo: porque têm sido os *Filhos de D. João I*, e agora o *Nun'Alvares* que me têm feito patriota. Tu reconstroes a Patria, e resuscitas, com esses livros, o sentimento esquecido da Patria. E não é pequeno feito *reaportuguezar* Portugal. Pagas de resto a divida, que nunca fôra paga, áquelles que fizeram Portugal. Outros estão no limbo obscuro, pedindo egualmente o seu salario. Pensa n'elles.

Esta carta vae enorme — mas teria ainda muito que conversar, ou que discutir, por que só dei impressões. Eu estou sempre com a idéa, e idéa desejosa, de ir ahi a Lisboa. Só se trata agora de saber se irei só, e cedo, querendo Deus — ou se

iremos todos, mais para o meado do verão. Em todo o caso espero em Deus que te possa brevemente dar um bom abraço.

Escreve, dize como estás. Dá muitas lembranças á Maria Amalia, e dize-lhe quanto tenho sentido a doença d'ella e esperado com bons e sinceros desejos as suas melhoras. Põe os meus respeitos aos pés da senhora D. Victoria, e tu, querido Joaquim Pedro e mestre das boas artes, acceita vasto e fraternal abraço do teu

JOSÉ MARIA.

LXVIII

A Alberto d'Oliveira

Paris, 6 de Agosto 1894.

Ex.mo e caro amigo

Não me queira mal, ou esqueça o mal que me tenha querido, por eu só tão tarde agradecer o elegante livro.

« O coração põe e a vida dispõe »: e a minha tão tyrannicamente se tem comportado que não me deixa tempo para cumprir uma obrigação, logo que a ella se misture muita devoção.

Foi com alvoroçada sympathia que abri as folhas das *Palavras Loucas*. Mas *Loucas* porquê? Atravez d'ellas só entrevi Razão, e madura, ou na facil vespera d'amadurecer. E n'ellas proprias só

vi precisão, limpidez e rythmo, que são qualidades de Razão e das melhores. É por esta linda arte de bem dizer que eu o quero sobretudo louvar — ou antes felicitar, porque a Prosa é um dom, e dos Deuses, como a Belleza. Emquanto ás suas idéas — não lhe parece que o Nativismo e o Tradicionalismo, como fins supremos do esforço intellectual e artistico, são um tanto mesquinhos? A humanidade não está toda mettida entre a margem do rio Minho e o cabo de Santa Maria — e um ser pensante não póde decentemente passar a existencia a murmurar extaticamente que as margens do Mondego são bellas! Por outro lado, o tradicionalismo em Litteratura já foi largamente experimentado, durante trinta largos annos, de 1830 a 1860 — e certamente não resultou d'elle aquella renovação moral que Portugal necessita e que o meu amigo d'elle espera. Tivemos xácaras, e romanceiros, e lendas, e solaus, e moiros, e beguinos, e besteiros, e sujeitos blindados de ferro que gritavam com magnificencia: — «Mentes pela gorja, D. Villão!» — e uma porção immensa de Novellistica popular, e paisagens affonsinas com torres solarengas sobre os alcantis, e tudo o mais que o meu amigo reclama como factor essencial de educação... E de que serviu tudo isso para o aperfeiçoamento dos caracteres e das intelligencias, ou sequer para a sua renacio-

nalisação ? De resto o movimento tradicionalista, cuja ausencia o meu amigo lamenta, ainda não cessou, está em torno de si. Thomaz Ribeiro, Chagas e toda a sua descendencia litteraria, são tradicionalistas. E esses *Principes Perfeitos*, e *Duques de Vizeu*, e *Pedros Crus*, e *D. Sebastiões*, que frequentam o palco de D. Maria, não creio que tivessem chegado ahi, de Paris, pelo *sud-express*. E o resultado ? . . .

Não, caro amigo, não se curam miserias resuscitando tradições. Se a França, depois de 1870, tivesse resumido todo o seu esforço em renovar na litteratura as *Chansons de Geste*, ainda cá estavam os Prussianos. O dever dos homens d'intelligencia, n'um paiz abatido, tem de ser mais largo do que reconstruir em papel o castello de Lanhoso ou chamar as almas a que venham escutar os rouxinoes do Choupal de Coimbra.

Em todo o caso, o grito do Tradicionalismo é um bello grito, sobretudo quando nos chega n'uma voz tão polida, e culta, e penetrante, e elegante como a sua. E aqui volto ao meu primeiro louvor, o da fórma excellente, tão fina e luminosa, que reveste todo o seu livro. Quando se possue um tão bello instrumento deve-se tocar uma aria mais larga e mais profunda que a do neo-medievalismo e do neotrovadorismo. E, a proposito, o que é o Neo-Garret-

tismo ? Estou com muita curiosidade de saber a que nova concepção do Universo, ou a que novo methodo scientifico, ou a que feitio original do espirito critico, deu o seu grande nome o mestre genial do *Frei Luiz de Souza*. Se o Neo-Garrettismo é um systema que nos habilitará, a todos, a fazer com facilidade *Frei Luizes de Souza* e *Autos de Gil Vicente*, então, por Jupiter ! sejamos todos neo-garrettistas com fervente enthusiasmo !

Para me explicar todas estas coisas, e sobretudo para o vêr e abraçar, é que eu desejo vivamente que se realise a sua vinda a Paris, que ha tempos me foi annunciada por um amigo. É para este Outomno ?

E o Antonio Nobre ? Sei que elle está em Paris : mas esse moço encantador, d'esta vez, nem me quiz dar o gosto de saber onde installara os seus lares. Da sua morada, onde quer que ella seja, á minha, não haverá (dada a extensão de Paris) mais de meia hora de *fiacre*. Eu porém, que sou um fiel ledor de Homero, sei quanto custa aos Deuses descerem do Olympo. Já o dizia Hermeias (*vulgo* Mercurio) a Calypso, que, como sabe, morava burguezmente n'uma ilha do Archipelago : — « Cuidas que não é uma grande maçada descer dos solios estrellados para vir a estes tristes sitios mortaes, onde nunca se respira um bocado de bom incenso, nem

se bebe um trago de bom nectar ? » — Mas n'isto se engana o nosso amigo, porque, se eu o desejava vêr, era justamente para lhe repetir quanto o estimo, e para bebermos juntos um pouco de Médoc, que é o desconsolado nectar d'estes tempos. Quando lhe escrever, ralhe com elle, docemente.

E emfim, caro amigo, um bom abraço, depois d'esta tagarellice, e agora e sempre me creia, fielmente, seu muito dedicado

EÇA DE QUEIROZ.

LXIX

A Alberto d'Oliveira

Paris, 26 de Setembro 1894

Caro amigo

Recebi a sua interessante carta — e venho agora conversar sobre o que me propõe a respeito da *Revista de Portugal*. Tambem supponho, e por informações competentes, que F. F. não são propriamente editores, no sentido vivo e europeu do termo, mas pacatos e honestos livreiros que se occuparão meramente de liquidar, com lentidão e prudencia, a antiga casa X. Seria pois de lamentar que a *Revista* ficasse para sempre soterrada nos armazens d'esses Snrs. E qualquer tentativa para a resuscitar e fazer caminhar terá desde logo o meu

mais decidido apoio. Eu continuo a crer numa *Revista* em Portugal: o que ainda não pude discernir nitidamente é *que especie* de Revista o Publico deseja. Quando se annunciou a *Revista de Portugal* o Publico correu a ella, e do primeiro numero comprou 3.000 exemplares, o que lhe garantia uma vida larga. Dois ou tres mezes depois comprava apenas de 800 a 1000 exemplares. Logo tivera uma desillusão e não era aquella a Revista que appetecia. Que defeitos lhe encontrava? Creio que a achava pesada, doutrinaria, com artigos muito longos, sem modernidade, sem actualidade, e em geral maçadora: creio que a achava cara por 500 rs.: e creio ainda que a achava *espaçada* demais — isto é, que se não interessava por uma publicação que, mesmo quando escrupulosamente regular, só apparecia uma vez por mez. A ser isto verdade, o que o Publico pois acceitaria seria uma especie de *Magazine*, ligeiro, facil, variado, com romances, versos, viagens, memorias, phantasias, alguma coisa no genero de certas Revistas de familia inglezas, sem excluir, está claro, os estudos d'alta critica, historia, e mesmo philosophia: esta Revista de 70 paginas não deveria custar mais de 200 rs., e appareceria duas vezes por mez. Supponho que uma tal publicação encontraria acolhimento. Ella seria, no fundo, a velha *Revista de Portugal*, dividida em dois fasci-

culos, vendida mais barata, e tornada mais viva, actual, e *movimentada.*

Será facil de fazer ? Não sei. Em todo o caso, se o meu amigo está decidido a tentar a aventura como Secretario, eu estou prompto a recomeçar como Director. E recomeçar com interesse, trabalhando. Será, querendo Deus, mais uma sacudidela dada ao espirito publico, e que nos não ficará senão bem, mesmo falhando. O Editor a consultar é evidentemente o Antonio Maria Pereira. Esse não é um mero livreiro. É um editor — que edita, e que dá bastante expansão ás suas emprezas. Além d'isso é homem de excellentes contas. Se o meu amigo pois tem opportunidade, póde falar-lhe *em principio*, propondo meramente a resurreição da Revista no seu velho typo — ou então no typo *magazine*, que, supponho eu, seria mais bem acolhido. Emquanto aos detalhes d'organisação bastará fallarmos d'elles quando o principio da republicação tiver sido acceite por um Editor — o que me parece duvidoso, vistos os tempos e os homens.

Dou-lhe as minhas muito sinceras felicitações, e transmitto-lhe as que lhe manda a Emilia, pelo seu casamento. Vejo que vem pendurar o seu ninho em Lisboa. Com effeito é um meio mais intellectual e sacudido do que o Porto — e mais util para um observador da Vida. Eu estimo a mudança, egois-

tamente, porque tenho assim, querendo Deus, mais occasião de o vêr. Agora mesmo estamos pensando em passar ahi este inverno. Dirijo todavia esta carta ainda para o Porto. Creia-me, caro amigo, sempre seu muito dedicado

EÇA DE QUEIROZ.

LXX

AOS CONDES D'ARNOSO E DE SABUGOSA

Paris, 8 de Fevereiro de 1895.

Meus queridos Bernardo e Sabugosa

Uma vez que aqui me apparecestes ambos *de braço dado* [1], é a vós ambos, conjunctamente, que quero agradecer a visita gentil. Foi um delicado prazer o ter-vos aqui, toda uma noite, ouvindo, ora a um, ora a outro, uma linda historia bem sentida, real e no entanto poetica, e contada com uma arte fina e sobria. Positivamente, contar historias é uma das mais bellas occupações humanas: e a Grecia assim o comprehendeu, divinisando Homero que não era mais que um sublime contador de con-

---

1 *De Braço Dado*, titulo de um volume de contos, escripto de collaboração pelos Condes d'Arnoso e de Sabugosa.

tos da carochinha. Todas as outras occupações humanas tendem mais ou menos a explorar o homem ; só essa de contar historias se dedica amoravelmente a entretel-o, o que tantas vezes equivale a consolal-o. Infelizmente, quasi sempre, os contistas estragam os seus contos por os encherem de litteratura, de tanta litteratura que nos suffoca a vida ! Vós não sois d'esses : contaes simplesmente, com elegancia, o que observaes com verdade : e por isso nos daes historias vivas que deixam uma emoção viva. De qual das vossas historias gosto mais ? Não sei. Mas aquella rapariguinha triste que fazia chapéus de palha em Vizella é bem tocante e não se esquece ! E a *Cabrita*, e os seus dois homens, são seres bem profundamente da natureza — e portanto bem interessantes !

Meus queridos, se é o andar assim *de braço dado* que vos faz assim escrever paginas tão delicadas e d'um sentimento tão penetrante, não desenlaceis mais os braços — o que será um prazer para o vosso coração, e, para o nosso espirito, um regalo.

E pelo regalo que a mim me destes, um largo e carinhoso abraço do vosso do c.

EÇA DE QUEIROZ.

LXXI

A Alberto d'Oliveira

Paris, 23 de Janeiro de 1896.

Meu caro amigo

Se eu o não soubesse tão dôce e benevolo, estaria agora, ao apparecer diante se si, cheio de embaraço e confusão. Duas boas cartas suas, um telegramma impaciente e portanto amavel — e eu, mudo como um obelisco, (comparação classica, mas falsa, porque os obeliscos, cobertos sempre d'inscripções, são os mais loquazes dos monumentos). Mas que quer ? Esta volta a Paris, em pleno inverno, depois de dez mezes de Portugal e sol, equivalem quasi a uma reaclimatação. Esta aspereza do Norte, estes céus silenciosos e escuros, estes dias

que, mal apparecem, logo fogem como se tivessem horror aos homens — tudo isto me desorganisou, e foi só ha pouco, por um esforço de vontade, que me obriguei a retomar a costumada canga e a retrilhar o costumado trilho. Mas antes de attender ás devoções, tive de considerar as obrigações. Ora o meu amigo sabe que eu sou, tenho sido n'estes ultimos annos, um redactor regular da *Gazeta de Noticias* do Rio, recebendo um salario regular. Em mais de quatro mezes, não mandei á *Gazeta* o valor, em prosa, de um bilhete postal. Tambem por escrupulo, não tendo dado o trabalho, não cobrei o salario. Mas esses salarios são indispensaveis ao meu orçamento — e para legitimamente os receber agora, tenho de mandar para o Rio o montão de prosa a que elles correspondem e que os justifica. Ora, querido amigo, é esse duro monte de prosa que eu tenho de erguer, antes que possa livremente entregar-me aos vagares e doçuras do *Serão* [1]. Ainda pensei que, agarrando a penna ás mãos ambas, e rascunhando com um só traço dois paragraphos, poderia ter concluida essa tarefa antes de findar Janeiro : e foi por isso que não lhe escrevi logo, com a ardente esperança de lhe poder mandar, como

---

[1] Titulo do projectado *magazine*, que, de resto, nunca chegou a publicar-se.

primeira resposta, todo um numero do *Serão*, fresco e reluzente. Illusão, pura illusão. Janeiro está quasi no fim e eu ainda não estou sequer em metade de toda a prosa que devo á *Gazeta*.

Aqui tem, meu caro amigo, muito francamente, o motivo do meu silencio e d'esta apparente deserção da nossa obra. É uma brutal questão de pecunia. Se o bilhete da loteria do Natal que o Bebert [1], por sua mão, comprou em Madrid, tivesse sido premiado, já eu teria remettido para o *Serão* Ramires e Ulysses [2]. Assim, tenho de estar a tratar a questão de Venezuela, o que não é divertido nem esthetico. Já ha dias, escrevendo ao Pereira, eu lhe annunciava que só estaria prompto para o *Serão* dentro de um mez ou mez e meio ; mas não lhe fazia, como faço ao meu amigo, a explicação intima dos motivos.

Todo este contratempo, naturalmente, não me tem feito senão pensar mais incessantemente no *Serão*, pois que elle, em contraste com a *Gazeta*, representa o prazer. Tenho sondado todos os *Magazines* á busca de suggestões : mas, apesar de se te-

---

[1] Alberto de Castro d'Eça de Queiroz, filho mais novo de Eça de Queiroz.

[2] Referencia á *Illustre Casa de Ramires*, depois publicada na *Revista Moderna*, e ao conto *A Perfeição*.

rem fundado novos *magazines*, e os antigos se terem todos *ajanotado*, não ha nenhuma feição inedita ou imprevista que nos aproveite. O que me está parecendo muito difficil é a questão dos clichés, pois que, para os utilisar, é necessario traduzir os artigos a que elles correspondem : e a multiplicação d'esses artigos traduzidos dá ao *Serão* o caracter d'uma revista traduzida. Além d'isso, a maior parte illustram romances ou contos — e estes, não sendo quasi nunca d'auctores conhecidos, e que convenha fazer conhecer, escassamente têm direito a apparecer no *Serão*. Accresce que os *magazines* estão abusando das biographias profusamente illustradas, e os biographados, não sendo de notoriedade europeia, (e quasi nunca o são) não podem interessar o nosso publico. As proprias narrações de viagem (fonte de illustrações) são sempre muito pessoaes, servindo quasi apenas de fundo á personalidade do viajante, e necessitam por isso um tremendo trabalho de refundição para poderem ser dadas, e se lhes aproveitarem os *clichés*. Emfim esta questão dos *clichés* estrangeiros é mais difficil, menos pratica do que eu imaginei, antes de a ter aprofundado. E todavia é com esses *clichés* que devemos contar para base do nosso *magazine*. Estas difficuldades não me desanimam — mas mais vivamente me provam que o trabalho preparatorio

do *Serão* não póde ser feito *légèrement*. Um outro embaraço é o preço absurdo que os *Magazines* pedem pelos seus *clichés*: alguns querem perto de 300 rs. por centimetro quadrado! Nem diga isto ao Pereira. Emfim, desde que nós queremos fazer uma revista d'arte, n'um paiz sem arte, temos de encontrar varios muros para saltar ou para evitar. Bem sei que tudo isto o vae desanimar — porque o meu amigo é meridional e poeta, e portanto quer que a *idéa* desabroche logo no *facto*, e no facto bem florido, ou então já não quer nem o facto nem a idéa. Mas acredite que ha uma certa vantagem em nos desacostumarmos, através da vida, de sermos meridionaes e poetas.

Ainda tinha bem que conversar, mas esta carta já vae longuissima. Não *amue* comigo — escreva sempre. Logo que eu veja que a minha prosa d'obrigação vae acabando de ser manufacturada — avisarei, e com que prazer.

Peço os meus respeitosos cumprimentos para sua mulher, um beijo para a Maria, e um abraço bem affectuoso para si do seu do c.

EÇA DE QUEIROZ.

LXXII

A Eugenio de Castro

Paris, 21 de Fevereiro 1896.

Ex.mo Sr.

Deve V. Ex.ª estar admirado, se n'isso demorou o seu pensamento, de eu não ter respondido á tão amavel carta em que V. Ex.ª me propoz a publicação d'um conto meu, a *Rapariga Loura*, na Bibliotheca Internacional. Como porém V. Ex.ª, n'essa mesma carta, me annunciava a remessa, (como specimen) do 1.º volume d'essa collecção, eu deprehendi que, na idéa mesmo de V. Ex.ª, eu só poderia e deveria tomar uma decisão depois de verificar a natureza e importancia da *Bibliotheca*. Ora esse exemplar annunciado por V. Ex.ª nunca appare-

ceu. E foi assim que, esperando por esse lado, e levado depois pelos affazeres d'uma vida occupada, eu deixei escorregar todas estas semanas em silencio. Não quero porém que V. Ex.ª pense, por mais tempo, que houve, da minha parte, desattenção ou indifferença: e se V. Ex.ª ainda conserva algum interesse por esse projecto, eu só espero, para considerar os desejos de V. Ex.ª, que o Editor me envie um exemplar da Bibliotheca. Devo porém dizer, desde já, que não tornei a lêr, nem sequer a avistar essa *Rapariga Loura*, desde que ella appareceu, ha mais de vinte annos, no *Diario de Noticias*, e estou receando que esse trabalho, assim desenterrado, necessite muita limpeza e muito concerto. Creia V. Ex.ª na estima e consideração com que sou

De V. Ex.ª
m.to att.o e resp.or
Eça de Queiroz.

LXXIII

A Carlos Mayer

Grand Hotel — Boulevard des Capucines, 12.
Paris, le . . . . . 189.

Seigneur Mayer

M'est avis que vous devennez moult introuvable. Or ce est le secretiaire pour vos grimoires ; or ce avez pris rue pour belles dames voir ! Je vennais, beau sire, pour nous aller esbattre au soleil.

Que Dieu vous ait en sa garde

José Maria.

LXXIV

A Silva Pinto

Paris, 29 de Maio 1897.

Meu caro collega

Vejo nas *Novidades* a sua carta tão generosa, e de tão bella confraternidade, renunciando á continuação do seu trabalho sobre S. Frei Gil. É certo que eu comecei um grosso livro sobre esse nosso santo. Mas ha dois annos que no capitulo 3.º ou 4.º, o moço D. Gil, indo a caminho de Toledo, ficou parado, estendido na relva, entre grandes arvores, á beira d'um rio claro, a conversar com o senhor de Astorga, que (aqui entre nós) é o diabo... E dois annos vão passados, e ainda o illudido cavalleiro se não levantou da relva. Continuará elle jámais a sua jornada para Toledo?

Não sei. Outros estudos, outros livros me têm chamado — e até outros santos, que me retêm pela sua santidade mais dôce e mais simples.

Não desista pois o meu amigo do seu trabalho, em consideração pela prioridade do meu, tão incerto. Além d'isso, supponho que o seu seria o S. Frei Gil historico. O meu era o santo lendario, que abandonaria, apenas elle penetrasse no socego e nas realidades do seu convento de Santarem. E, de resto, á sombra de tão grande santo, cabem bem dois peccadores como nós.

Fico em todo o caso muito reconhecido á sua excellente delicadeza, e peço me creia, com toda a sinceridade, — seu muito dedicado

EÇA DE QUEIROZ.

LXXV

A Carlos Mayer

Simples questions

A Mr. Le Dr. Charles Mayer

Voilà bien trois longs jours que je crie, sur mon aire,
Regardant vers la ville : — « Où donc, est ce
[Mayer ? . . .

Depuis le doux soir, à la Maison Dorée,
Quand, nourrie de morue et parfumée de pêche,
Ta verve s'envola dans des ors de fusée,
Racontant la Patrie, sa Grandeur et sa dêche,

Depuis ce doux soir, aux douceurs par trop brèves,
Qu'as tu fait, oh mon Charles, en ce vaste Paris —
Où, parmi les Brissons, les complots et les grèves,
Tourbillonnent les Jeux, les Graces et les Ris ?

Couvert de ton Rapport comme d'une bannière,
Et tenant ton crayon comme on tient une pique,
Harangues-tu toujours, de façon très altière,
Ces messieurs assemblés pour sauver Mozambique ?

Ou très fin, très liant, et d'une voix plus douce
Qu'un souffle matinal dans la saison des roses.
Tâches-tu de nouer, sans cris et sans secousses,
Les Ochs tortueux aux Villars grandioses ?

À cette Banque illustre dont la large fringale
Guigne aussi le pays où fleurit l'ananas,
As-tu porté encore quelque idée géniale
Pour redorer un peu le blason des Quinas ?

Ou bien au Casino, dans un coin solitaire,
Dédaignant des bonheurs trop faciles à cueillir,
Creuses-tu ces problèmes qui depuis le Calvaire
Heurtent notre pauvre Ame et la font tressaillir ?

— Car tu as l'habitude étrange et discordante
De choisir les Palais d'Amoureuse Folie,
Pour y trainer, très sombre, et courbé comme un [Dante,
Des rêves de Science et de Philosophie ! —

Ou plutôt, éperdu, à travers le dédale
Des rues du vieux Paris aux porches lourds et bas,
Cherches-tu le *Cadeau*, la pendule idéale
Pour sonner l'heure d'amour aux fiancés de là-bas ? . . .

Peut-être chez Paillard, et de blanc cravaté,
Oubliant la Beirá et la baie de Thongá,
Tu verses, oncle joyeux, de l'esprit et du thé,
Au Comte d'Olivaes et de Penha-Longá ! . . .

Je ne sais . . . Mais tu as l'inconstance de l'onde,
Oh Mayer ! Jamais plus, loin du bruit de la foule,
Tu ne viens retaper le Système du Monde
Dans notre haut Sinaï de l'Avenue du Roule ! . . .

Et même ne savons si parmi les mortels,
Tu files encore des jours profitables et gais,
Façonnant Mozambique, achetant des cartels,
Revassant d'Infini et de fonds portugais . . .

Ou bien si quelque Dieu, par ton crâne séduit,
Descendit doucement, déguisé sous des voiles
Et t'enleva, Mayer, pour mêler, dans la nuit,
La blancheur de ton crâne aux clartés des étoiles !

JOSÉ MARIA
(De l'Académie Portugaise).

LXXVI

Ao conde d'Arnoso

Paris, 21 de Junho 1897.

Querido Bernardo

A carta que me escreveste por occasião da partida do João [1] foi duas vezes bemvinda, quasi devia dizer bemdita. Em primeiro logar, mostraste que não estavas tão sombriamente furioso comigo como eu receava, e como aqui calculei com o João, batendo no peito contricto. E em segundo logar porque me mandaste um abraço quando só me devias um murro! Mas que queres tu, querido? O meu mal é o amor da perfeição — este absurdo afan de querer fazer as coisas mais corriqueiras,

---

1 João Pinheiro de Mello, distincto official da Armada, filho mais velho do Conde d'Arnoso.

sempre do modo mais completo e brilhante. Se se trata de espirrar, eu tanto me preparo para que o espirro seja suave e musical que a coisa termina sempre em carantonha, ronco e porcaria. Se se trata de mandar para um jornal a simples noticia de que um amigo chegou, eu tanto cinzelo e repulo que a noticia parece feita no Leitão ourives e dá a sensação de que o amigo partiu! Se se trata de escrever seis linhas a um velho Bernardo, eu espero até ter o vagar de escrever uma epistola muito cheia, muito completa, muito divertida, muito amiga, e a consequencia é que o vagar não vem e nunca se começa a primeira linha. Acreditarás tu, que, ha semanas, por causa de um livro muito simples e corrente que queria o mano Vicente [1], remexi todas as livrarias de Paris, estonteei todos os especialistas, puz em agitação todas as escolas agricolas, retardei infinitamente o livro, e mano Vicente terminou por se enfurecer?

Todo este anno, eu tenho estado quasi de luvas calçadas para partir para Lisboa: por isso não tenho escripto a nenhum amigo, nem respondido, com a idéa de fazer uma coisa muito mais perfeita, que é apparecer eu mesmo, com uma estampilha

---

1 Visconde de Pindella

nas costas; — consequencia: todos os meus amigos estão de mal comigo! E é tudo o amor da perfeição!

Mas voltando á tua carta, deixa-me dizer-te quanto gostamos aqui do teu João! Elegante, affectuoso, amavel, desembaraçado, á vontade no mundo e na vida, com interesse intelligente pelas coisas, fazendo boa companhia, alegre e simples — uma joia de rapaz. A Emilia gostou immensissimo d'elle. O Rosa [1], que tem uma espantosa vocação para pae, ficou inconsolavel com a partida d'esse filho de poucos dias. Devias mandar agora o Vicente [2]. O *tom d'Europa* é um excellente retoque d'educação.

Pois é verdade, meu querido, eu tenho estado, quasi cada semana, para saltar sofregamente n'esse S. Domingos á Lapa e outros sitios amados. Mas sempre o Fado tem disposto d'outro modo. Agora, ultimamente, foi um jornal, uma *Revista Moderna* de que talvez te chegasse ahi um numero desgarrado, jornal em que fundamos aqui grandes e douradas esperanças, e que uma Direcção deliciosamente

---

[1] Conde de Souza Rosa, ao tempo Ministro de Portugal em Paris.

[2] Dr. Vicente Pinheiro de Mello, segundo filho do Conde d'Arnoso.

inepta já irreparavelmente estragou. Emfim, meu filho, a lucta pela vida! Lucta bem vã, quando se emprehende com uma penna na mão, em lingua portugueza. Todo o meu erro foi, quando era moço e forte, não estabelecer uma mercearia, para o que aliás tenho geito e gosto. Estava agora gordo e socegado como o toucinho que cobriria o meu balcão, e quando tu por lá apparecesses, eu diria com deliciada superioridade: «Oh, Snr. Conde, temos agora ahi um queijinho que é de se lhe arrebitar a orelha». E seria o céu aberto! Mas emfim, agora é tarde para chorarmos sobre carreiras erradas... E tudo isto veio a proposito d'essa revista que me não deixou ir a Lisboa. Estou agora com esperança de ir para o verão (a esperança aqui é justa, porque ainda estamos no vagaroso fim d'inverno).

Tinha interrompido esta carta e no intervallo vi nas *Novidades* que hoje se baptisava a tua menina. Que as gottas d'agua mystica que a purificam, coitadinha, do peccadinho original que ella já lá tinha dentro, a livrem tambem, para sempre, de todo o mal, e como agua bem pura sobre o botão de rosa, a façam desabrochar bella, forte e viçosa, cheia de graça e amada.

Dá á prima Mathilde, com os nossos cumprimentos bem affectuosos, os nossos parabens bem

sinceros, e tu, querido, perdoa este silencio, não o imites, pensa no teu amigo e recebe d'elle formidavel abraço.

Do c.
José Maria.

LXXVII

Ao conde de Sabugosa

Paris, 22 de Dezembro 1897.

Meu querido Sabugosa

A urgencia impreterivel do tempo obriga-me a misturar assumptos que pediam cartas separadas. Tenho de lhe escrever hoje necessariamente — e começo por esperar que V. recebesse o nosso telegramma no momento do seu grande desgosto que tão sentidamente partilhamos [1].

Agora o motivo d'estas rapidas linhas é dizer-lhe que a *Revista* [2] vae dedicar á Rainha o seu pri-

---

1 Referencia á morte do Marquez de Sabugosa.

2 A *Revista Moderna*, que se publicava em Paris, e de que Eça de Queiroz era um dos principaes collaboradores.

meiro numero de Janeiro. Eu escrevo, se Deus quizer, o artigo de «considerações geraes». Mas ha toda uma serie de photographias, retratos, salas, desenhos da Rainha, etc., que pedem um outro largo artigo de informação, mais exacto e directo. Seria um quadro do viver da Rainha — os seus habitos, os seus gostos, as suas occupações — um artigo d'alta, elegante, fina e discreta *reportagem*. Pensámos aqui em V. para o fazer. Foi mesmo (aqui entre nós) a Duqueza de Palmella que teve a lembrança, e eu applaudi com fervor. Quer V. tomar o encargo ? Ninguem o fará com mais puro gosto, porque se não trata de fazer um cantico de louvor — mas uma fina e luminosa miniatura : *un petit portrait dans des tons très doux*. Se V. consente, telegraphe logo um *sim* (que todos desejamos) — porque é necessario desde já, sem demora, ter o numero organisado e seguro.

O Botelho [1], director da *Revista*, escreveu ao seu correspondente photographico em Lisboa, que é o Arnaldo da Fonseca (26, Rua de José Estevão) para se pôr á sua disposição n'essa importante questão das photographias.

---

1 Martinho Botelho, conhecido publicista brazileiro.

Sei porém que a Rainha, com uma graciosa amabilidade, já deu ordem para que fôssem feitas aquellas que lhe pedimos por intervenção da Duqueza — aquellas, está claro, que ella não tem. Peço pois que me diga se o Arnaldo da Fonseca foi utilisado. Elle é um admiravel photographo. O que nós desejamos é que venha a *maior porção* de photographias ; muitas, mais do que as que pedimos ; todas as que houver ! E que de modo algum falte a Rainha em traje alemtejano ! E tambem salas de Villa Viçosa — ou vistas do parque ! (Sobre Villa Viçosa que interessante pagina V. póde fazer !) Emfim, escreva, querido Sabugosa, e informe d'aquillo a que se chama os *tramites do negocio.*

E agora um longo, affectuoso, apertado abraço pelo delicioso *foguete* [1]. Teve aqui um immenso *succès.* Nada mais elegante, mais pittoresco e mais deliciosamente portuguez. Eu tentei responder-lhe tambem com um soneto ! Mas não passei da primeira quadra . . . Essa suprema Arte do Verso é inaccessivel ás minhas mãos um pouco rudes ! E só me resta pois a prosa para lhe dizer, querido Sabugosa,

---

[1] Allusão a um soneto, intitulado : *De Tres Respostas*, com que o Conde de Sabugosa contribuiu para o numero que a *Revista Moderna* publicou em homenagem a Eça de Queiroz.

que as sonoras, alegres, rutilantes, formosas *Tres Respostas*, me encantaram, me enterneceram, e me arrancaram esse *ah!* maravilhado que sahe do adro, quando no céu estala o melhor foguete do arraial!

Ponha aos pés da Condessa, minha prima e senhora, os meus melhores respeitos, e V., querido, acceite ainda outro abraço do

Seu do c.
EÇA DE QUEIROZ

LXXVIII

Ao conde de Sabugosa

Paris, 8 de Janeiro 1898.

Meu querido Sabugosa

Começo pelo começo, que é a noticia de ter estado doente, ha dez dias, com uma grippe misturada de febre paludosa (em Paris !). Vou um pouco melhor, graças a Deus, mas ainda fraco, e obrigado portanto a ser conciso. Recebi o seu artigo, as photographias, hontem uma outra, « a Rainha no carro alemtejano ». E o agradecimento que mandei pelo telegrapho, aqui o renovo pela generosa abundancia dos documentos. Mas a *Revista* é insaciavel, e espera com soffreguidão, agora, « a Rainha a cavallo ».

O numero, como comprehende, tem de sahir um

pouco atrazado por causa do inconveniente da minha doença. Temos pois tempo. Mas para mim foi grande contrariedade, porque desejava vigiar eu proprio, *sur les lieux*, a organisação do numero, para o tornar excepcionalmente brilhante. Felizmente o nosso Eduardo Prado tomou logo esse encargo, com aquelle enthusiasmo ardente por tudo quanto é portuguez — que faz d'elle, sendo brazileiro, o ultimo dos Luziadas. E o Prado é excellente, porque tem sobre o director da Revista uma auctoridade despotica que eu não tenho, nem remotamente. Supponho pois que o numero será, se Deus quizer, muito mais brilhante do que eu mesmo esperava.

Emquanto ao seu artigo, supponho, visto haver tempo, que poderão ir provas. Elle já está a compôr. Eu nem mesmo o li, reservando esse prazer para as provas, de que pedi um duplicado.

Agora, querido Sabugosa, peço á sua amizade que, se já não está de serviço, faça, logo que possa, o passeio das Necessidades, para transmittir á Rainha todo o meu profundo reconhecimento pelo seu elegante, precioso presente! V. não se illudiu « nem como Veador nem como amigo ». O Desenho da Rainha é realmente encantador, d'um desenho firme, d'um relevo todo repassado de vida, d'uma factura ao mesmo tempo muito graciosa e forte.

Estou certo que a reproducção será excellente — mas não sei em que genero a farão, a não ser que será de certo no genero mais rico e mais elegante. O que me importa agora, porém, é que a Rainha, a quem beijo as mãos, saiba quanto me commoveu e me encantou por essa lembrança, tão benevola, de permittir que eu guardasse para mim o seu lindo, fino e tão interessante desenho [1].

Esperemos pois, querido Sabugosa, que esta tão justa Homenagem em que estamos collaborando, tenha algum brilho e agrade. Notei o que V. diz sobre a pouca *publicidade* da Revista. Os directores já sabem d'esse desastre, que é devido aos agentes que elles escolheram em Lisboa — e que, em logar de fazerem viver a *Revista*, têm, coisa estranha, feito todo o possivel para a *suffocarem !* Creio porém que tudo isso vae ser mudado. Com o numero da Rainha começa um volume novo e uma organisação nova. Logo esse numero, segundo me affirmam, vae ser profusamente espalhado por todo o Portugal. No Brazil, a *Revista* tem pegado. Até aqui a compram !

---

[1] O original d'este formoso desenho de S. M. a Rainha Senhora D. Amelia, intitulado : Mulher da Beira, e que foi reproduzido na *Revista Moderna*, pertence actualmente á familia de Eça de Queiroz

Querido, ponha os meus respeitos os mais affectuosos aos pés da Snr.ª Condessa, minha prima e senhora. Mil lembranças á sua linda Maria e á minha amiga Blu [1] (não sei se é assim que se escreve este nome illustre) e bons recados ao Vasco [2]. Esse ingrato parece que esteve em Paris e não appareceu! Era no verão, é certo, e talvez nós andassemos pelas praias.

Abraço longo, cordial e estreito do

Seu
EÇA DE QUEIROZ.

1 Filhas do Conde de Sabugosa.

2 O Conde de S. Lourenço, filho mais velho do conde de Sabugosa.

LXXIX

Ao conde d'Arnoso

Paris, 10 de Julho de 1898.

Querido Bernardo

Eu devia começar esta carta paraphraseando um verso de Camões:

Oh que não sei de espanto como o conte!

E tu, de certo, tambem tiveste espanto egual ao receber o meu telegramma! — Imagina tu que ha dois dias o Prado veio á noite, como costuma, a Neuilly, e annunciou que a sua viagem ao Brazil, que estava marcada para este mez, ficava addiada

para o outro. A este proposito, e *só a este*, fallámos d'uma certa visita ao Brazil de que eu por vezes mostro desejos.

E o Prado lembrou que uma excellente maneira de eu realizar essa excursão, seria como Ministro de Portugal no Brazil. Eu murmurei, vagamente : « *Sim, com effeito . . .* » ; a Emilia, ainda mais vaga, murmurejou : « *Eu não desgostava d'uma legação no Brazil . . .* » e logo em seguida, como sempre, passámos á guerra de Hespanha.

Pois, meu querido Bernardo ! Este phantastico Prado, ao recolher a casa, começa a ruminar a idéa da minha nomeação de Ministro de Portugal no Brazil ! Immediatamente se exalta. Ao saltar do fiacre já está decidido a começar, pelo lado Brazileiro, uma campanha para essa minha nomeação. No quarto, mesmo de chapéu na cabeça, compõe uma longa epistola que te destina, a ti, como meu amigo e secretario d'El-Rei.

Ao outro dia, cedo, corre a casa do Rosa, que encontra no banho. E ali mesmo, debruçado sobre a tina, envolve o infeliz Thomaz [1] n'um vendaval de palavras e argumentos. Nem o deixa vestir, nem o deixa enxugar ; e assim mesmo em fralda, com

---

[1] General Thomaz de Sousa Rosa, Conde de Sousa Rosa.

os pés nus sobre o tapete, o arrasta para a mesa, onde o persuade a escrever-te tambem, a ti, uma epistola ardente, approvando a idéa gloriosa da minha nomeação. Elle mesmo, Prado, leva as duas cartas ao *Sud-Express* — e immediatamente telegrapha para o Rio para que se prepare o palacio onde eu devo ser hospedado. É inverosimil — mas veridico.

No entanto o nosso Rosa, apenas só, reflectiu, e não tardou a descobrir toda a inoportunidade, e desvantagem para mim, e impossibilidade geral d'aquelle negocio... Mas o Prado jurara-lhe que a Emilia e eu ardiamos na ambição (! ! ! !) de ir para o Brazil: a carta estava dentro da caixa do correio: *donc, à la grace de Dieu.*

Ora, n'essa noite, Rosa e eu deviamos jantar com o chimerico Prado. Eu cheguei, para o jantar, apenas duas horas mais tarde — e depois de receber as injurias dos esfaimados, eis que Prado e Rosa me levam para o vão de uma janella e me contam o feito que tinham praticado de manhã! !... O Rosa evidentemente muito arrependido. O Prado tambem um pouco murcho, como todo o extravagante depois de um excesso.

Eu não rugi de indignação, nem desatei a rir: fiquei estupefacto, com uma immensa bocca aberta. E fomos jantar. Mas, logo ao fim da sôpa, es-

tava decidido que eu te telegrapharia hoje, *annullando as duas cartas* e passando a esponja do bom senso sobre todo este delirio.

Tu já ouviste alguma coisa mais estupenda ? A idéa da nomeação nem a discuto. Ella não é legalmente fazivel. Para mim, pessoalmente, teria por todos os lados todas as desvantagens. E essa legação, sempre reservada a politicos, creio que já está n'este momento dada a um Politico. O que é deliciosamente inaudito é o repente do Prado que, sem me consultar, sem gritar *legação vae !* se atira a esta campanha, e te escreve, e telegrapha, e barafusta, e teria posto em alvoroço Lisboa e o Rio, o velho e o novo Mundo, se eu o não agarro e o detenho, com um esforço de que me ficaram os braços derreados. Safa, que Prado ! E ainda por cima tive de te mandar um telegramma que me custou mais de dois francos. Foi por quanto me ficou essa Legação.

Creio que não ha nada a accrescentar. O Rosa já hoje te escreve, mas sem Prado ao lado, e reentrado no bom senso, a confessar que se precipitou. E d'esta aventura nada restará senão estas cartas todas que tiveste de lêr — e os meus dois francos perdidos.

Basta pois por hoje.

Mil saudades a todos d'essa querida casa. Quan-

to gósto de saber que o Bernardo [1] está em boa convalescença!

Abraço carinhoso e longo do teu

JOSÉ MARIA.

[1] Bernardo Pinheiro de Mello, filho do Conde d'Arnoso

LXXX

Ao conde d'Arnoso

Fonda del Commercio — Salamanca (Segunda-ieira).

Queridissimo Bernardo

É verdade. Estou em Salamanca. *Helàs !* estou em Salamanca. E tomo esta folha d'almaço, do almaço da nossa querida Lisboa, para que esta carta seja, como elle, larga e substancial. A minha historia é simples. Não sei se te lembras d'Ulysses. E se te lembras sobretudo dos expedientes, das manhas sublimes d'esse divino homem, n'aquella prodigiosa viagem em que elle anciosamente navegava em demanda da sua Ithaca, da sua Penelope, do seu dôce Telemaco . . . Pois esse incomparavel Heroe, quando o cantar das Sereias, ou a belleza das

enseadas nas Ilhas côr de rosa, ou a hospitalidade das Rainhas, o tentavam a ficar, a desviar do rumo devido, mettia cera dentro dos ouvidos, collava as pestanas com cera, e, n'um arremesso mais desesperado de vela e remo, atirava a prôa a Ithaca! Eu imitei esse heroe prudentissimo. Lisboa estava sendo para mim uma paragem perigosa e exercendo sobre mim, tão fraco, todas as seducções que tanto embaraçaram o forte Ulysses (que de resto, a edificou). Essa adoravel casa de S. Domingos á Lapa, apesar do seu santo nome, era a diabolica Ilha dos Lotophagios, onde, depois de comer a flôr de Lotus, (ponhamos o bacalhau assado) a gente tudo esquecia, envolta em beatitude. Em torno de mim boiavam Sereias . . .

Não te rias! Sim, é certo, o Carlos Mayer nunca poderá ser tomado por uma Sereia, nem mesmo no nevoeiro mais cerrado: tu tambem, apesar de mais bonito, tens, para Sereia, muito pêllo na cara: nenhuma das nossas amigas, por outro lado, canta de noite ao luar, com metade do corpo mergulhado e ondulando na vaga indolente . . . Mas emfim, que diabo! vós todos, e todas, amigos e suaves amigas, formaveis um grupo tão encantador que eu me prendia ao seu encanto como o pobre Ulysses ao canto das Sereias perigosas. Em summa, Lisboa tinha philtros — e eu adoptei a manha do heroe manhoso.

Aproveitando a occasião em que tu singravas nas costas do Algarve, e em que os amigos andavam geralmente occupados *dans les choses de leur raison ou de leur folie*, como diz o bom Montaigne, apontei a prôa a Ithaca. Oh! certamente, ainda com tenções de voltar para um derradeiro e risonho abraço! Mas depois reflecti que n'essa terrivel Lisboa, recahiria logo, e para mezes, sob os feitiços de S. Domingos á Lapa, e das Sereias barbudas, e dos petiscos de Lotus, e de todos os philtros — e abalei, remos e velas para que vos quero!

Como Ulysses, ancorei, a caminho, em varias paragens. Primeiramente em Moreira, onde o nosso possante Luiz [1], emquanto não endireita a Nação, ora se occupava a endireitar o seu trigo, como compete a um lavrador, ora, como cumpre a um poeta, a endireitar as suas roseiras. (E Deus o mantenha antes n'essas duas uteis occupações!) Depois, parei nas serranias do Douro, em Santa Cruz [2], onde fiquei dous dias a descançar, (quasi devia dizer a convalescer) do tremendissimo almoço com que o meu rendeiro me honrou, logo na manhã da che-

---

[1] Conselheiro Luiz de Magalhães.

[2] Foi esta sua quinta de Santa Cruz do Douro que serviu de modelo a Eça de Queiroz para a descripção da celebre quinta de Tormes, na *Cidade e as Serras*.

gada, ás *dez horas* d'uma dôce manhã! O prato mais ligeiro era um anho assado. Na cabidella entrava toda uma capoeira. Sobre a mesa, em vez de garrafa, pousava um pipo! Honrei o festim: depois foram os dois dias, os dois lentos dias de cansaço e digestão, sentado n'uma pedra, debaixo d'um castanheiro. Quando, ao cabo dos dois dias, senti que já não havia dentro em mim quasi nenhum anho e quasi nenhuma cabidella — tomei emfim o caminho de Salamanca. Não sei se conheces esta exdouta Cidade. É interessante, toda d'uma linda pedra amarellada, côr de velho dôce d'ovos, e a pedra toda mais trabalhada que uma baixella de prata. O que sobretudo m'espanta é a desvairada profusão dos brazões d'armas! Não ha casebre terreo, por mais desmantellado, que não ostente sobre a porta, entre as janellas, ao lado dos postigos, tres, quatro escudos d'armas, enormes! Nas fachadas das Egrejas, os Santos têm de recuar para dentro dos nichos, e as cruzes d'encolher os braços, para dar logar aos brazões que se amontoam! Nas proprias lages das ruas ha escudos entalhados. Esta *fonda* transborda de brazões... Um brazão immenso esmaga o W. C.!

Por cá tenho encontrado, com satisfação, o *Açor* do meu Ramires. Tambem tenho avistado o teu *Pinheiro*. Estudantes, esses, ainda não vi: a não

ser que sejam estudantes uns sujeitos de boina que jogam o dominó com gravidade, no *Café de las Cuatro Estaciones*. Assim estou esperando, entre todos estes brazões, que passe o *Sud-Express*. Talvez mesmo só no *Sud-Express* acabe esta carta, a lapis. Porque é tarde, a velha Salamanca dorme, o *Sereno* canta que « está sereno », e eu cabeceio com somno. É que hoje visitei duas cathedraes, quatro egrejas, tres conventos, e um delicioso e pensativo claustro de dominicanos, onde m'appeteceu ficar, regando os craveiros, e escrevendo em estylo muito puro, amaveis Vidas de Santos... Além d'isso depois de jantar, bebi muita aguardente d'aniz.

Paris.

Por fim, só em Paris acabo esta copiosa epistola. Aqui encontrei o meu ranchinho todo bom, louvado Deus, mas Paris medonho. Anda todo, todo em obras!... Cada rua voltada do avêsso, com as entranhas espalhadas por fóra. A cada passo, tapumes, covas tenebrosas, montões de cascalho, carroças de saibro, poeirada pavorosa... E tudo tão *barré*, tão impedido, que, para ir do Arco da Étoile á Praça da Concordia — é mais simples e curto dar a volta por Lisboa!

E essa Lisboa? Espero agora que me mandes

tambem largas noticias d'ella — da pequenina Lisboa por que eu m'interesso. Dize de todos e de todas, das coisas do Estado e das coisas da Rua, de modo que eu possa reviver aqui os saudosos serões de S. Domingos e a nossa dôce vadiagem. Columbano ainda te pinta? Eu sahi, cheio de pena de que não se tivesse acabado, até ao extremo apuro, o meu bom retrato. Mas. no necessario esforço que fiz para me arrancar a Lisboa, tive de me arrancar tambem ao pincel insaciado do grande artista. Ainda pensei que, nos dois ultimos dias, lhe poderia dar duas *séances* definitivas. Mas quê! impossivel! E depois, para um artista como Columbano, nunca ha definitivo. Conta a esse bom amigo o meu caso, — inspirado na Odyssea. E que o abraço que lhe dês por mim seja forte.

Quando voltaste das costas do Algarve encontraste de certo os grossos cartapacios que eu mandei á prima Mathilde. São destinados a acompanhar, como lastro, as duas cadeiras famosas do Guimarães. Mas virão ellas jámais, essas cadeiras? São duas realidades com palhinha e pernas? São duas hypotheses com illusão e fumo? [1]

---

[1] Allusão a duas cadeiras do tempo de D. João v que o conhecido colleccionador Alfredo Guimarães offerecera a Eça de Queiroz, e que este nunca chegou a receber.

Tambem não vi, antes de partir, o Moçambiquico Mayer... Mas esse, qualquer dia, com certeza, desponta no horisonte da *Place de l'Opera*. Tu é que não despontas, muito querido Bernardo — por que estás entre aquelles que *leur grandeur attache au rivage*. De ti, pois, necessito noticia abundante — e de todos aquelles a quem queremos bem. Imagino que o João, agora concluido o seu anno, repousa e se fortalece. Já pensas em Cascaes ? E que tal o passeio ao Reino do Algarve ? E depois a Barahonada ?... Peço que offereças todos os meus respeitos a El-Rei, a quem beijo a mão. E beija tu por mim a mão da Rainha, dizendo-lhe, se achares bem, quanto vivamente senti não tomar, no momento da minha partida, as suas ordens sempre bem desejadas. Mas era justamente quando a Côrte — *joyeuse, naviguait sur la mer Océane*...

Não quero fazer lista — mas vão aqui saudades muito especiaes para a prima Marianna, e para todo o seu Santo Amaro [1]. Emquanto a esse S. Domingos á Lapa, que direi ? Que constantemente, em imaginação, trepo as escadinhas, e entro o portão, e passo debaixo da ultra-africana palmeira, e appareço na sala, e começo um feliz serão...

---

[1] Palacio dos Condes de Sabugosa, em Lisboa.

E, como se lá estivesse agora, beijo com toda a affeição a mão da prima Mathilde, e abraço a querida D. Anna, e abraço o querido João, e espalho varias beijocas pelo Bernardo pequeno e pela Maria. E emquanto ao Bernardo grande, não ha abraço mais apertado nem mais carinhoso do que o que aqui lhe manda o seu velho

JOSÉ MARIA.

LXXXI

Ao conde d'Arnoso

Paris, 15 de Junho de 1899

Querido Bernardo

De certo te lembras de termos, muitas vezes, em Lisboa, fallado, e com muito interesse, d'uma nobre idéa — a restauração da Musica Religiosa em Portugal — e do artista de elevado espirito que a concebeu e d'ella quer fazer a obra da sua vida — o Snr. F. Lacerda [1].

Pois é o Snr. Lacerda que agora te leva e te apresenta esta carta. Elle vae a Lisboa com o fim de dar á sua idéa um comêço de fórma e de movimento. Eu podia sobrecarregal-o com outras cartas e

---

[1] Francisco de Lacerda, o notavel musico portuguez.

outras recommendações, — porque, em Lisboa, expuz, e com fervor, o plano do Snr. Lacerda a S. M. a Rainha, á nossa boa Duqueza [1], á prima Marianna [2], ao Presidente do Conselho, á gente do Conservatorio, e por toda a parte encontrei para elle approvação e sympathia. Mas acho melhor e mais util concentrar em ti, querido Bernardo, todas as recommendações, pois que tu, pela força e pela actividade, és, como se diz na Biblia, uma *Hoste*. E aqui te venho pois pedir ao lado do Snr. Lacerda, que te ponhas em campo com bandeira solta! Pela idéa d'Arte já tu te interessaste como artista: — e agora de certo te interessarás pessoalmente pelo Snr. Lacerda, que além do seu alto valor, é homem excellente e de muito amavel companhia.

Está claro, o Snr. Lacerda não pretende que immediatamente, em poucas semanas, comecem a resoar todos os orgãos das nossas Sés e que deante de todos os altares de Portugal se ergam os nossos velhos cantos liturgicos. Não! O que elle por ora pretende é mais limitado, e mais facilmente realizavel. N'uma distrahida pennada, o José Luciano [3]

---

1 A Snr.ª Duqueza de Palmella.

2 A Snr.ª Condessa de Sabugosa.

3 Conselheiro José Luciano de Castro, então Presidente do Conselho.

o realizaria . . . O Snr. Lacerda deseja simplesmente, por ora, que lhe seja prolongada por mais um anno a sua estada em Paris, para elle apurar a sua arte de organista. E deseja ainda que o Governo estabeleça no Conservatorio a cadeira d'orgão (que os estatutos do Conservatorio já crearam) e que resolva a compra d'um orgão . . . Elle, de resto, te detalhará com mais clareza e desenvolvimento as suas pretensões actuaes e a largura ulterior de toda a sua idéa. E tu, querido, o ajudarás, com a tua dextreza e força, n'esta empreza que verdadeiramente se póde chamar *Santa*.

Ás noticias que de mim te dará o Snr. Lacerda, eu junto apertado e terno abraço.

Teu
José Maria.

LXXXII

Ao conde d'Arnoso

Paris, 29 de Junho 1899.

Querido Bernardo

Tu és uma Fonte de Favores. Aqui venho com a minha bilha. O meu caseiro de Santa Cruz, o famoso José Pinto, o homem das tremendas comezainas, deseja ardentemente uma recommendação para o Juiz de Direito de Campello. Campello (não sei se com um L se com dois LL) é a cabeça da Comarca d'aquella região serrana. José Pinto tem lá uma demanda. Tal como elle m'a expôz, a Justiça *abunda* na sua causa d'um modo transbordante e quasi oppressivo! Em todo o caso, José Pinto, habituado tradicionalmente á amizade dos Juizes de Cam-

pello, e não conhecendo este que é novo, está ardendo por travar com elle relações affaveis.

Tu que, como se diz na Biblia, conheces toda a *sorte e condições de gentes*, talvez conheças quem conheça esse Juiz de Direito. Pelo menos podes ahi, em Lisboa, perguntando bem, achar o caminho que leva a esse Magistrado. E n'esse caso serias infinitamente gentil se me arranjasses a carta de apresentação e recommendação. O nome todo do meu rendeiro é José Pinto de Sousa.

E tu ? Em Cascaes ? Em Cintra ? Tempo aqui horrendo, ora vertendo chammas sobre os pobres corpos nossos, ora ameaçando neve ! Eu, adoentado, sempre saudoso d'esse Paraizo. E as cadeiras ?

Mil affectuosas saudades á prima Mathilde, á boa D. Anna, ao João, etc.

Abraço terno do teu
José Maria.

LXXXIII

Ao conde d'Arnoso

Paris, 20 de Julho 1899.

Querido Bernardo

Ainda bem que a mesma carta me trouxe noticias da colite e das melhoras. Melhoras tão completas que já eras sensivel á esbelta graça da nossa boa Margarida. Ora um dos symptomas de mau ventre é uma casmurra indifferença pelos encantos do feminismo. E quando de novo se começa a sentir um risonho interesse por um feitio de cintura ou por um chapéu bem florido — é que a tripa está restabelecida. O nosso Rosa tambem teve tiphlite. E pensarmos que ha cem annos não existia a desventurosa classe dos « intestinaes »! Luiz XIV, é

verdade, soffria de gazes, e depois Voltaire, de prisão de ventre . . . Mas, á parte estes casos grandiosos, a entranha ordinaria era solida. E agora, meu filho ! . . .

Tambem pelo mesmo numero das *Novidades* soube que te achavas no choque de comboios, em Braço de Prata, e que nada soffreras, nem tu, nem D. Anna, nem João. A Duqueza tambem assim m'o confirmou, logo no dia em que ella chegou a Paris, por um telegramma teu. De certo tiveste um terrivel momento de inquietação. Mas Deus cuida dos bons.

Agora um grosso mólho de agradecimentos pelo bom acolhimento que fizeste ao Lacerda, pela excellente carta que me mandaste para Bayão. Já a remetti ao illustre José Pinto. E Lacerda, esse ? Ha alguma esperança para a sua idéa, para o seu orgão, ou sequer para a pacifica continuação dos seus estudos em Paris ?

Eu escrevo-te, ao acaso, para S. Domingos á Lapa, porque tu, segundo vejo nos jornaes, como pyrilampo em tarde de estio, ora luzes aqui, ora além. Ainda estarás em Pindella, na boa Castellania ? Já estarás em Cascaes ? Entre essas correrias, quando parares em Lisboa, gostava que mandasses encaixotar e remetter-me esses grossos livros que deviam vir com as famosas cadeiras do Guimarães.

Ora é inutil esperar mais por essas cadeiras. Assentos do tempo de D. João v, ha já quatro ou cinco mezes que estão a caminho da tua casa. E têm, segundo creio, quatro pernas! Portanto, naturalmente, com saudades do seu tempo, voltaram para traz, para D. João v ...

E por outro lado, esses grossos folios, que são a *Portugaliæ Monumenta Historica*, alguma falta me fazem para as minhas antiqualhas *Ramiricas* e outras. Quando puderes, escreve. Carta tua é sempre alegria.

Não imagino onde esteja a prima Mathilde, e os queridos pequenos. Talvez n'aquella quinta da estrada de Cascaes. Onde estiver, aqui vão para ella muito affectuosas saudades, e dois grossos beijos para os Snrs. Bernardo e Maria.

Estreito abraço do teu
JOSÉ MARIA.

LXXXIV

A Domicio da Gama [1]

Forest par Chaumes — Seine et Marne.
26 de Setembro 1899.

Querido Domicio

A irregularidade da minha vida epistolar provém de que eu *penso* sempre as minhas cartas antes de as *escrever*. E como as penso inteiras, acabadas, desde a data até ao seu *e. c.*, fico com a illusão physica de que as escrevi, as sobrescriptei, as estampilhei. D'ahi certo espanto quando os amigos se queixam de meu silencio, da minha negligencia —

---

[1] O Dr. Domicio da Gama, embaixador do Brazil em Londres, era ao tempo secretario de legação em Berne, e, pouco antes de receber esta carta, passara uma quinzena em Plombières com Eça de Queiroz.

porque eu, pelo pensamento (e só o pensamento é uma realidade), sou, na minha correspondencia, tão activo como Cicero, quasi como a Sévigné.

Hoje, porém, á cautela, escrevo antes de pensar, porque tambem eu sinto saudades suas e o desejo de conversar. Não sei se o endereço em cima o surprehenderá — ou se já conhecia que, como o rheumatismo da Maria nos não consente a visinhança do querido Mar, tivemos de villegiaturar nos campos. Aqui calhámos por um annuncio de jornal. Forest é uma aldeia tão humilde que nem tem padeiro. São cinco ou seis casas cinzentas, n'uma collina cultivada. Em torno, outras collinas, d'ondulação muito suave, com os campos já ceifados e as mêdas altas ao sol. Aqui e além, uma mancha escura d'arvoredo ou matta. Estradas muito brancas fugindo entre os choupos. No valle mais fundo, tambem entre a sua fila de choupos, um riozinho meio secco e meio afogado em nenuphares. *Voilá Forest.* Tudo isto muito claro, muito arranjado e muito mediano . . . Emfim, a França.

A nossa existencia é tão simples e regular como a sua em Berne. O ar é bom, os pequenos correm. A Emilia, essa, tentou logo nos primeiros dias a byciclette, feriu um pé, teimou por pura teima em não consultar o medico de Chaumes (por lhe lembrar Mr. Bovary !) e tem passado as suas férias

d'aldeia n'um sofá, a lêr os jornaes de Paris. Comigo foi outra aventura. Ha aqui, indigenamente, uns animalculos microscopicos, que penetram na pelle, e produzem uma irritação abominavel — que é uma doença. A minha chegada foi para estes animaezinhos motivo de grande alvoroço e actividade. Cahiram sobre mim, apesar de tão magro, como sobre uma preza appetitosa, *un morceau de Reine*. E em tão doloroso estado me puzeram que tive de fugir para Paris, com elles, a consultar medicos. Em Paris, n'uma civilisação mais incongenere e provida de banhos temerosos, os bichinhos morreram. Voltei a Forest, confiado. Descancei n'essa tarde durante um momento, n'um banco da horta, sob uma faia bucolica . . . E, passada uma hora, estava de novo invadido por uma horda terrivel, que de certo me esperava com impaciencia. Taes são as delicias do campo. Em compensação, ha aqui um velho poço, donde se tira, com um velho balde, uma agua muito leve, muito fina, muito fria, que brota de grandes profundidades calcareas, e que tem exercido sobre a minha pobre entranha uma influencia benefica. E é com saudades que me separo do velho poço de Forest. Essa separação é em breve—talvez sabbado ou domingo. As férias dos pequenos findam, e o outono já anda por entre o arvoredo.

Tambem eu senti grande tristeza com a inde-

cente recondemnação do Dreyfus. Sobretudo, talvez, porque com ella morreram os ultimos restos, ainda teimosos, do meu velho amor latino pela França. Os Suissos, querido Domicio, não se enganam generalisando — e attribuindo o julgamento de Rennes «á propria essencia do espirito nacional». Quatro quintos da França desejaram, applaudiram a sentença. A França nunca foi, na realidade, uma exaltada de Justiça, nem mesmo uma amiga dos opprimidos. Esses sentimentos d'alto humanismo pertenceram sempre e unicamente a uma *élite*, que os tinha, parte por espirito juridico, parte por um fundo inconsciente de idealismo evangelico. Não nego que, ahi por 1848, essa *élite* conseguiu propagar o seu sentimento na larga burguezia, sensibilisada, amollecida desde 1830 pela educação Romantica. Mas logo, com o Imperio, a França se recuperou, regressou á sua *natureza natural*, e recomeçou a ser como sempre, a Nação videira, formigueira, egoista, secca, cupida. Devia talvez accrescentar *cruel* — porque de facto todas as grandes crueldades da Historia Moderna, desde a guerra dos Albigenses até ás Matanças de Setembro, têm sido commettidas pela França. O seu pretendido Humanitarismo e Messianismo do Amor Social é uma mera *réclame*, montada pela Litteratura romantica — que já fazia rugir de furor o velho e vi-

dente Carlisle. E o processo de Rennes provou que a mesma Bondade, a bondade individual, é nella rara, ou tão frouxa, que se some, apenas a França, por um momento, se *constitue em multidão*. Em nenhuma outra nação se encontraria uma tão *larga massa* de povo para unanimemente desejar a condemnação d'um innocente (que sentia innocente) e voltar as costas, ou mesmo ladrar injurias, á sua longa agonia.

Já vae longa a conversa, o papel vae faltando. Por isso reuno aqui, para acabar, todas as affectuosas saudades que lhe manda a casa toda. Quando vem a Paris ? Sabe o gosto com que o verá e o abraçará o seu dedicado

EÇA DE QUEIROZ.

Linen 36 APH9H

EÇA DE QUEIROZ

CORRESPONDENCIA

TERÇEIRA EDIÇÃO

326 a 4

PORTO
Livraria Chardron, de Lello & Irmão, L.da
editores — Rua das Carmelitas, 144

1928

OBRAS POSTHUMAS DO MESMO AUCTOR

A CAPITAL

O CONDE D'ABRANHOS

ALVES & C.ª

CORRESPONDENCIA

O EGIPTO

NO PRELO :

A TRAGEDIA DA RUA DAS FLORES

PAGINAS ESQUECIDAS

303102959W

TAYLOR INSTITUTION LIBRARY
OXFORD OX1 3NA

PLEASE RETURN BY THE LAST DATE STAMPED BELOW

Unless recalled earlier

6.9.2000		